FON FON
ANNO XXIV — N. 6
Rio, 8 de Fevereiro de 1930
PREÇO: 1$000

# O conto brasileiro

## DERRADEIRO ADEUS...

De

CAETANO ESTELLITA PERNET

ONDAS de saudades envolviam o ambiente numa das docas da encantadora Manáos, em a noite de 12 de [illegible] sarapintada de um exercito de estrellas.

Noite fresca e enluarada como só ser as que se debruçam por sobre as regiões amazonicas, repletas de lendas mirificas.

No "roadway", achava-se atracado o "R. Alves", com sua chaminé a despejar incessantes e [illegible] fumaradas as quaes formavam pardacentos lençóes que se iam desfazendo pouco a pouco em contacto com a brisa da ineffavel bahia do Rio Negro.

Rodeadas de fagueiras esperanças, duas creaturas, numa inolvidavel e doce conversação, se despediam, saudosamente, ao meio de uma grande multidão, que enchia o caes. Eram noivos. Iam separar-se. O tempo da separação não se podia positivar.

O joven, de nome Alfredo, de estatura mediana, olhos castanhos escuros, de côr morena, era uma sympathia captivante. Formado em direito, exercia a advocacia. Recebêra uma educação [illegible].

Nice, [illegible] de uma educação apri-morada, era possuidora de um sorriso como o de Beatriz [illegible], dona de uns olhos attrahentes e cheios de doçura, como os que os velhos novellistas italianos chamavam "olhos em coração". Era de um moreno encantador e de uma physionomia [illegible] peregrino. Como [illegible] ineffaveis estavam seus dentes pequenos e alvos d'alabastro. Era detentora da graça que "vale mais que a belleza, porque ella entra aos olhos pelo coração, como um perfume que se sente de longe". Era um modelo de bondade, exemplo de dedicação e meiguice.

No fim do dialogo, Nice e Alfredo, em companhia de suas familias, subiram ao portaló, de onde se dirigiram ao salão de musica onde uma creatura esbelta, irrequieta e dona de uns lindos cabellos de azeviche, executava, sem alma artistica, ao piano, o "Le Chemin de Fer" de Alburn, musica que dá aos ouvintes a impressão perfeita de uma locomotiva em marcha.

Esses minutos, cheios de sons fortes, algumas vezes, estridentes, em outras, augmentavam a angustia que repousava nos corações dos noivos, em cujos olhares pairava uma tristeza e em cada sorriso leve se librava uma saudade... Tristeza e saudade que iam ser cultivadas na ausencia...

Ouvem-se a bordo os primeiros toques da campainha. Inicia-se, então, a azáfama. Começa a grande multidão a descer, apressadamente, a escada que dava para o "roadway". Era um formigar de gente. Ainda, passageiros atrazados empregavam esforços ingentes para galgar o portaló.

Com uma ternura na voz, as saudades retratadas no rosto, a doçura no olhar e o coração em sobresaltos, renóva Nice e Alfredo suas esperanças e ambos renóvam o juramento de amôr, de fidelidade.

Mais alguns minutos, eis o afastamento do vapor, em cuja amurada se achava debruçado Alfredo com os olhos fitos em Nice. Estava como que esquecido dos seus, alli presentes.

Cruzam-se os acenos dos noivos. Eram seus lenços, agora agitados, alvos como uma hostia, saudosos como seus corações, puros como seus ideaes. Era o adeus da separação, entrelaçado de lagrimas e saudades.

O navio singrava, agora, com firmeza e rapidez, as aguas da immensa bahia, beijadas pela luz pallida da lua.

*

Muitas horas eram passadas a bordo, quando um grupo de passageiros divisou a interessante procissão "fluctuante": galhos, ramos, folhas, troncos de arvores, descendo o magestoso e pujante Amazonas, impulsionados pela velocidade extraordinaria de sua enchente. Surgindo esse cortejo, nas aguas do Rio-Mar, nos mezes de

### O COMMENTARIO

*As vistas do Director Geral dos Correios devem voltar-se para a agencia da Avenida Rio Branco com urgente solicitude. Nenhuma outra no Districto Federal, nem mesmo a propria Repartição, tem o seu movimento e a sua importancia. Ponto central da cidade, ponto da passagem de toda a população carioca, offerece aos que carecem do serviço postal vantagens de primeira ordem.*

*Entretanto, apesar de estar relativamente bem installada, ainda lhe falta muita coisa para preencher seus fins de utilidade publica. Devido ao seu pequeno numero de funccionarios, á desordem do serviço e á exiguidade dos guichets, em certas horas é uma tortura infernal querer registrar alli uma carta ou despachar uma expressa. Acresce ainda que as empregadas da mesma não primam pela amabilidade. Antes pelo contrario. Interpretam erroneamente os regulamentos, são pyrrhonicas e tratam com pouca delicadeza as partes, dando diariamente logar a incidentes desagradaveis ou simplesmente comicos. Parece que, quanto á educação, são escolhidas a dedo...*

*Que o dr. Severino Silva observe o que commentamos e certamente providenciará a respeito. Não devem ser poucas já as reclamações que tenha recebido...*

Abril e Maio, verifica-se o desapparecimento dos encantadores taboleiros, que só reapparecem em Junho.

Após quatro dias de viagem nesse grandioso rio, onde se contemplam as mais lindas paizagens, chega o navio ás aguas verdes de Salinas, onde já se faz sentir o balanço do vapor, causando enjôo á maior parte dos passageiros.

Como que acompanhando o levantar e subir do navio em contacto com as ondas impetuosas, Alfredo deixava-se levar, sentado em um banco ao lado de uma senhora idosa e taciturna, aos seus pensamentos, indo e vindo ás recordações dos adoraveis e inolvidaveis dias que tinha passado ao lado de sua Nice, a quem em breve iria desposar.

Em seus incessantes monologos a brodo, Alfredo dizia, ao se ver tão longe della, que o dia risonho e supremo de sua felicidade, dia em que iria unir-se á sua noiva, não estava distante. Já elle o via approximar-se.

Sabia-se sincéra á amizade intensa que lhe dedicára. Si quizessem furtar o seu amor, si a requestassem em sua ausencia, ella saberia resistir. Isso era o sufficiente para encorajal-o na luta pela realização da aspiração que o levava ao Sul.

*

Obtida uma futurosa collocação, Alfredo corre ao telegrapho e transmitte a bôa nóva aos seus.

Muito satisfeito, retorna ao Norte, com o fito alcandorado de

## O CONTO BRASILEIRO

*(Continuação)*

desposar sua noiva, a quem podia, agora, cercar de dias risonhos, de annos inçados de felicidade nas grandiosas plagas sulistas.

Assim, em uma linda manhã de setembro, Alfredo, abraçando os amigos e parentes, com o coração a vender alegrias, galga a escadaria do vapor que, por coincidencia, era o mesmo que o tinha trazido á formosa Guanabara, sempre emmoldurada de inexcediveis bellezas naturaes.

*

A's cinco e meia horas da tarde de 19 de setembro, Alfredo constata o ingresso do navio em aguas do Rio Negro, onde descia a hora crepuscular. Elle não gostou da hora de chegada. Queria-a alegre e radiante como estava seu coração, que iria auscultar o de sua Nice. A hora era a escolhida pelo astro-rei para se despedir do dia. Era a hora da prece e da saudade, e a alma radiante de Alfredo pedia um outro scenario que não aquelle que se lhe antolhava.

Visitado o navio, é atracado ao cáes, onde Alfredo não vê nem a sua noiva nem as pessoas de sua familia.

Correndo melhor a vista, elle divisa no cáes seu pae, que, trajando uma roupa escura, trazia uma physionomia tristonha.

Estampa-se, logo, uma tristeza no rosto de Alfredo. Seu bondoso pae dentro em pouco o abraçava, conduzindo-o ao camarote. Lá, uma vez alli, Alfredo recebe a estristadora noticia: Nice havia fallecido a 13. Uma semana, precisamente, antes de seu regresso, por que tanto ella anciára.

Num relance, tombado pela rigidez do golpe, que lhe era desfechado, Alfredo comprehendeu que seu ideal se tinha desmoronado — seu ideal iniciado com esperanças robustas e bem alicerçadas.

Em casa, seu pae lhe relata os pormenores da triste, deploravel e confrangedora occorrencia, que lhe enraizou no coração uma magoa indescriptivel. Tinha sido victimada em poucos dias por uma febre pertinaz, que não teve o devido combate por parte do medico, cuja impericia no caso se evidenciou.

Estava fenecida a risonha ventura, que ambos tinham idealisado, com as almas e os ideaes irmanados.

*

Nos dias que correm, Alfredo, em frente á louza fria do tumulo — acobertado de cyprestes e rodeado de roseiras — trilhando o caminho das recordações, "que são o fructo mais duradouro do amôr", lembra-se com o coração a sangrar de dôr da separação, da despedida e do Adeus que Nice lhe déra na inolvidavel manhã de 12 de Maio.

Tinha sido esse o seu derradeiro adeus.

Ubatuba, São Paulo, 13, Janeiro de 1930.

# O meu balão!

TINHA Eduardo Prado carinho encantador pela historia patria, pelas tradições brasileiras; por isso não deixava as idéas monarchicas, não aceitava o arremedo ás instituições da America do Norte, apontando na *Illusão Americana* este pequenino texto de discurso de Pericles:

"Dei-vos, ó Athenienses, uma constituição que não foi copiada de nenhum outro povo. Não vos fiz a injuria de dar-vos, para vosso uso, leis copiadas de outras Nações".

Entendia, revistindo os pensares de verdades fundamentaes, que as Nações devem reformar-se dentro de si mesmas com a propria substancia, como todos os organismos vivos, só incorporando á sua vida os elementos exteriores que forem naturalmente absorvidos.

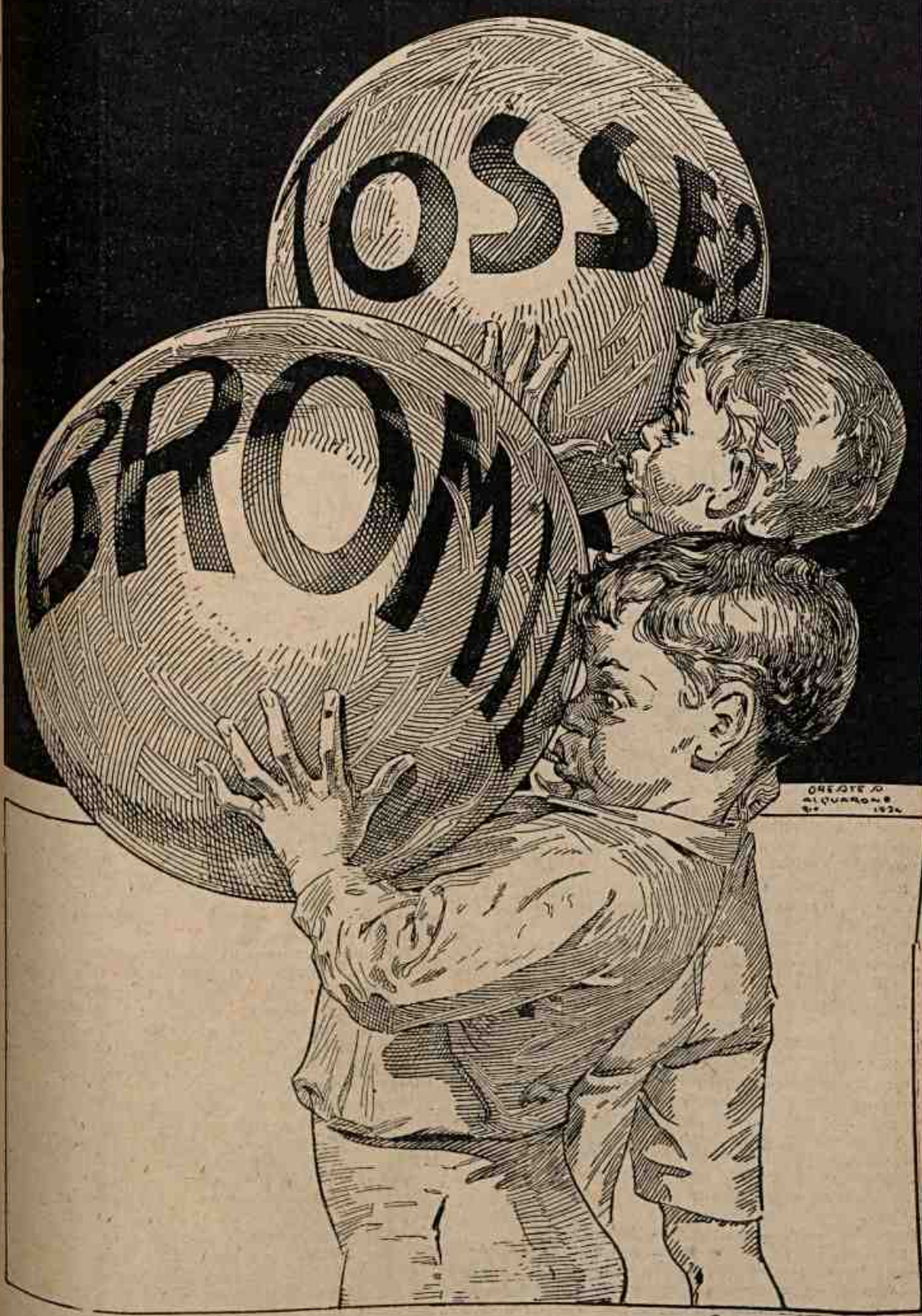
Assim pensava elle. Affonso Arinos, seu grande amigo, enlevado admirador e sobrinho affim, é quem nos lembra este passo do insigne autor.

Amigo intimo do Prado, admirava-lhe o talento peregrino o genial José do Patrocinio; e, comquanto apreciasse o fundamento dos pensares do outro, sempre que tinha opportunidade de conversar com elle, procurava contrariar-lhe, afim de discutirem, por vir muita luz da discussão.

De uma feita, ao despedir-se José do Patrocinio de Eduardo, que seguia com destino á Europa, falou com enthusiasmo do seu *Santa Cruz* e, em seguida, das idéas monarchicas do viajante illustre, exhortando-o, com a imaginação ardente e fecunda, a adherir á Republica.

Ouvia-o religiosamente; e, quando o navio deu o signal de partida, entre risonho e ironico, disse-lhe o nobre Eduardo:

— Adeus, Zé do Pato! Já me expuzeste admiravelmente o mecanismo do teu *Santa Cruz*; e combateste com grandeza de espirito a minha excentricidade philosophica. Está certo! Fica com as tuas idéas, e eu ficarei com as minhas. A monarchia é o meu balão!

HORMINO LYRA.

TOSSE?
BROMIL
ORESTE D. ALQUARONE 1934

# Amor

Por Walter de Sequeira

FÔRA só ao declinar a juventude dos Sodré, que a natureza lhes permittira a dita de possuir uma filha.

O pae pouco tempo sobreviveu.

No emtanto, Solange, a menina, mostrou, desde cedo, ser uma intelligencia superior. A arte commovia-a ao extremo e era a penna a sua maior companheira.

Dina, a mãe de Solange, impotente para lutar com a natureza, sentia que os annos que lhe traziam a velhice, lhe alquebravam a saude tambem. Teve medo, então, de deixar a filha só no mundo. Solange era muito joven; contava apenas treze annos.

Um velho millionario das relações da familia apaixonou-se por Solange. Dina, não vendo outro recurso, obrigou a filha a consorciar-se com elle.

Só depois de casada, Solange comprehendeu o horror daquella união. Era escrava de um homem que não lhe possuia a alma. Fez sentir ao velho toda a repugnancia que aquelle casamento lhe inspirava. E o pobre homem o comprehendeu, desolado.

Tendo dotado a esposa, partiu para longe. Queria esquecer a magoa daquelle amor e evitar a Solange o desgosto de vel-o sempre.

Tal nobreza de procedimento muito commoveu Solange, que se sentiu, por isso, mais presa a elle. Seu coração de menina, porém, percebeu que o seu sentimento jamais passaria de veneração.

Decorreram alguns annos.

Solange se havia dedicado completamente á sua vocação. Era o unico prazer que agora poderia ter na vida. O amor, apesar de todos os anseios de seu coração sentimental, lhe era negado.

Os seus romances, os seus contos, onde ella chorava a dôr de sua alma, tornaram-na em breve popular, deram-lhe a celebridade sonhada. Passou a ser uma figura de destaque na alta sociedade.

Parecia feliz. Mas, um dia...

Organizava-se uma festa de arte e ella era uma das figuras principaes. Num dos ensaios, Solange notou que um bello rapaz a olhava extasiado. Sem querer, estremeceu. E não resistiu ao desejo de travar conversação com elle. O affecto, a sympathia, o prazer, assaltaram-lhe o coração, fazendo-a experimentar emoções desconhecidas.

Roberto passou a procural-a sempre, em festas, em bailes, na rua, emfim, em todo logar onde sabia que ella estava.

Ignorava o passado daquella mulher; sabia apenas o renome que ella possuia e o amor que lhe despertára no coração.

E, de encontro em encontro, de passeio em passeio, Solange viu-se um dia deante da tremenda realidade. Amava-o. Seu coração pulsára verdadeiramente. Amava-o, como poucas pessoas têm amado.

Que fazer? Como mandal-o embora? Depois que seu marido partira e annos após sua mãe fallecera, havia feito sigillo sobre o seu passado. Com o dinheiro do dote fôra buscar uma tia pauperrima para morar em sua companhia, e quando, como escriptora, entrara na sociedade, tinha deixado que a tomassem por solteira. Queria evitar commentarios maldosos.

Como, então, explicar a Roberto que era casada? Mesmo não sentia coragem de afastal-o de si.

Entregar-se, na qualidade de amante, era-lhe impossivel. Sentia pelas mulheres casadas que assim procediam, repugnancia e desprezo. E o destino acabava de pôl-a na mesma situação das outras. Foi com horror que o reconheceu; mas jurou que jamais assim procederia.

Resolveu, então, transformar o seu amor a Roberto em uma amizade innocente. Seriam amigos apenas.

E os dois continuaram a encontrar-se sempre, sempre juntos, sempre a trocar idéas.

Quando elle, dominado pela paixão, ia falar de amor, ella lhe fugia, apressada.

Um dia, em conversa, Solange soube que Roberto era o irmão mais moço de seu marido. Só então achára a causa por que desde muito notára uma semelhança entre elle e o outro.

Aquella semelhança, agora, vinha separal-os ainda mais. Ser-lhe-ia impossivel amar Roberto; mas era uma felicidade amarga a que experimentava, procurando encontrar-se com elle, como simples amiga.

Por vezes, tinha raiva do nome que possuia, da sua consciencia, da sua intelligencia, que a faziam comprehender o horror daquella situação, e não lhe permittiam romper preconceitos, como rompiam as outras. Sem idéas de honra, aquellas podiam ser felizes emquanto que ella...

Mas, apesar de tudo, Solange mantinha-se horrorizada em dar aquelle passo. Ella não se pertencia, porque era de outro. Como, então, offerecer-se a Roberto? E a semelhança delle com o marido não a faria lembrar sempre que ella era uma escrava? Escrava de um compromisso?

A's vezes, numa festa, num passeio junto ao mar, em que vibrava a sua alma de romantica, sentia-se revoltada contra o destino e tudo desprezava para voar a elle cheia de ternura, cheia de amor. E Roberto via-lhe os olhos languidos e humidos, a bocca num sorriso doce, a physionomia envolta num extase infinito. Comprehendia, então, que era amado. E quando ella lhe fugia, pairava-lhe uma pergunta atroz: "Por que?"

Muitas vezes, as pessoas que observavam Solange vinham dizer-lhe, maldosamente, depois desses minutos de prazer:

— Então? Parece que estás gostando de Roberto...

Ella estremecia, julgando ver descoberto todo o seu segredo.

Um amor tão grande, sendo correspondido da mesma maneira, parecia impossivel que fosse obstado. Dir-se-ia que a sua realização faria a felicidade completa de ambos e por não ser isto permittido na terra o destino levantára aquella barreira entre os dois. Talvez pelo impedimento existente entre elles é que se amassem com tanta loucura.

Solange comprehendia a impossibilidade daquelle affecto em qualquer circumstancia; si se entregasse a Roberto havia de revelar-lhe o segredo e elle, caracter nobre, se afastaria della para sempre; si só mais tarde elle viesse a saber, votar-lhe-ia um desprezo que ella não poderia supportar.

E Solange gostava tanto delle, que já não lhe era possivel viver assim.

Tinha raiva de seu proprio corpo, que não podia pertencer a Roberto. A alma, sim, era sua, e pertenceria a elle, sem remorsos, se não estivesse escravizada. Ficou cheia de raiva, Solange teve uma resolução de louca.

Quiz libertar a alma, para que essa pudesse amar Roberto sem constrangimento e pairasse sempre junto delle.

Apanhou um punhal e golpeou-se.

Pouco depois, o seu corpo jazia inerte, no chão...

Quando Roberto o soube, ficou desesperado, sem poder comprehender a causa, o motivo daquella tragica resolução.

E nunca suppoz o quanto aquella mulher o tinha amado.

# AS ESMERALDAS

— Você sabe quem sou eu? Sim..., quando veiu ver-me... Talvez queira, como tantos outros, que lhe revele meu segredo. Desgraçado! Deus queira que sempre ignore como se fabricam as esmeraldas!

"Apesar de meu aspecto vulgar, fique sabendo que eu sou um ser extraordinario. Por isso me trouxeram aqui. Uns são considerados gémos, outros, loucos. Eu devo figurar, segundo os medicos, entre os ultimos.

"Devo declarar-lhe que cheguei a ser o que sou graças a uma mulher. O amor é a grande força da vida. Um homem apaixonado é capaz de tudo. Si Maria me houvesse dito: "Quero uma estrella para collocal-a na minha fronte como um diadema de luz" — eu teria roubado para ella o mais brilhante dos astros.

"Porque seus olhos me olhassem com amor e sua bocca me sorrisse alegre, eu me sentia capaz de tudo. Por ella, cheguei a averiguar como se fabricam as esmeraldas.

"Uma noite... Haviamos parado deante de uma joalheria. Maria, com a fronte apoiada no crystal da vitrina, para ver melhor, contemplava com olhos de inveja todas aquellas formosas pedras de luz.

"Eu a observava intranquillo.

"— Vamo-nos?

"— Não... Ainda não... Espera... um minuto mais... Não me canso de ver... Meu Deus, como é lindo tudo isso!

"E em extase de admiração, com voz tremula de desejo, ella accrescentou:

"— Olha esse diadema de brilhantes... Como fulguraria sobre o negro de meus cabellos!

"Falava exaltadissima, apertando-me o braço com força nervosa.

"— Oh, olha que rubis! E' uma gotta de sangue fresco? E' uma estrella tingida de purpura? E' uma rosa que se petrificou ao morrer?... Como ficaria bem fulgindo em um dos meus dedos! Oh! E essas perolas? Repara bem. Como haviam de brilhar incrustadas em minhas orelhas!

"De repente, ella deu um grito:

"— Oh, olha esse collar de esmeraldas!

"Ficou como que deslumbrada, os olhos fixos na preciosa joia.

"— Vês que luz, que brilho, o dessas pedras? Como as pupillas de Minerva, têm todos os matizes do verde. Ficariam tão bem sobre a torre de meu pescoço!

"E, com voz imperiosa, cravando seus olhos nos meus, ajuntou:

"— Preciso desse collar!

"— Mas, estás louca?!

"— Preciso delle! Quero-o para mim! Verás o que fazes... Compra-o, si puderes. Rouba-o, si não podes compral-o... Preciso delle! Si tu não puderes, outro haverá que...

"Não a deixei terminar a phrase.

"— Por que disse isso?... Ameaças-me?

"— O collar! Preciso do collar!

"Havia tal energia em sua voz e em seu olhar que eu lhe disse, para acalmal-a:

"— Tel-o-ás... Não sei como... Mas o terás...

"E entrei decidido na joalheria.

"— O preço dessas esmeraldas? — perguntei.

"— Dez contos de réis.

"Dez contos de réis!... Fiquei aterrado. Como podiam valer aquellas miseras pedras tanto dinheiro?

"— Dez contos de réis, disse o senhor? — perguntei de novo ao vendedor.

"— Sim, senhor — respondeu-me elle.

"— Bem. Pois o collar é meu. Voltarei para leval-o... qualquer destes dias.

"— Quando quizer.

"Dez contos de réis!... Mas por que as joias hão de ser mais caras que as flores?... Desde aquella funesta noite, Maria me perguntava sempre:

"— Trazes o collar?

"— Amanhã — respondia-lhe eu.

"— Sim! Amanhã... Como hoje! Sempre amanhã!

"E ria com riso cruel.

"Pensei, em minha desesperação, que talvez não fosse desatinado tentar a fabricação de esmeraldas. Li quantos livros de chimica encontrei na bibliotheca, e só pude descobrir

MIGUEL SAWA

...esmeralda é "uma ... de côr verde, com... de silicato de alu... e de um óxydo cha... glucina".

"Mas, apesar de todas ... experiencias que fiz, ... obtive resultado.

"Uma noite, era já um ... tarde, ao passar ... joalheria, vi que ... só havia um em... Entrei decidido.

"— Esse collar de es... que está na vi...

" — Aquelle que o senhor viu ha dias?

" — Sim.

" — Já sabe o preço?

" — Sim, já o sei.

"O empregado foi buscar o collar. Mostrou-mo.

" — E' artigo muito bom! — exclamou. — Que pedras!

" — Sim. São muito bonitas.

"Era a occasião. Atireime sobre elle, inopinadamente. Tapei-lhe a bocca, para evitar que gritasse, emquanto que, com a outra, o agarrei pelo pescoço, apertando-o com força.

"Depois, lhe arrebatei o collar, e sahi correndo.

"Aquella noite, como todas as noites, Maria me esperava impaciente.

" — Trazes o collar?

" — Sim. Aqui o tens.

Bateram á porta. Maria olhou-me, espantada.

" — Quem poderá ser?

" — A policia!... Vem á minha procura! Assassinei o joalheiro, para roubar-lhe este collar!

" — Tu?!!... A policia!...

E levarão esta joia?...

"Eu quiz estrangulal-a, como o fizera com o homem da joalheria. Mas ella fugiu. Fugiu com o collar.

.... .... .... .... ....

"Desgraçado! Agora você já sabe como se fabricam esmeraldas! Ensinei-lhe o meu segredo!"

M. O.

(Illustrações de Marcelo Roberto)

# MODESTIA

HOMEM "modesto" é, em regra, homem inoffensivo. Os buracos de sua illustre roupa drenam para longe a porção de maldade que lhe vae na alma, tornando-o, assim, uma especie de carneiro manso, que tudo perdôa, até o algoz que lhe tira a vida e pouco depois a pelle.

Por isso, e ainda mais pela candura immensa dessa illustre casta, adoro e até certo ponto admiro os homens "modestos".

Aquelle celebro grammatico grego Philetas era o prototypo da simplicidade e da modestia.

Até no tamanho!

Segundo os seus compatriotas, era tão pequenino e tão insignificante, que tinha necessidade de chumbar os sapatos, para não ser levado pelo vento...

Alem do mais, é preciso não esquecer que esses homens são deliciosamente felizes. Embora ingenuos, e talvez por isso mesmo, não crêm na intelligencia dos outros, mas, em compensação, crêm firmemente na sua e têm em alta conta a propria personalidade.

E' justo, natural, e ninguem lhes quer mal por isso.

Pelo contrario.

O homem que se diz intelligente e sabio, embora não o seja ou não o prove; o homem que trombeteia calmamente, philosophicamente, con seio de sua impunidade, o valor extraordinario de sua cabeça, esse homem — digo eu — merece a homenagem culminante de uma estatua pelo que affirma de si proprio, e, posthumamente, o Pantheon, si conseguir que os outros acreditem...

Pingaram-me da penna estas considerações, ao conhecer mais um caso mórbido, perfeitamente explicavel pela medicina moderna, de um homem quasi irritante, que confunde, como tantos outros, a verdadeira significação da simplicidade.

Pensando que buraco é saber, acredita fanaticamente que o sól nasce para todos, e a intelligencia para elle e mais meia duzia...

Felizmente, a Inquisição não existe para gáudio do philosopho moderno, e nem vae prender agora quem affirmar que a terra gira...

Mesmo que não girasse, Gallileu seria hoje uma alma candida, inoffensiva e sonhadora, mas nunca um destruidor de idéas já estabelecidas e consideradas firmes, como as Pyramides eternas que as tropas de Napoleão contemplaram.

O proprio propheta da Gavea, que se diz enviado de Deus, foi poupado á cadeia, que é o supplicio moderno.

O homem de hoje, essa machina infernal que incensará Judas e eternizará no bronze a alma satanica de Nero, olhou para o pobre mexicano que prégava e disse-lhe, apontando as portas sombrias do hospital: "Paranoico!"

Movimentos simples de um coração bem formado: impulsos de uma alma nobre que pensa num gesto largo de braços, alcançar, abraçando-a, a humanidade que soffre; tudo isso é explicado na molestia que gerou as angustias da personagem vacillante do drama shakespereano: Paranoia.

Alma ingenua das ruas, pobre prégador das longinquas terras do norte, d'aqui de minha mesa de trabalho envio-te um grande abraço fraternal, e sinto, com profunda tristeza, que o homem dos buracos bem merece o diagnostico que te fizeram e o catre de hospital que te arranjaram.

DERMEVAL DE OLIVEIRA

# Os Perigos da Vida

## Como os Rins Ficam Doentes

## Doenças do Coração

## Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de Ventre-Livre em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando Ventre-Livre

## Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar Ventre-Livre meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que appareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

## Olhe

**Ventre-Livre Não é purgante**

Os Medicos sabem que os Purgantes, principalmente as Aguas Purgativas, os Sáes Purgativos, os Pós Purgativos, os Xaropes Purgativos, as Capsulas Purgativas, as Tinturas, Pastilhas, os Oleos Purgativos, os Azeites Purgativos e as Pilulas Purgativas, são todos violentos irritantes e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um Vigorizador Especial das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão Ventre-Livre faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use Ventre-Livre, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

**Não Esqueça Nunca:**

**Ventre-Livre Não é purgante**

**CAPICHABINHA** (E. Santo) — Uma cartinha azul. Deve ser de uma creatura ingenua. O azul sempre nos suggere sentimentos mentirosos — porque é a côr do sonho. Mas, por isso mesmo, é que esses sentimentos são bons: porque são mentirosos.

"Yves. Como leitora assidua do "Fon-Fon" e principalmente do "Saibam Todos", sempre tive um desejo immenso de escrever-te, pedindo o estudo da minha lettra. Sei que serei bem recebida, pois confio na generosidade de receberes bem uma capichabinha gaiata.

Yves, sou ainda muito criança, é verdade, mas bastante discrente de tudo no mundo; confesso sinceramente, que algumas vezes sinto-me sem forças para encarar as grandes tristezas que encontramos na vida. Talvez, (assim creio) por me conhecer bastante imperfeita.

Queria portanto, Yves, que me prestasses esse grande favor.

Pode ser franco commigo, dizendo todos os meus defeitos, e assim, com a força de vontade que possuo, poderei ser mais tarde uma mulher de raras virtudes; talvez no meio de tantas imperfeições, encontres uma qualidade bôa, não achas?

Conto, portanto com a sua bôa vontade e envio-te o meu verdadeiro nome.

Fico-te muito grata e peço-te responder para o pseudonymo de — Capichabinha."

Ahi está. Bem previ que a sua cartinha era a de uma creaturinha ingenua... Tão ingenua que suppoz mesmo que eu fizesse a sua graphologia...

**ATTENCIOSO** (S. Paulo) — Graphologia? Mas vejamos antes o seu p e d i d o. Eis como o sr. formula:

"Illmo. Sr. Yves. Rio de Janeiro. Bôas-Festas e feliz Anno Novo; eis o voto que faço para a felicidade de V. S.

Prezado Sr., sou um assiduo leitor do "Fon-Fon", o qual faz me passar algumas horas de deleite, lendo a sua secção "Saibam Todos".

Apracio a esthetica de sua linguagem e tenho grata impressão por encontrar em suas b e l l a s phrases,, "engenho e arte".

A sua intelligencia faz-me admirado, que eu me confesso o seu admirador. "Que a sua cultura intellectual é um vasto campo no qual se caracterisa o seu saber, — é a mais pura das verdades". Nelle acho tudo quanto é sublime, porque ali existe a literatura e a literatura é a verdadeira sublimidade.

Gosto da sua franqueza nas respostas e da attenção dedicada a todos os seus consulentes; franqueza essa que se torna engraçada, pela elevação do seu espirito.

Tomando a liberdade de escrever-lhe esta, solicito-lhe o estudo de minha letra que muito gostaria de saber. Embora seja obscura a significação da mesma, 3 eu merecedor das suas descompostúras, atrevo-me neste pedido rogando-lhe a fineza de responder pelo pseudonymo: Attencioso.

Esperando receber a sua amavel mercê e sua nobre condescendencia.

Subscrevo-me: De V. S. Amº. Attº. Obgdo."

Ahi está. A sua carta é muito delicada. Tudo nella indica a presença de um espirito feminino. O desenho da letra, o estylo, a cortezia... Ora, que não diria o sr. si eu o chamasse de "jeune fille?" No minimo o sr. me dispararia o seu revolver pelo... correio ou pelo radio...

**YARA**(?) — Yara! Bello nome. Recorda pelo menos as lendas amazonicas, em torno desse mytho.

Quanta seducção não suggere a belleza desse nome: Yara!

No emtanto, V. Ex., (oh! os decepcionadores contrastes!) com o seu lindo nome indigena me faz crêr estar deante de uma poetisa... de verso de pé quebrado.

Mas não a estarei julgando a *priori*? Não haverá nisso uma injustiça? Leiamos primeiro a sua missiva:

"Senhor Yves. — Interessando-me muito a secção "Saibam Todos" de vossa conceituosissima revista "Fon-Fon", e sendo eu uma humilde admiradora das poesias ouso submetter á vossa apreciação o meu primeiro trabalho, fraquissimo na verdade, mas fructo de arduos esforços.

Peço a vossa abalisada opinião sobre a minha producção, perguntando-vos si devo continuar alimentando as minhas esperanças de figurar algum dia no ról das poetisas.

Subscrevo-me grata,

YARA."

Agora, vamos á poesia:

*DESESPERO*

*Lá na cópa d'uma alta palmeira,*
*Deixou um sabiá seu feliz ninho,*
*Sob o olhar da fiel companheira,*
*Que velava um rico filhinho.*

*Fôra elle em busca de alimento*
*Para ambos que lá tinham ficado*
*Mas eis! sem nenhum presentimento*
*Nas mãos de um vil fica aprisionado.*

*A noite tristonha então chegára:*
*Mãe e filho bem alto clamavam*
*Pelo pae que fôra e não voltára.*

*No dia seguinte já bem cedinho*
*Os raios do sol illuminaram,*
*Dois cadaveres num mesmo ninho.*

YARA.

Isso a admittir que o seu progresso literario caminhe com a velocidade da luz solar que, se não me engano, percorre 311.000 kilometros em cada segundo...

O seu primeiro trabalho poetico é uma bôa promessa.

Tenho quasi certeza de que os meus tataranetos, no seculo vindouro — em 2030 — terão o prazer de se deliciar com as suas poesias.

**MONSIEUR X** (S. Paulo) — Oh! a sua correspondencia é deliciosa. Por dois motivos: primeiro porque a sua collaboração é engraçada; depois porque a sua missiva é de um magnifico humorismo funebre.

Vejamos a carta:

"Meu Caro Juiz. Remetto-lhe dois ligeiros trabalhos, ou antes tentativas. Como quizer...

E' possivel que os Manes de Bilac me amaldiçoem; por outro lado, não é difficil, bem sei, estremecerem na cova as cinzas do autor de "Quincas Borba".

Entretanto, como pegue i da penna com a melhor das intenções, espero que o simples facto de passarem taes trabalhos por suas mãos, seja sufficiente para "purifical-os", evitando-se, assim, a consummação dessas desoladoras hypotheses.

E' ainda por motivo das [illegible] mas que deixo de prolongar estas linhas.

Até lá pela sua Secção!

Muito seu, etc.

P. S. — Verso ou chronica, sendo publicados, serão "loteria", na qual acertei. Em todo caso... aqui vae um palpite, quero dizer, um pseudonymo, a que darei preferencia: — Monsieur X.".

Publicando a carta, não posso roubar ás leitoras bonitas o prazer de conhecer a sua producção.

# Offereça...

## Alegria-Esthetica-Felicidade

"O presente que segue presenteando"

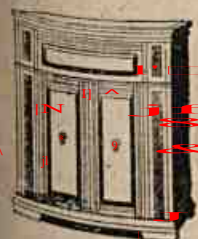
**Porque não levar aos entes queridos a inspiração suprema da musica?**

Nenhum presente é tão bem recebido e tão estimado como uma Victrola Orthophonica, um novo Radio Victor ou a nova e famosa Radio-Electrola Victor.

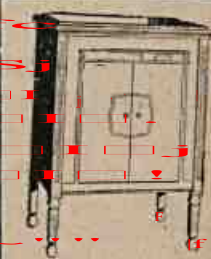
Cada movel Victor é um triumpho esthetico ... tanto em construcção como em mão de obra. Tanto o dono de um lar modesto como o do palacete mais sumptuoso, sentirão orgulho em possuir um destes instrumentos. Visite hoje mesmo qualquer commerciante Victor de sua localidade e peça-o que lhe faça uma demonstração dos ultimos modelos que lançamos no mercado. . . .

Sem duvida alguma V. S. encontrará um que agrade e que poderá ser adquirido por um preço extremamente modico.

Victrola Orthophonica Modelo 4-40

Modelo 2-55

Modelo 10-35

Modelo 4-20

Radio Victor Modelo R-32

Radio-Electrola Victor Modelo RE-45

*A Nova*

# Victrola

*Orthophonica* e

## Radio-Electrola Victor

Distribuidores Geraes: Paul J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 81; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 137; Vasco Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 41; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121, Roberto Donati & C., rua do Ouvidor, 153; Nascimento Silva & C., rua Sete de Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington Barbosa & C., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaeffer & C., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Bohm & C., rua Assembléa, 71; Compassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelardo Salgado & C., rua S. Christovão, 211; Casa Mercedes Ltda., rua Sachet, 19; S. Carvalho & C., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor; Harvel Villela, rua 13 de Maio, 64; J. F. Mello & C., rua Marechal Floriano, 229; Carlos Wehrs & C., rua da Carioca, 47; Lino José Barbosa, Av. Rio Branco, 159.

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION—RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA, CAMDEN, N. J., E. U. da A.

literaria. O titulo é fascinante: *Cinema*.

Aqui vae apenas uma amostra... para desperdiçal-a. Eil-a:

CINEMA...

*Cruel! Sim ! Oh! — quanto cruel foste e continuas sendo. Achas lindo alguem segredar-te: — Cruel... Talvez, depois de "encantadora" seja a palavra que maior contingente traz á tua vaidade de mulher... Entretanto não sei como chamar-te de outra maneira sem recorrer a adjectivos bem menos agradaveis á tua alma delicada, fragil, artificial...*

*Recolho-me ao meu Eu torturado: procuro, naufrago do amôr, nos escaninhos da memoria imagens outras que não a tua, episodios onde não me envolva o perfume exquisito e doce dessa noite orvalhada dos teus cabellos de ebano, e consigo apenas perder-me nas mil tramas que inconscientemente teceste. E paradoxalmente sahem-me do coração anathemas e lithanias! — Amo-te sem estimar-te — Circe que fizeste aquella pobre viscera usurpar-me tudo o que pertencia á Razão. Nos poucos momentos em que esta arroga-se liberta, independente, reflexiono, ou assim o supponho... — "E' o cinema da vida, afinal!" Cinema, cinema que lembra o Mundo da futilidade; futilidade, futilidade... da qual és a mais perfeita encarnação.*

O sr. é extraordinario. E' um acrobata da palavra. Da palavra e do amor. E' curioso. E' acrobata, chefe de trem, caramujo, ("excusez du peu")... Em summa, o sr. é um homem que realisa maravilhas... Basta dizer que usa uma linguagem arrevesada, construindo periodos na ordem inversa: "Oh! — quanto cruel foste..." — dando a impressão de que é chefe de trem — e faz o comboio andar para traz e para frente.

Ao mesmo tempo, o sr. parece um acrobata, naufragando no amor e procurando imagens nos escaninhos da memoria; e é semelhante a um caramujo, quando declara: "Recolho-me ao meu *Eu* torturado..."

O sr. subverte as leis da anatomia. Até aqui, o coração era classificado como musculo, pela anatomia; agora, o sr. o o reduz á condição de viscera.

Não! O sr. é estupendo, não ha duvida.

O seu soneto *Incoherencia* é outro desastre, "mon cher Monsieur X..."

JACY (S. Paulo) — Poetisa? Mais uma? Vejamos o que V. Ex. deseja de mim. Vamos á sua missiva. Dois pontos:

"Senhor Yves. Ha já muito tempo que desejo escrever-lhe, e só hoje me resolvi fazel-o; e sabe o sr. para que? Para pedir-lhe que

## SAIBAM TODOS...

*(continuação)*

me diga sinceramente, o que pensa do soneto que ora lhe envio, o qual é de minha lavra... Eu, sr. Yves, tenho uma enorme vontade de ser algum dia uma poetisa de algum valor, e por isso peço-lhe encarecidamente, se tenho ou não, geito para fazer poesias... Se não lhe escrevi ha mais tempo, é porque tenho um medo doido da critica... mas, como precisava de saber a sua opinião, resolvi ser um pouco mais forte, e pedir-lhe que diga francamente o que pensa do meu soneto. Peço-lhe que seja sincero e... que não me desanime muito.

Da sua sincera admiradora.

Peço-lhe que me responda, sem por o meu nome, faça de conta que me chamo Jacy..."

Resposta: Não tenho elementos para uma affirmação categorica: mas tudo me faz crêr que V. Ex. não é autora do soneto que me envia. Já o li com uma outra assignatura. Talvez de um poeta do ultimo quartel do seculo XIX. Mas si o soneto é seu, ou de quem quer que seja, direi que a forma não é má, mas o thema é bom. Technicamente está bem passavel.

A minha duvida sobre a autoria do soneto, pode ser uma injustiça á sua pessoa. Mas que quer? Bem sabe que leio o caracter das pessôas através da letra. E a sua revela má fé, debuste, preoccupação com pequenices, etc. Portanto, não é de estranhar que V. Ex. tenha copiado a tal poesia e m'a tenha remettido. Essa preoccupação é muito commum nas pessôas que têm a sua graphia: letra miudinha, leve e lenta.

Duvido tambem que o soneto seja de sua lavra, porque V. Ex. escreve mal. E a sua producção (?) revela elevação de pensamento, um certo raciocinio, e só indica cultura.

E escrever mal e cultura são coisas que se não harmonisam n'um só cerebro. A menos que V. Ex. não tenha duas cabeças como Jano, — uma destinada á intelligencia, outra...

Paremos aqui. V. Ex. tem horror a ironias. E não quero que me supponha ironico com uma poetisa paulista...

ATOMO (?) — Eis a carta que V. Ex. me escreve, sem tirar nem pôr uma virgula:

"Yves. Cordeaes saudações. Creio não precisar dizer-lhe que lerá em a minha letra que não sou letrada nem litterata e que o meu caracter é vulgar. Ser original, é uma cousa tão extraordinariamente captivante, tão extraordinariamente bella! As creaturas, raras originaes, que tenho conhecido, teem me impressionado mui fortemente; haja visto o Yves, a quem conheço ha alguns... pelo "Fon-Fon", pelos retratos através em revistas semanaes, através En "Saibam todos" pelo "Suave e levo" etc... [illegible]

Não tenho competencia para julgal-o, só ouso dizer: "esse livro me abstrahiu tão completamente da minha vida, que ao terminal-o... foi como si accordasse, ..."

Isso não é elogio, nada de elogio; nada valeria um elogio de desconhecida mediocre; feliz é um mim, que me conheço. Este grande elemento para um retrato graphologico, que tomo a audacia de pedir-lh'o, enfrentando com calma toda a esplendida ironia que lhe é peculiar; é natural que o fino espirito do Yves me colloque ao devido lugar.

Não vae aqui, NB, nem re-

Seja ou não attendida, sincera pela sua valiosa attenção; apreciadora. Pseudonymo: (Atomo)"

V. Ex. me pede a sua graphologia e faz um enthusiastico elogio ao meu livro. E' ahi que está o busilis. A sua letra é má... o seu elogio é bom... Que fazer?

Dizer a verdade, não é possivel.

Assim, eu lhe agradeço o encomio que tece ao O Suave [illegible] deixo a sua graphologia para melhor quando a sua graphia melhorar — de modo que só tenho o direito de lhe dizer coisas amaveis...

---

*Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

*Graphologia — Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico:* 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

**ENDEREÇO:**

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone 2-4136

FON-FON — 8-2-930

Data da consulta ..........

Nome do consulente ..........

..........

# ALMA DE ARTISTA

O olhar directo do commissario de policia pousou sobre o individuo plantado deante delle, numa attitude humilde e, como um feixe de luz, partida de um pharol, percorreu da cabeça aos pés.

Verdadeiramente, esse homem não parecia um forçado: o seu rosto era magro, amargo e glabro, de traços muito delicados, e os seus olhos tinham a expressão de um venciido. Quanto ás suas vestes, luzidias e batidas, estavam quasi limpas.

— O seu nome?

— Alfredo Mustier, sr. commissario. Trinta e seis annos, natural de Roubaix, moro á rua Alesia, 74.

— Que significam as inexplicaveis depredações praticadas pelo senhor no armazem do sr. Burgsheim, o qual, na opinião de todos, é um negociante perfeitamente cortez e honrado.

Alfredo Moustier traduziu a sua ignorancia em dois tempos: primeiro os seus braços se ergueram, como levantados por um fio, e tombaram, inertes, como os de um boneco; depois, elle ergueu os hombros pontudos.

Emfim, tendo-se recolhido num breve instante, elle se decidiu a falar, com uma voz mal timbrada, sem força e sem calor, mas cujas inflexões não eram nada vulgares.

— Não sou um deshonesto, sr. commissario. A minha historia, eu lh'a contarei, si m'a quizer escutar.

— Fale, então!

— Pois bem! Eil-a aqui: Vim a Paris. Aqui cheguei ha quinze annos, com o desejo de fazer theatro ou cinema. Que quer? Eu era um [illegible] vocação para uma coisa ou outra desde a infancia, e, o senhor sabe quando...

— Sim, sim, adeante!

— Ouça, sr. commissario. No começo, tive opportunidade de fazer o figurante. Essas opportunidades se tornaram mais raras. Até que um dia fui obrigado a procurar um outro emprego. Qual foi esse emprego? Ignora todo e qualquer [illegible]

# DE DANIEL POIRE-

Sr. Então, — isso remonta a dezoito mezes, quasi — fui á casa do sr. Burgsheim, de quem havia lido um pequeno annuncio em um jornal, e acceitei em fazer o urso.

— Fazer o urso?

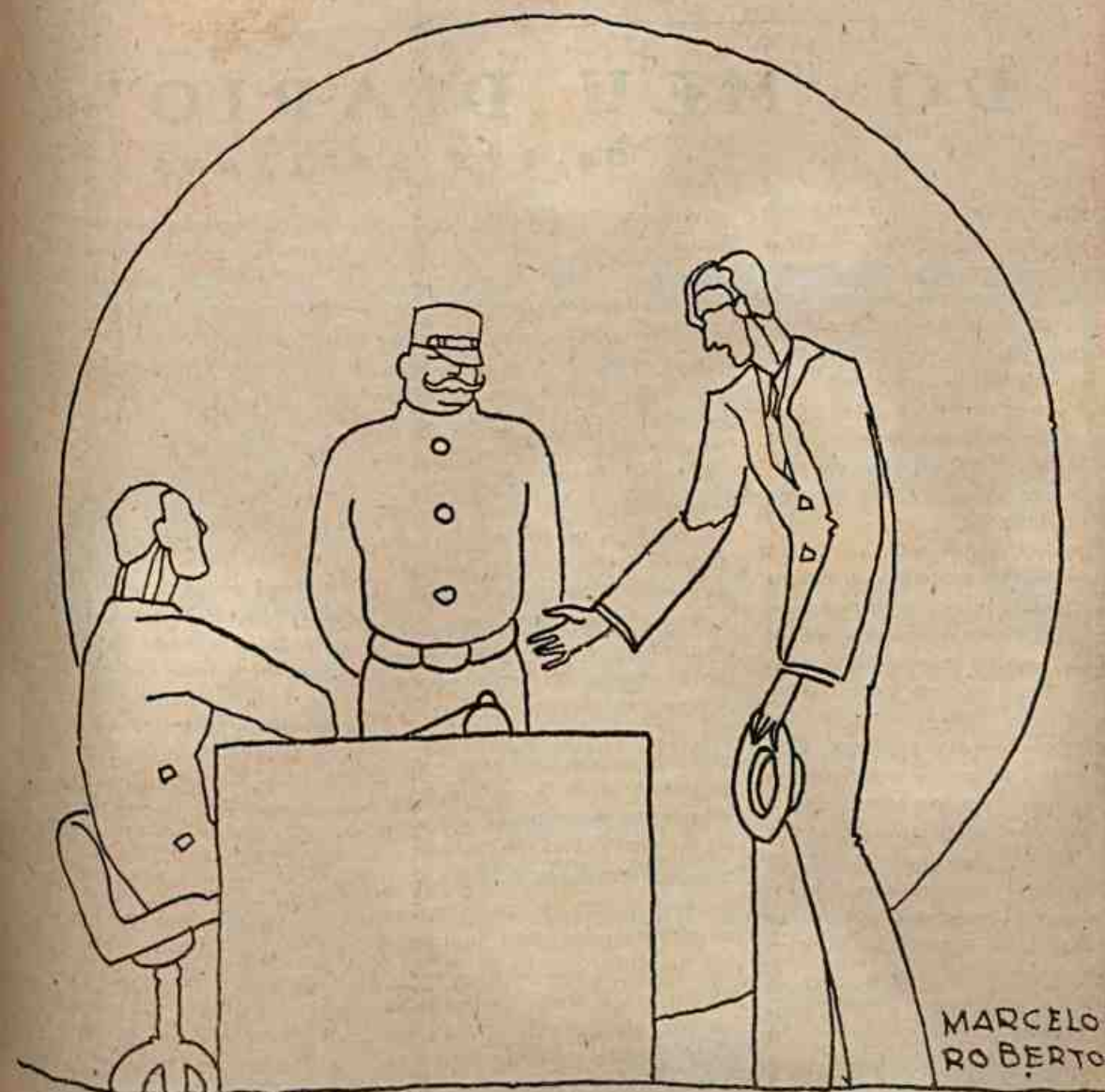
— O sr. Burgsheim tinha, nessa época, um armazém menor que o de hoje; era um negocio de agasalhos. Para o inverno. Oh, naturalmente, não eram verdadeiras, mas simples pelles de gato ou de coelho que elle baptizava — era só o que era baptizado em casa delle — com nomes retumbantes. Assim, elle offerecia echarpes em "simili-zibeline" a cento e tantos mil réis. Chamava a isso — "zibelinette". Apesar dos preços modicos, a venda era muito fraca.

Offereceu-me uma especie de combinação de *chauffeur*, numa pelle de urso branco, e convidou-me a usal-a.

— "Vaes entrar ahi, nessa pelle — disse-me elle. — Depois passarás em frente á porta. E com os teus gritos, procurarás chamar a attenção dos transeuntes para a loja.

"Não tive grande enthusiasmo, tanto mais quanto o ordenado era mediocre, mais ou menos como o de um figurante. Comtudo, era preciso viver, e no dia seguinte, comecei o meu serviço.

Aquelles que nunca passaram oito horas por dia no interior de uma pelle de urso branco não podem imaginar que temperatura eu experimentei dentro de uma dellas. Comprehendo agora o prazer com que esses animaes podem supportar o frio polar. Nos primeiros tempos a prova era intoleravel. Respirava mal, sob a cabeça de papelão espesso, que pesava sobre os meus hombros, a cada momento. Ah, eu não invejava a sorte dos escaphantristas!

"Entretanto, coisa surprehendente, eu me habituei ao serviço, e mesmo tomei certo gosto por elle. Temos razão do nosso orgulho, não é, sr. commissario? E ha alguma coisa de lisonjeiro em forçar o olhar dos transeuntes, em suscitar o seu espanto. A minha antiga profissão estava retomada. Eu desempenhava um papel, comprehende? Eu con-

## Alma de Artista

(Conclusão)

seguira mesmo tornar-me interessante, admiravel no meu papel. Com um gesto imperioso, pesado e comico, eu designava a loja, estendia a pata aveludada, apertando os olhos maravilhados e timidos. Outras vezes, eu os dilatava. Muitas vezes, mesmo, tomando o braço das mulheres hesitantes e que soltavam gritos agudos e divertidos — o meu disfarce justificava certa familiaridade — eu as puxava até ao armazem e as fazia nelle penetrar. De mil maneiras engenhosas, eu procurava despertar a curiosidade do publico.

"Durante quinze mezes, eu me dediquei ao serviço com enthusiasmo. Os meus esforços de imaginação, a minha sciencia da mimica, as minhas graças de urso, tiveram resultados espantosos, sr. commissario, e eu me apressei em reclamar ao sr. Burgsheim um justo augmento — quando elle me declarou que não necessitaria mais dos meus serviços.

"Observações, censuras, supplicas, nada o commoveram. O sr. Burgsheim permaneceu indifferente, inabalavel. Fui obrigado a partir, a abandonar o meu papel, o meu publico. Nas tardes das ultimas representações, conheci um pezar infinito: a coisa que acabava, a peça que chegava ao fim, os personagens que desappareciam. Nada reviveria mais!... Que pezar!

"O tempo transcorreu. Duro, cruel para mim, sr. commissario. Vivia a soffrer necessidades, sem emprego, sem ter onde ganhar a vida, quando me veiu a idéa de procurar o sr. Burgsheim. Talvez me desse a pelle de urso, talvez reencontrasse os olhos extasiados das crianças. Faria eu, ainda uma vez, os transeuntes pararem, provocando risos felizes?

"E sabe o que eu vi, sr. commissario? Em meu logar, perto da porta, estava um urso automatico, em tamanho natural. Fiquei estupefacto! Desorientado! Era o meu substituto! Um animal mecanico, de gestos duros e tremulos, mathematicos, e do qual se extrahira toda a fantasia.

"Oh! é claro que as pessoas paravam ainda, mas não se divertiam mais. Sabiam todos que o automato, de quinze em quinze segundos repetiria o movimento monotono. A alma estava ausente.

"Alguns instantes decorreram, e eu fiquei parado, durante elles, olhando o apparelho que me havia feito perder o pão. E, subitamente, uma raiva tremenda me assaltou: e empunhei uma pedra e malhei o urso mechanico, até que se reduziu a frangalhos!

"Diga-me: o senhor não teria feito a mesma coisa, sr. commissario?

# DO "MEU DIARIO"

### De LYS DORLEANS

"Meus parabens!

Todo o brilhantismo com que você concorreu com a sua intelligencia invulgar para aquella alta prova de jurisprudencia, resultando ficar provado imminentemente a sua capacidade excepcional, chegou a meu coração e fel-o palpitar mais orgulhoso do que nunca de seu amor! E os meus olhos encheram-se das lagrimas de uma alegria infinda!

Bem sei, ai! de mim, que você, nessa hora de exaltação no seio de sua familia, pela demonstração solenne do talento de seu primogenito amado, — você nem se lembrou de mim! Todos os mais foram recordados, todos, todos!... Mas não faz mal! Não o odeio por isso! Seja feliz! E o futuro corôe-lhe de louros a fronte nobre e altiva! Que a ventura seja a eterna companheira dos homens justos e intellectuaes como você! Para os dias que virão em sua vida uma só palavra basta: *gloria* — que quer dizer — recompensa *e felicidade!*

Perdoe-me o meu gesto de orgulho, naquella noite em que a lua e as estrellas illuminavam a terra em seu louvor!... Perdoe-me, pois não sabe quanto soffria interiormente!

Lembra-me bem a tarde vizinha á da ultima prova!... Quanto chorei! Queria vel-o nesse momento esplendoroso, em que você brincava com o talento como sorri nos salões!... A razão... uma dessas "razões que a propria razão desconhece", porém, impediu-me, sobremaneira... Não terei nunca a ventura enorme de ouvil-o num instante desses, todo brilho e eloquencia, em que tanto o admiro? mesmo occulta? Occulta, sim, é que desejaria estar... Mas foi-me impossivel, agora! Talvez qu'eum dia *lorsque mes cheveux blonds serons des cheveux blancs*, quando você, por seu caracter e talento, estiver no pináculo da gloria, que lhe augurei nos dias dourados da adolescencia, que, então, será tão distante!...

Agora, na multidão que fremirá ao ouvir a sua palavra ciceriana, eu tremerei com ella... na multidão anonyma!...

Bemdirei a Jesus que ouviu as minhas preces! Admiral-o-ei, não surprehendida na eloquencia do seu discurso! E, ó vehemente orador, a sua voz ouvirei, enternecida, deslumbrada!... Atordoada de tanto brilho, volverei ao lar, donde partiram todos e só ficaram commigo esses dois velhinhos santos que me esperarão sorrindo como se eu fôra sempre a pequenita de outr'ora!... Simularei que regresso risonha e feliz!... E, deixando-os, subirei a meu aposento.

Ah! agradecerei a Deus ter-me feito adoral-o sempre, você um ser tão nobre como não houve outro! Soluçarei por você, que podia ter sido o senhor do meu lar, mas só o foi da minh'alma! Soluçarei pela gloria deste amor que me fez eternamente só! Soluçarei!... Por que não soluçar? Veja! Foi á sua sombra tão amada que surgiu como a illuminura da felicidade, na estante azul dos meus livros predilectos de no meu dormitorio perfumado de "vieille-fille"!...

Hoje!... E' cedo, por emquanto, para lagrimas... Devo guardal-as para mais tarde!... Hoje, sorrio indifferente e nem o contemplo, siquer... para que não leia nos meus olhos esta legenda inapagavel: "você é o meu sonho, a minha vida, moço moreno do meu amor!"...

# LLOYD BRASILEIRO

## SERVIÇO DE PASSAGEIROS

### PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

**EUROPA**

| Navio | Data |
|---|---|
| Ruy Barbosa | 15 Fev. |
| Cant. Guimarães | 28 Fev. |
| Alte. Alexandrino | 15 Março |
| Cuyabá | 30 Março |
| Bagé | 15 Abril |
| Raul Soares | 30 Abril |
| Ruy Barbosa | 15 Maio |
| Cant. Guimarães | 30 Maio |
| Alte. Alexandrino | 15 Junho |
| Cuyabá | 30 Junho |
| Bagé | 15 Julho |
| Raul Soares | 30 Julho |
| Ruy Barbosa | 15 Agosto |
| Cant. Guimarães | 30 Agosto |

**NORTE**

LINHA RIO — BELEM

| Navio | Data |
|---|---|
| Pará | 14 Fev. |
| João Alfredo | 21 Fev. |
| Pedro I | 28 Fev. |
| Cte. Ripper | 7 Março |
| Manáos | 14 Março |
| Pará | 21 Março |
| João Alfredo | 28 Março |
| Pedro I | 4 Abril |
| Cte. Ripper | 11 Abril |
| Manáos | 18 Abril |
| Pará | 25 Abril |

LINHA MANÁOS — B. AIRES

| Navio | Data |
|---|---|
| Baependy | 10 Fev. |
| Alte. Jaceguay | 20 Fev. |
| Campos Salles | 28 Fev. |
| Santos | 10 Março |
| Affonso Penna | 20 Março |
| Rodrigues Alves | 30 Março |
| Duque de Caxias | 10 Abril |
| Baependy | 20 Abril |
| Alte. Jaceguay | 30 Abril |

LINHA SANTOS — PENEDO

| Navio | Data |
|---|---|
| Cte. Vasconcellos | 28 Fev. |
| Cte. Vasconcellos | 30 Março |
| Cte. Vasconcellos | 30 Janeiro |

**SUL**

LINHA RIO — PORTO ALEGRE

| Navio | Data |
|---|---|
| Cte. Alvim | 13 Fev. |
| Cte. Capella | 20 Fev. |
| Cte. Alcidio | 27 Fev. |
| Cte. Alvim | 6 Março |
| Cte. Capella | 13 Março |
| Cte. Alcidio | 20 Março |
| Cte. Alvim | 27 Março |
| Cte. Capella | 3 Abril |
| Cte. Alcidio | 10 Abril |
| Cte. Alvim | 17 Abril |
| Cte. Capella | 24 Abril |

LINHA MANÁOS — B. AIRES

| Navio | Data |
|---|---|
| Santos | 13 Fev. |
| Affonso Penna | 23 Fev. |
| Rodrigues Alves | 3 Março |
| Duque de Caxias | 13 Março |
| Baependy | 23 Março |
| Alte. Jaceguay | 3 Abril |
| Campos Salles | 13 Abril |
| Santos | 23 Abril |

LINHA RIO — LAGUNA

| Navio | Data |
|---|---|
| Asp. Nascimento | 15 Fev. |
| Asp. Nascimento | 28 Fev. |
| Asp. Nascimento | 15 Março |
| Asp. Nascimento | 30 Março |
| Asp. Nascimento | 15 Abril |
| Asp. Nascimento | 30 Abril |

# Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

*EUCALOL! A quinta essencia*
*Do milagroso Eucalypto!*
*Em minha tez imprimiste*
*Tal louçania e frescor,*
*Que com enlevo e com chiste,*
*Só me chamam: —*
*Dona Flor!*

***Maria Stuart Cleto***

**Rua Garibaldi 90-A — Ribeirão Preto.**



# Gustavo Barroso e a mocidade academica

"As portas desta casa hoje se abrem para uma festa de brasilidade. Gustavo Barroso que todos queremos e admiramos, pela esplendida bagagem litteraria, dignando-se acceitar o convite que lhe foi feito, irá, com o seu estylo brilhante e prosa tersa, dar inicio á série de conferencias nacionalistas que é ponto do programma do nosso actual Presidente. E a escolha foi esplendida. Pelo proprio thema da conferencia — O Brasil dos Brasileiros — vê-se que o conferencista teve tacto na escolha do assumpto. E ninguem melhor que Gustavo Barroso, para desenvolvel-o. Tanto se impregnou de brasileirismo, pelo amor, da terra e da sua gente, que se tornou um apostolo da brasilidade. E, escrevendo ou falando, a sua arte é tão expontanea, a sinceridade tão grande, que o seu patriotismo se torna contagioso.

E' com emoção sempre nova que recordamos aquella cidade pacata do interior, o nosso primeiro encontro com a sua obra. Estudavamos preparatorios e faziamos parte de uma academia-mirim. Na falta de bibliotheca trocavamos livros entre os associados. Um dia, cahiu-nos na mão um livro de titulo suggestivo: "Terra de Sol". Foi com pouco enthusiasmo que iniciamos a sua leitura. Até então, pouco nos interessava o que não fosse obra de pura ficção. Andavamos perambulando pelo reino phantastico de Julio Verne, em viagens tenebrosas ao fundo dos mares, em vôos arrepiadores por cima das nuvens. Sabiamos decór os lances mais emocionantes do Conde de Monte Christo. Mas, na tarde mesma em que recebemos o livro começamos a lel-o. Ainda me lembro, quando demos pela cousa já passava de uma hora da manhã. Na nossa frente, aberto e abandonado, estava um compendio maçudo de Physica. A licção para o dia immediato tinha ficado no tinteiro; mas, em compensação, tinhamos a sensação forte de ser Pedro Alvares Cabral. Tinhamos descoberto o Brasil. Não o Brasil macio e despreoccupado que nos cercava, na zona cafeeira em que moravamos, mas, o Brasil selvagem do nordeste. A terra de sol ardente e madrasta, que judiando dos que a habitam se torna ainda mais attrahente pela lucta que provoca para ser dominada. Foi de facto, neste livro de Gustavo Barroso, que começamos a perceber o sentimento de patria, no que elle tem de palpavel e objectivo: a admiração pelo valor dos patricios. E desafio que haja brasileiro, que não sinta um fôgo interno queimar-lhe o espirito, quando leia as paginas fortes de "Terra de Sol", synthese admiravel da lucta titanica que o homem desenvolve para dominar a natureza que o rodeia. Vemos reflectida nessas paginas, toda a rudeza barbara do sertão, forja rubra onde se tempera a alma de uma raça. "Terra de Sol" é para nós o bosquejo amplo e firme de toda a obra brasileira desenvolvida mais tarde por Gustavo Barroso. Os seus livros que abordam assumptos brasileiros se ateem no desenvolvimento dos capitulos principaes desta obra. O seu estylo empolga. E' um reflexo

QUANDO, a convite do Centro Academico "11 de Agosto", a brilhante sociedade dos academicos paulistas, Gustavo Barroso foi fazer, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a sua admiravel conferencia sobre o "Brasil dos brasileiros", a mocidade estudiosa daquella casa tão cheia de glorias, fez questão de que o nosso querido director tivesse mais uma homenagem: que a sua conferencia fosse pronunciada na mesma sala onde pontificou o grande espirito de Pedro Lessa, que nella ensinou e encantou as mais illustres gerações do Brasil, sala onde Bilac pronunciou o seu memoravel discurso "Em marcha", que foi a clarinada sonorosa e civica congregando os moços para o serviço militar, que foi o hymno feiticeiro que levou a juventude aos quarteis em phalanges intrepidas de enthusiasmo.

Foi ahi, então, que, cessadas as palmas e as acclamações a Gustavo Barroso, se ouviu a eloquente saudação dos moços, pela palavra do primeiro orador do Centro, Sr. Pedro Fraga, que, linhas abaixo publicamos:

[illegible]neiro. Aliás, é elle proprio quem nol-o diz, citando Victor Hugo: "A alma da terra passa para o homem" e accrescenta: "A alma do sertão modelou a alma sertaneja". Elle lá nasceu, naquella terra adusta do nordeste. Eis o que explica a viveza das suas descripções da terra e do homem e da lucta titanica em que este vive. Ha paginas suas que parecem feitas de bronze onde ficou esculpida a effigie daquelles bravos patricios nossos. No horror da secca, flagello infernal daquellas paragens são as "queimadas" contra as quaes o sertanejo se levanta numa luta dolorosa. Mas, "Quasi sempre sáem vencedores esses homens energicos, bronzeos, que a sorrir e a cantar, de ferros em punho, perolados de suor, queimados os rostos rudes de reflexos vermelhos, cortam caules, talham ramos, decepam galhos, derrubam arbustos, falquejam troncos, abatem arvores gigantescamente". E a lucta se desenrola mezes a fio: um minuto de fraqueza, um momento de desanimo, um instante de desencorajamento — e o sertão estrangula. Mas elle não se abranda e nem se verga. Luta contra a impassibilidade da natureza, lucta, lucta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate. E dahi, não seja, talvez, exagero o dizer — que a secca é um factor de progresso porque fórma e amolda uma raça de fortes". Em paginas como estas devia abeirar-se a nossa mocidade para haurir energia e fortaleza de animo. Por ellas começamos a vêr e a sentir a realidade brasileira e a quebrar aquella illusão creada no espirito pela educação fôgo de artificio que recebe a creança brasileira. Crescemos, quasi todos, embahidos pelos hymnos escolares e pelos tropos de oratoria festiva em que se exhalça a imagem da terra de modo [illegible]. Esquecem-se que o patriotismo augmenta quando podemos observar o valor da nossa gente na lucta titanica em que se empenha para dominar a natureza selvagem. Dahi a razão de dizermos que naquella tarde já distante, em que tivemos conhecimento com a obra de Gustavo Barroso, tivemos a impressão de descobrir o Brasil. O Brasil forte dos brasileiros, heroes obscuros do sertão.

"Terra de Sol", porém, foi o esboço grandioso de toda a futura actividade literaria do conferencista de hoje. Depois de descrever a natureza barbara e a lucta do homem, poz-se a estudar o typo do nordestino nas horas em que a fornalha se abranda e o inverno traz consigo a agua que refresca e reconforta, permittindo que a vida transcorra com mais suavidade. Nesse sentido, Gustavo Barroso, inaugura no Brasil as biographias romanceadas, tão em voga actualmente na Europa e na America. O seu livro [illegible] "Heroes e Bandidos", desenvolvimento da [illegible] parte de "Terra de Sol", onde estuda o [illegible], é uma analyse perfeita do typo anormal do [illegible]. Homens rudes do sertão, fatalidade ethnicas do meio ambiente e resultantes dos nossos systhemas administrativos que abandonaram o problema de

# Gustavo Barroso e a mocidade academica

*(Continuação)*

educação intensa, elles passam naquellas paginas verdadeiras, como sombras aziagas espalhando o crime e o sangue. "Heroes e Bandidos" é das mais originaes obras literarias dos ultimos tempos. Mas Gustavo Barrôso foi attrahido tambem pelos costumes e tradições da gente pacifica. Daquella parte do povo que forma como o substractum das raças e das nações que se formam. A vida gostosamente brasileira dos fazendeiros e vaqueiros do nordeste se desenrola á nossa vista como numa tela cinematographica. A rija tempera de caracter daquelles patricios, o pendor innato para a poesia e para a musica dolente, a religiosidade superstíciosa que se transmitte de geração a geração, as lendas, os costumes todos e as tradições singelas que constituem o objecto encantador do folk-lore, é á terceira parte de "Terra de Sol". E este parece ser o assumpto de mais interesse para João do Norte. Os seus pendores para o folk-lore são evidentes. Nesse campo da actividade literaria todos nós sômos testemunhas da sua fecundidade de trabalho e dos primores de literatura bem brasileira com que nos tem brindado. E' em vão que alguns espiritos de mediano golpe de vista critico querem dar-lhe o epitheto de folk-lorista de gabinete. Elle o é não por diletantismo, pois que a sua obra, quasi toda, provem do testemunho pessoal. Elle falla sobre o sertão porque o conhece. A sua cultura brilhante, o sentido sociologico que dá ás suas investigações, tudo isso é o que requer a sua vida de gabinete. Mas a sua producção folk-lorica jámais peccou pelo bysantinismo chôcho e academico. Ao seu gabinete elle se recolhe, como o scientista ao laboratorio. Apanhando ao vivo os seus materiaes de estudo, entrando em contacto com a alma agreste do seu povo, vae, depois, á luz de solida cultura sobre historia e folk-lore de todos os outros povos da terra investigar a origem dos costumes e das lendas, dos ditos populares e das anecdotas.

E Gustavo Barroso faz, deste modo, obra de sabio, de artista e de patriota. Vae pondo a sua arte ao serviço de um nobre ideal. Não é daquelles que vêem na literatura, como queria José Verissimo, "um simples instrumento de cultura interior", e nem tampouco é da opinião daquelles derrotistas de ultima hora, sequiosos de publicidade, que querem ver na literatura um diletantismo espiritual, um snobismo de gente vadia. Nas suas investigações sobre o folk-lore nacional vae muito de espirito creador. Pois, o folk-lore não é esse rio secco onde em vão se busca uma gotta de agua. Elle é a fonte rica donde brota a agua pura e abundante da inspiração popular nos seus rythmos variados, nas suas creações originaes. Alli estão esses livros saborosos que cheiram a araçá selvagem e goiába madura: "Alma sertaneja", "Ao som da viola", "Mula sem cabeça", que sei mais? São tantos os seus livros! Pedaços da alma da nossa gente. Alma — côlcha de retalhos — lendas de lobishomens, historias de sexta-feira santa, mandingas e superstições, crendices e phantasmogorias que enchem de encantamento o coração verde do sertão brasileiro.

Gustavo Barrôso, para melhor comprehensão desse

# Gustavo Barroso e a mocidade academica

*(continuação)*

estudos brasileiros, emprehendeu viagem longa pela literatura e pela historia do universo todo. E voltou com as mãos carregadas de pedras preciosas. De cada época da humanidade e de cada povo tem uma série de estudos interessantes. Ahi estão a "Ronda dos seculos" e "O Livro dos Milagres". "Ronda dos Seculos", em que numa forma nova e original de narrativa, synthetisa os varios periodos da historia universal, pondo em alguns, como em "O osso do presunto", um leve tom de humor que o torna irmão do nosso grande Machado de Assis. E esse "Livro dos Milagres", onde, atravez de um estylo macio de chronista conventual da edade média, nos são contadas as lendas maravilhosas dos milagres dos santos do christianismo. Mas, Gustavo Barroso tem ainda "Idéas e Palavras", "Coração da Europa" e outros livros onde se evidencia o vigôr da sua penna de ensaísta, de observador argúto dos factos e das idéas que dançam no scenario do mundo. Tem ainda o seu espirito a faculdade de dizer coisas amaveis e leves que encantam. Não ha quem desconheça o chronista que rendilha paginas encantadoras nas revistas do Rio e de São Paulo, e que assigna: João do Norte.

O que, entretanto, sobretudo nos impressiona na individualidade multifacetada do escriptor, nosso visitante de hoje, é o accentuado tom brasileiro da sua arte. Foi isto que attrahiu para elle as nossas sympathias e que determinou a sua escolha para o inicio das conferencias de brasilidade.

"O Brasil dos Brasileiros" — Jamais um thema terá sido tão opportuno quanto o desta noite. Opportuno no tempo e no espaço. Agora, que andam pelos horizontes uns laivos derrotistas, pregadores de separatismo e quejandas sensaborias; agora, que a lucta das paixões politicas desvia os olhares dos problemas capitaes para só permittir cuidar-se de interesses immediatos e passageiros, é mistér que os intellectuaes e os homens de idéa sáiam a campo numa cruzada de brasilidade sadia. Agora, que sentimos minadas as pedras basicas da nacionalidade por infiltrações estrangeiras dominadoras e absorventes — fascismo, bolchevismo, imperialismos norte-americano e europeo; agora, que o tilintar do ouro yankee vae suffocando o hurro selvagem e brasileiro das nossas cachoeiras, e o vento da planicie amazonica já não leva pelo espaço o acalanto do seringueiro, mas a algaravia de mil raças extranhas, é mistér que uma campanha formidavel rompa desta casa. Ha tempos, foi Bilac, que accordou a mocidade para a actividade das armas. Sêde, agora, patricio nosso, que tão bem acolhestes o nosso convite, o despertador das energias latentes da nossa mocidade, da nessa gente para a cruzada santa da brasilidade.

Seja a conferencia desta noite uma clarinada vibrante para a reunião das vontades e dos corações dos brasileiros.

Gustavo Barroso — patricio nosso e nosso irmão de ideaes, sêde benvindo a esta casa, onde, com a mocidade, haveis de encontrar a fé e o enthusiasmo.

# O NARIZ DAS SENHORAS EM PERIGO

A "RINITES SICCA POSTERIOR", muito peor que a terrivel "OZENA", é proveniente do uso de certos pós de arroz, quasi sempre caros e pomposamente annunciados.

O USO e mesmo o abuso do famoso pó de arroz **MISS & LADY** justifica-se porque, pelos exames medicos feitos em pessôas que o preferem e adoptam ha longos annos, e nas operarias da **Cia. BEIJA-FLÔR** que o fabricam e manuseiam diariamente, verificou-se estarem estas com as suas narinas e olhos sãos, segundo os attestados do illustre especialista Dr. Maurillo de Mello.

Pó **MISS & LADY** que é o melhor e não é o mais caro, de perfume agradabilissimo de flôres, offerece as melhores garantias de bôa saude e belleza.

NÃO se illudam com os pós de arroz (que de pós de arroz só têm o nome) baratos ou caros, mas que na verdade não são os melhores.

USEM pois com absoluta confiança o experimentado e finissimo pó de arroz **MISS & LADY** que desafia confronto com os melhores feitos para "L'EXPORTATION POUR LE BRÉSIL."

## PERFUMARIAS LOPES

OFFERECEM-VOS TODAS AS GARANTIAS

KOHOUT.

# Faça a conta!

São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.

Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.

Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.

ANNO XXIV

NUMERO 6

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 1930

# Os que passam pela vida sem viver...

O suicidio é uma epidemia que grassa assustadoramente entre nós. Uma epidemia mais perigosa do que a febre amarella, a variola, a grippe e outras *visitantes illustres* que, de quando em quando, vêm apreciar a nossa *natureza* e desfructar um pouco da nossa companhia amavel...

Não se passa um dia sem que os jornaes não registem pelo menos meia duzia de casos tristes de pessoas que desertaram da vida por varios motivos, predominando sempre, entretanto, os de ordem sentimental. Ora é uma joven que, *contrariada em seus amores*, se vinga da existencia bebendo sal de azêdas, lysol ou outra droga inimiga do nosso estomago. Ora é um rapaz cheio de saude que não tem sorte com as mulheres e rompe relações com a propria vida. Ora é ainda uma infeliz Magdalena arrependida, como essa pobre moça de dois nomes e aquella desventurada mulher que não poude resistir aos remorsos do seu peccado de adúltera e tocou fogo no corpo previamente embebido em kerosene. São casos de todo o dia. Os jornaes estão repletos delles. E os meios a que recorrem esses pobres temperamentos romanticos são diversos: um tiro na cabeça, ou no coração, um mergulho no meio da bahia (para que servem, então, as barcas de Nictheroy?), os tóxicos, o fogo nas vestes...

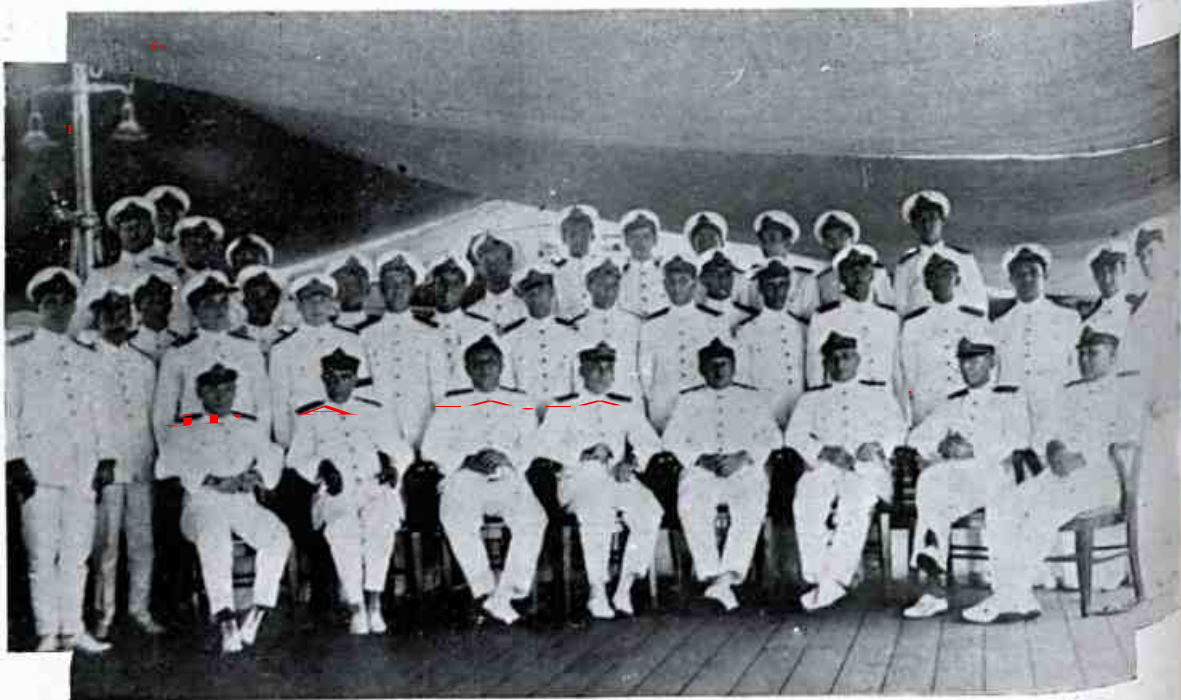
E' alarmante a percentagem desses actos de desespero da nossa juventude amorosa. Sim, porque a quasi totalidade dos nossos suicidas não passa dos trinta annos, e o amor é a causa central. O amor nas suas diversas modalidades.

Não póde haver cousa mais ridicula. O amor é uma entidade imaginaria, que não deve, por isso, merecer tão grande sacrificio dos homens. O suicidio é uma resolução muito séria para servir de castigo á desventura sentimental. Quem se mata por amor não é apenas covarde, porque tambem perdeu o juizo.

Eu não justifico em absoluto o suicidio, que considero uma especie de loucura sanguinaria e furiosa contra si proprio. Mas acho que só tem o direito de se matar quem viveu demais para si mesmo, quem levou uma existencia inutil para os outros, como aquella mórbida heroina de Ibsen que se chamava Hedda Gabber, e que pedia a seu marido lhe evitasse o espectaculo de tudo o que fosse feio.

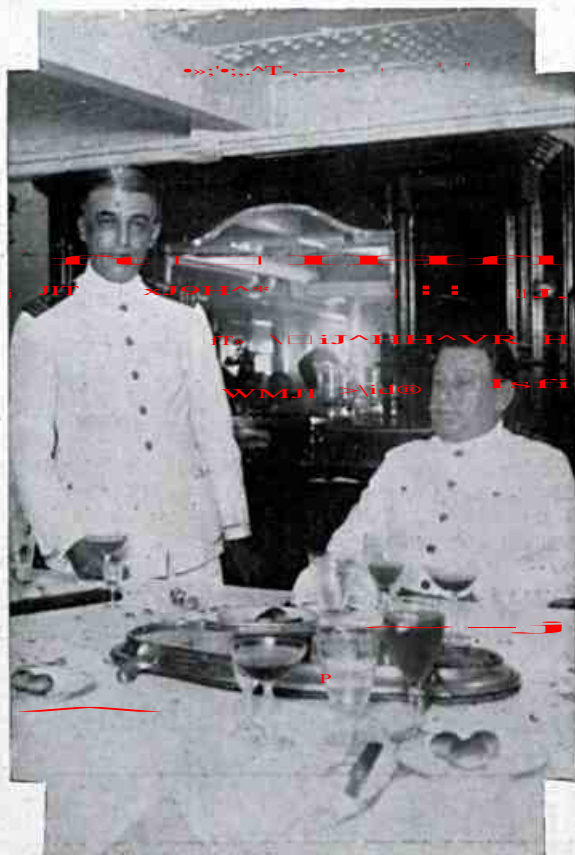
A vida é tão linda e tão bôa... As suas responsabilidades são tão suaves e tão relativas. Por que não supportar essas responsabilidades? O homem deve ser forte deante das dôres e das angustias indispensaveis á experiencia da energia humana. O homem deve soffrer, deve sentir o *frio da desgraça*, para mostrar que viveu, como exige o poeta.

O suicida pertence á categoria desses homens que têm horror ao soffrimento e que, portanto, passam pela vida sem viver...

MARTINS CAPISTRANO

O capitão de corveta Sylvio de Noronha, ao deixar, sabbado ultimo, o cargo de encarregado geral da artilharia do couraçado «Minas Geraes», que vinha exercendo desde 1925, foi carinhosamente homenageado pelos officiaes daquelle vaso de guerra, os quaes lhe offereceram um almoço a bordo, tendo falado, em nome dos seus collegas, o commandante Hugo de Roure Mariz.

## A CIGANA

De Maura de Senna Pereira

Escuta uma cousa, papae... Está aqui no nosso portão uma cigana, de lenço vermelho na cabeça, com os olhos bonitos como os de mamãe, que me falou, muito boazinha, rindo para mim: «Menino, você quer que eu lhe conte o que lhe vae acontecer?» Eu fiquei olhando para ella, sem dar resposta, muito espantado, mas a cigana tornou a falar: «Basta que eu leia as linhas da sua mão para que saiba o que você será quando fôr homem...» E digo tudo, meu menino, por uma moeda de quinhentos réis...» Eu, então, corri para dentro e venho pedir-te que deixes a cigana entrar e dizer o meu futuro, perto de ti e da mamãe. Estás ouvindo, papae? Não escrevas agora nesse livro grande... Estás ouvindo, papae? E faze esta vontade a teu filhinho... Sim? Deixa a cigana entrar? Para que eu quero saber o meu futuro? Ora, papae, eu quero saber, de uma vez, se vou ou não vou ser ministro...

O capitão de corveta Sylvio de Noronha ouvindo o discurso do commandante Mariz, no almoço de sabbado, a bordo do «Minas Geraes».

## FILIGRANAS

Não ha nervos que resistam á vida de uma grande cidade. Fadigas. Preoccupações. Emoções variadas. Apitos. jos de vehiculos. Guinchos. Buzinas. Sereias. Luzes de toda a côr que accendem e apagam. Alto-falantes. Cinemas. tres em perspectiva. vadores. Multidões. Telephone! Espertalhões por todos os lados. Prazeres faceis. Mulheres deliciosamente venenosas. Jazz-bands. Victrolas orthophonicas. Radios. Electricidades. Jornaes. Crimes. gunças. Magnesios. Explosivos. Luminarias. Arranha-céos. E o delirio das velocidades...

Decididamente, não ha nervos que resistam a tais calamidades...

...titudes,
... harmonia
...mos, resal-
...llezas plasti-
...esmo immobili-
pela photogra-
...m o seu en-
O encanto do
... que se adi-
...meneios, nas
... nos gestos
...dos, no serpen-
...finos e lindos
..., que a choreo-
... ductiliza e
... Só o mi-
... dança clas-
...da da Gre-
...ga, até nós,
... dos tempos,
...porcionar-nos
...canto. Ahi te-
... grupos as
...beis alumnas
Grabinska e
professor Michai-
lowski.

**CHA' DE CARIDADE**

*Madame* Zuleika patrocinára o chá de caridade. O salão estava cheio, regorgitando.

O prestigio de *madame* e a finalidade philanthropica da festa attrahiram para alli a melhor sociedade local.

Um jazz-band... Um bar... Homens cok-tailizados. Moças lindas com vontade de casar... Alguem pediu a melle. Flausina uma definição de *flirt*.

Ella disse que "o *flirt* é o apperitivo do amor, mas ha muita gente que toma apperitivo e não janta..."

Em um grupo, falla um millionario, com tendencias socialistas. Diz que todas as fortunas devem ser divididas com os pobres... E *madame* Zuleika fica temendo a victoria do socialismo, porque assim já não haverá viuvas pobres, em beneficio das quaes ricos "snobs" façam chás de caridade... E eu fiquei comprehendendo a extraordinaria importancia mundana das viuvas pobres...

R. Magalhães Junior

# Faianças

## Incerteza

Sim, minha doce pequena, foi a melhor maneira que encontraste para objectivar a tua immensa saudade — este livro! Este livro que tenho sobre a minha banca de trabalho e que traz um titulo impressivo: "Les Tigres parfumés".

Haverá nisso uma ironia? Não quererias dizer que os homens são tigres apparentemente domesticados, doceis, mansos?

"Parfumés!" E' esse qualificativo que me intriga! Por que perfumados?

Emfim, pode ser que a epigraphe do livro nada tenha com a attitude dos homens... Nem com a tua...

Abro o volume. Na primeira folha, á guisa de dedicatoria, vem este emotivo soneto:

*Numa caixa de séda azul-celeste*
*Entre um lenço e uma rosa des-*
*[folhada*
*Repousa qual reliquia venerada*
*Aquelle teu retrato que me deste.*

*E' o meu thesouro. Ao vel-o, [illegible]*
*Parece que me chamas, soluçando...*
*Mas a duvida intermina voltando*
*Minha alma o sonho ephemero*
*[desmente.*

*Em vão procuro a prova que con-*
*[vence...*

*Si o amor implora, aviva-se a*
*[descrença...*

*E tudo me tortura e nada vejo...*

*Afinal, esmagada, na incerteza,*
*Eu beijo o teu retrato com tristeza*
*Para ganhar a paz neste meu*
*[beijo...*

Sem querer, commettera uma injustiça. Suppuz que fazias uma perfidia, e davas-me uma prova de melancolica affeição. Affeição que é toda feita de ternura e desalento...

Comprehendo, meu doce amor, esse devaneio lyrico.

Tambem, quando as noites [illegible]escem como rosaes de estrellas, eu me ponho a fitar esta ou aquella.

E penso commigo: "Madame Sévigné, mulher de requintes encantadores, costumava dar "Regardez-vous" aos seus amigos distantes, no seio branco da lua. Ella fitava o bello astro da noite, e considerava que, áquella mesma hora, aquelle a quem amava, o estaria fitando. Era um consolo para o seu espirito e o seu coração exaltado."

Assim, faço eu. Olho as estrellas na illusão de que tambem as estejas fitando...

Mas, depois, sobrevem a duvida desoladora e terrivel: Invade-me a descrença, e eu considero que áquella hora, — á hora em que o céo floresce como um jardim de rosas de ouro e de luz, — tu bordas, com indifferença, sob o halo de luz recortado á penumbra de um "abat-jour", ou rodas numa sala de baile, ou cerras os olhos [illegible]mos, entre os braços de outro, ou lês um poema de Paul Géraldy...

Este, por exemplo...

*Ton cœur est tendre et sincère,*
*ardent et soumis.*
*Mais, tout seul, pouvait-il faire*
*que je me passe de ma mère*
*et de mes amis!*

Ah, minha querida amiga, o amor é feito de duvidas e incoherencias.

Emquanto pensas em mim, com a memoria cheia de versos, eu, o coração estalando de saudade, [illegible]

Uma attitude de espectativa que nos deixa em outra espectativa...

...mmetto a fria injustiça de sup... todas numa sala de baile, ...jas outra bocca, ou bordas, in... ...rente, cantarolando á penum... ...doce do "abat-jour" do teu ...

Troquemos as nossas saudades ... e o nosso perdão com... ...ido..." — Teu Y...

## Fim de tarde...

A tarde desfallece como numa ...rtigem da luz. E, de repente, ...brota na memoria a doce har... ...nia destes versos:

*...luz de sol distante*
*...el Poniente colorea.*
*...se esfuma entre la sombra*
*...repusculo que llega...*

...im, essa luz que vejo morrer ...s cinzas do poente, sob o vel... ...das sombras, me infunde ...ma melancolia pungente... Ella, ...potheose de côres que se es... ...nde no fundo escuro do céo, na ...ora do ocaso, é bem a imagem ...linda, mas triste, da gloria que ...luminosamente...

Um invencivel desalento me do... ...na o coração. E' uma duvida ...amarga, esguia e longa como a ...aste de um junquilho, se ergue ...dentro da minha alma; e, em se... ...guida, se recurva, melancolica... ...mente, no pasmo de uma interro... ...gação: "Para que viver? E para ...que a gloria?"

## Pittoresco

...a minha ilha, para onde a ...mpanhia dos banhos de mar ...attrahiu, é uma ilha engraçada. ...Tudo nella tem o seu aspecto ...interessante.

...maginem que ella nos põe a ...trinta minutos do Rio. Quero ...dizer, do continente.

...Pois, meus senhores, tudo aqui ...é differente da cidade, que o ...seio, o continental, gosta di... ...por aqui — afim de gozar, ...das praias simples, a sen... ...ção de que está numa terra es... ...trangeira.

A' noite, quando andamos pelas ...veredas dos mattagaes, que se ap... ...proximam das praias, ha sempre ...um typo de pescador sympathico ...que passa por nós e nos dá bôa ...noite.

Si lhe pedimos uma informação, ...o homem do mar se desfaz em so... ...licitudes. Vae além da nossa es... ...pectativa. Dá-nos os esclareci... ...mentos pedidos e ainda aquelles ...que lhe não pedimos.

O povo daqui é bom. E' bom e ...simples.

...sabem da vida dos outros, ...— Seu Fulano casou com a fi... ...lha do seu Sicrano.
— Qual?

Duas creaturinhas de quem só se póde dizer: — mimosas!

— Aquelle que possue duas casas na Ribeira. A filha delle é uma moça prendada. Religiosa até ali... Passa a vida na egreja.

Adeante, um outro insulano nos traça a chronica simples de um respeitavel e acatado morador da ilha.

Conta-nos como foi que elle fez fortuna. As vicissitudes por que passou, e até como ganhou o appellido por que é conhecido...

— Mas olhe lá, tem uma coisa.
— Que é, seu Venancia?
— Não o chame pela alcunha. Elle hoje é seu capitão Fulano... Veja bem!

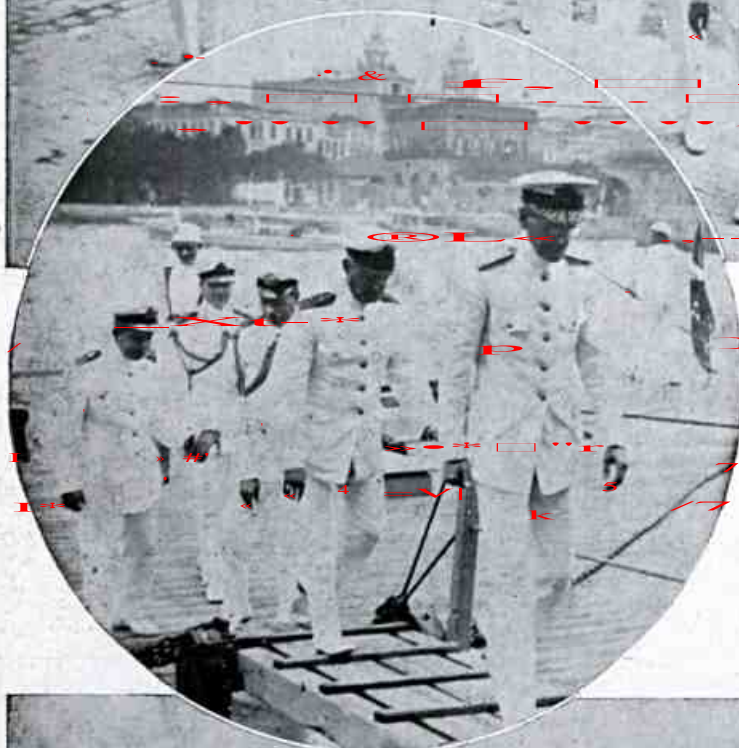
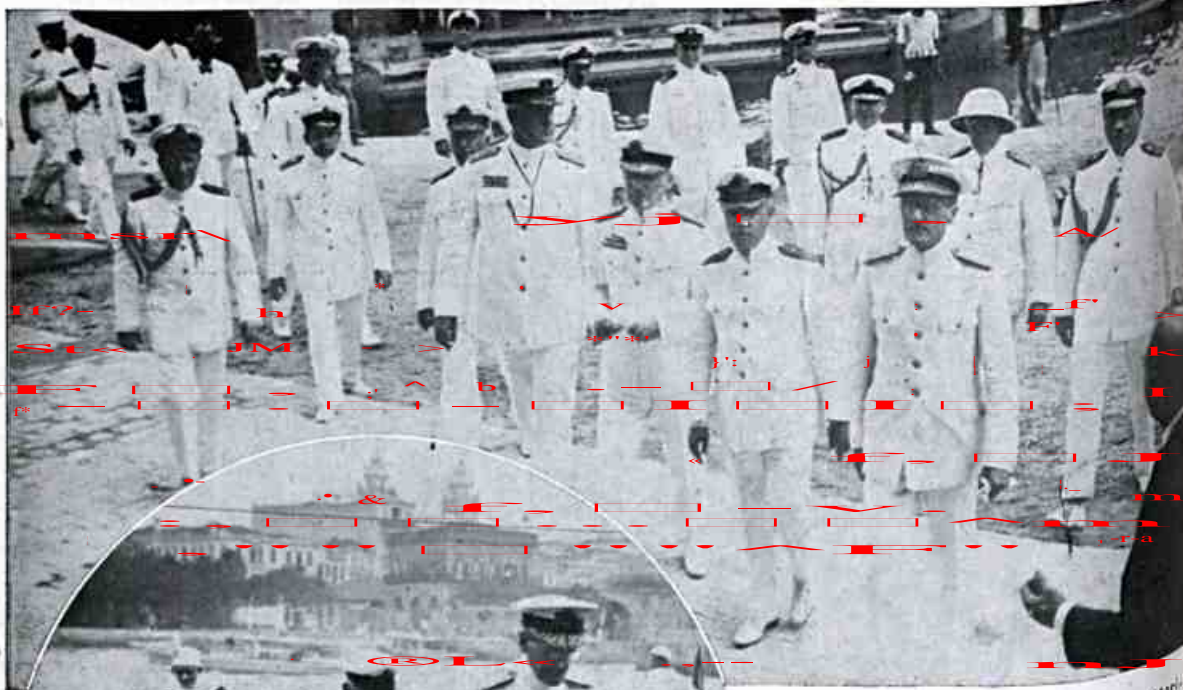
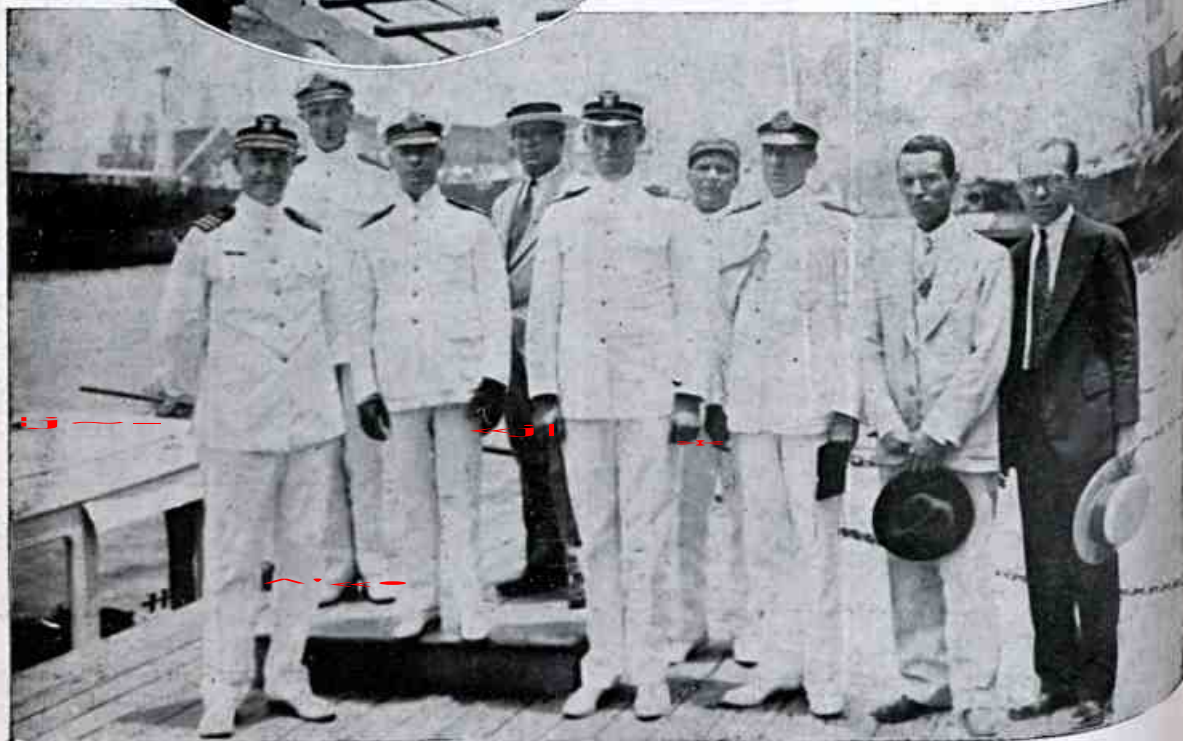
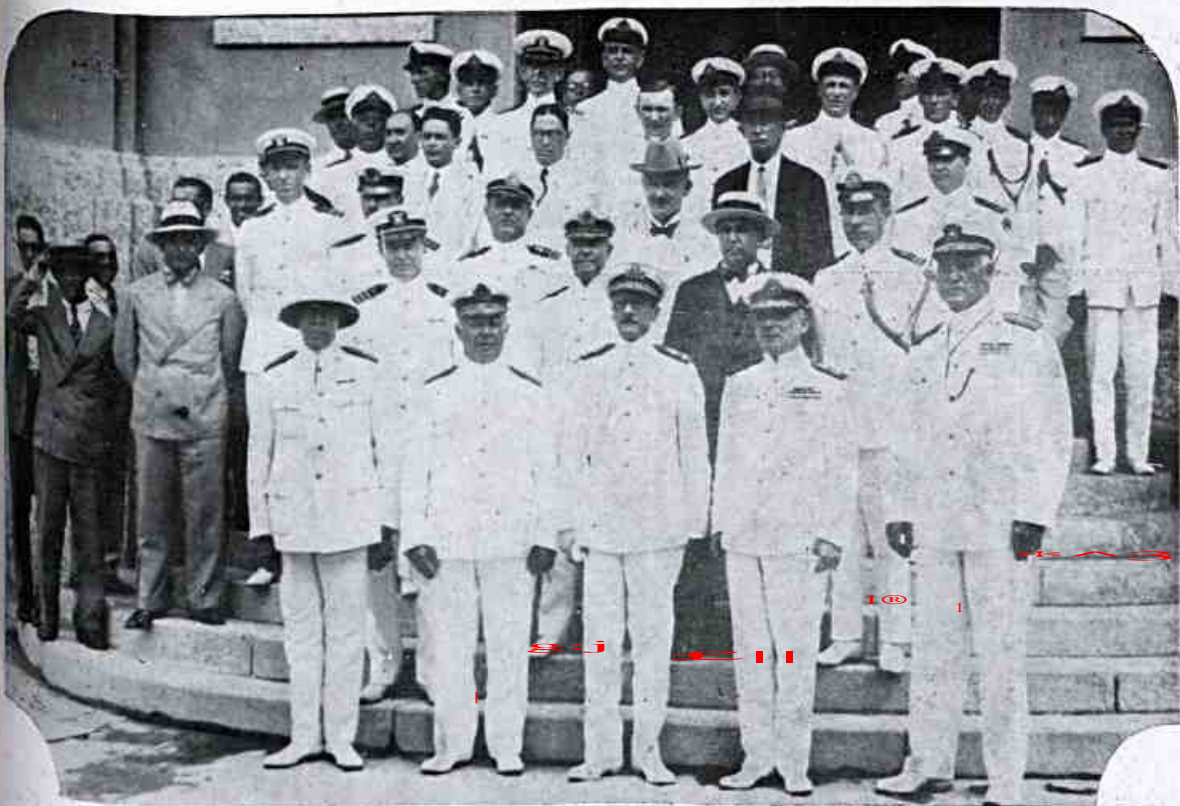
Esta ilha é muito pittoresca...

Os seus bondes andam como rebanhos. São como os carneiros de Panurgio. E' verdade que não entram no mar, como os lanigeros do personagem de Rabelais; em compensação as barcas entram por elles. As barcas e os bondes estão sempre de accordo: o que estes fazem, aquellas imitam.

As praias e os bairros possuem nomes engraçados: Engenhoca, Zumby, Cabaceiro, Freguezia, Cocotá...

Ahi está um nome que é saboroso como um fructo de mesa: Cocotá! Até a gente tem vontade de repetil-o, muitas vezes: Co-co-tá!

Em summa, ha por aqui excentricidades que impressionam bastante. Em toda parte, um poderoso elemento de conquista feminina é um automovel. Aqui, mais que o automovel, é um simples barco. Um simples bote, que se preste a uma excursão em torno a ilha, é o bastante para que um cavalheiro receba os mais lindos sorrisos desta unidade geographica.

Positivamente, eu — que sou observador — acho um encanto indizivel em todas essas coisas...

Com a presença do sr. ministro da Marinha e outras altas autoridades navaes, foi inaugurado, solennemente, na manhã de segunda-feira, o grande, imponente e [illegible] edificio que a Companhia Mecanica e Importadora de São Paulo acaba de construir para o Deposito Naval. Como se sabe, ha cerca de dois annos, um pavoroso incendio destruiu o velho edificio onde funccionava aquelle departamento da Marinha, que desde então ficou installado precariamente em uma dependencia do Lloyd Brasileiro. Assim, a cerimonia de segunda-feira constituiu um grande acontecimento para a nossa Marinha de Guerra, que fica, desse modo, dotada de um notavel melhoramento. As photographias desta pagina fixam aspectos diversos da inauguração do novo [illegible] Naval e representam o ministro [illegible] Luz e demais autoridades navaes chegando á Ilha das Cobras.

A mesa do «lunch» offerecido ao sr. ministro da Marinha e demais pessoas presentes á solennidade inaugural do novo edificio do Deposito Naval, na Ilha das Cobras, e um grupo em que apparecem, além do almirante Pinto da Luz, os almirantes José Maria Penido, chefe do estado-maior da Armada; Fonseca Rodrigues, director do Arsenal de Marinha; Octavio Jardim, director da Engenharia Naval; Damião Pinto da Silva, director geral de Fazenda, e Noble Irwin, chefe da Missão Naval; o commandante Frias Coutinho, director do Deposito Naval; o commandante Thiers Fleming, director da Commissão Technica de Fiscalização das Obras da Ilha das Cobras; o dr. Wanderley Mariz, gerente da Companhia Mecanica e Importadora de São Paulo, e os commandantes Accioly Vasconcellos, João Paulo de Faria, Victor da Silva Fontes, Salustiano Lessa, L. M. Atkins, E. S. Brady, Guilherme da Motta e outros.

As figurinhas carnavalescas da cidade já se agitam na sua ansia de render a Momo, que ahi vem, o tributo da gulhofa e da folia.

*Porque "ellas" tambem são da fuzarca. E sempre foram da fuzarca alegre e brejeira das ruas, com as suas "momices" de tout les jours.*

* * *

*Nos bondes, nos omnibus, na Avenida, em toda a parte onde se reuna uma meia duzia de "periquitos" femininos, a grallhada é sempre a mesma: carnaval, phantasias, clubs, cordões, canções do dia...*

* * *

*— Minha phantasia vae ser um "succo", é da "pontinha"! Um successo, vocês vão ver!*

*— De que te vaes phantasiar?*

*— Ah! E' segredo. Quero fazer surprêsa! Uma enorme surprêsa!*

*— Não será superior á minha...*

*— Nem é minha, que será um numero de sensação, pelo escandalo que vae causar! — diz uma morena, a sorrir com os labios e com duas "covinhas" que se lhe formam nas faces.*

*— Ah! Escandalo! Conta! Dize como é! Que belleza! Uma phantasia que ainda possa escandalizar... Não, não pode haver mais...*

* * *

*— Pois, ha, sim, e vocês vão vêr. Toda a minha difficuldade está em arranjar o companheiro. Estes homens de hoje estão tão idiotas... São mais mettidos a pudicos do que as mulheres. Parecem as donzellas romanticas de outr'ora...*

*— Mas, como? Que ha? Conta. Falla, Ninitasinha! Dize o teu segredo ás tuas amiguinhas!*

*— Não; vocês depois dão com a lingua e outras fazem o que quero fazer...*

*— Não. Juramos absoluta discreção. Os homens, então, estão virando meninas de collegio de freiras!...*

*— Sim. Parece. Pelo menos tres a quem fallei para servirem de Adão...*

*— De Adão?... Conta!*

*— Ah! Trahi-me! Agora conto o resto. Sim, de Adão, porque eu quero phantasiar-me de Eva, tal qual como no Paraiso...*

*— Só com a folha de parra?...*

*— Sim, para que mais? E*

*— Esplendido! Magnifico! E Adão, que folha levava?...*

*— Folha, para que?*

*— Para, para... Ora tu bem comprehendes...*

*— Ah! sim. Elle levará uma tanga enfeitada de maçãs...*

*— Uma tanga?*

*— Sim. Pois bem, apesar disso ainda não encontrei um Adão! E*

*— Realmente! E para o outro, o do Paraiso, bastou apenas a maçã que Eva lhe deu... Como*

*— Para vocês verem como "elles" estão imbecis, cada vez mais idiotas! Eu os tento agora com uma tanga cheia de maçãs e acham que não é decente!*

MAX LINDER.

## AUTORES

Acaba de entrar em circulação a 3.ª edição de «Psychoses do Amor», de Hernani de Irajá. Esse facto só por si põe em destacada e significativa evidencia o merito e a acceitação da obra notavel do illustre clinico e escriptor patricio. Nome de relevo nos circulos intellectuaes e artisticos desta capital, o dr. Hernani de Irajá, que é um dos brilhantes collaboradores de FON-FON, desenvolve em «Psychoses do Amor» uma these scientifica de sensação, que desperta a maior curiosidade, e á qual seu autor deu a mais fina e esmerada fôrma literaria. Estudando e analysando as varias manifestações pathologicas do amor, o joven e notavel scientista patricio fal-o com sua alma de artista, no seu cuidado e primoroso estylo, o que torna sua obra duplamente interessante. Registando o apparecimento da nova edição de «Psychoses do Amor», FON-FON fal-o com um dobrado prazer: o de assignalar o merito do livro e o de pôr em justo e merecido destaque o nome de seu autor.

## CANTICO DOS CANTICOS

Teu amor embriaga a minha vida. Como um velho vinho de perfume capitoso! E' cheiras como um vergel quando os frutos amadurecem. E' cheiras como um jardim quando as flores desabrocham.

Teu amor embriaga a minha vida. Como uma velha essencia do oriente, perfume propiciatorio queimando numa caçoleta de jade! E' cheiras como um jasmineiro ao luar. E' cheiras como um rosal coberto de abelhas de oiro.

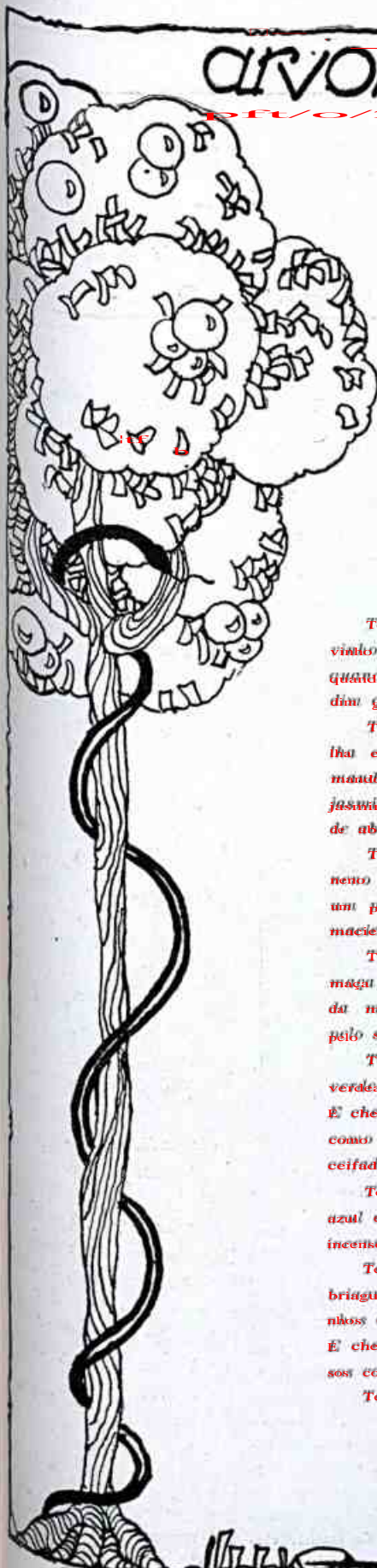
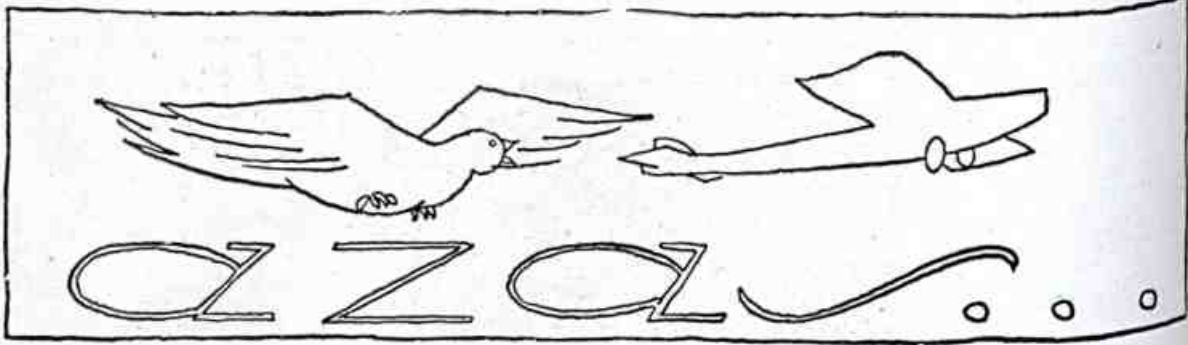
Teu amor embriaga a minha vida. Como um veneno subtil que penetra no sangue. E' cheiras como um pecegueiro na sua floração. E' cheiras como uma macieira coberta de botões.

Teu amor embriaga a minha vida. Como a fumaça do nardo de Serendib. E' cheiras como os cedros da montanha. E' cheiras como um vinhedo beijado pelo sol.

Teu amor embriaga a minha vida. Como a luz esverdeada de teus olhos quando penetram nos meus. E' cheiras como a brisa que sopra do oceano. E' cheiras como o vento que traz nas asas o perfume dos fenos ceifados.

Teu amor embriaga a minha vida. Como o fumo azul e odorante do ópio. E' cheiras como a arvore do incenso. E' cheiras como a casca macia do cinnamono.

Teu amor embriaga a minha vida. Como uma embriaguez que jamais se curasse. E' cheiras como os vinhos claros, côr de ambar, de topazio e de oiro antigo. E' cheiras como os vinhos escuros, vermelhos e espessos como o sangue.

Teu amor embriaga a minha vida!

# "LOUVA AO SENHOR COM A TUA DANÇA"

NOS circulos religiosos de Los Angeles acaba de ser introduzida uma nova e curiosa maneira de louvar ao Senhor. Consiste essa pratica originalissima, n o mundo culto contemporaneo, em se dar graças a Deus... nem mais nem menos do que dançando!

A innovação, que foi adoptada pelo dr. Sheldon Shepard, pastor da primeira Egreja Universitaria de Los Angeles, — causou, a principio, a mais viva curiosidade.

Perante uma assistencia numerosissima, o pastor protestante reuniu, um dia, em torno de seu pulpito, uma troupe de habeis dançarinos classicos e mandou que dançassem. O ambiente tinha sido previamente preparado para isso e tudo concorreu para que os fieis alli reunidos assistissem ao estranho e bizarro espectaculo, entre surpresos e deslumbrados.

— Carissimos irmãos, a dança é a forma mais antiga de adorar o Senhor! — disse o reverendo, ao terminar a dança, e, para melhor justificar sua affirmativa, abriu a Biblia e leu esta passagem: "Louva ao Senhor com a tua dança."

Não era preciso dizer mais. As reuniões do pastor Sheldon são, hoje, das mais disputadas, tendo a animal-as sempre uma troupe de dançarinos especialmente organizada para o fim religioso a que é destinada.

"A Dança do Prazer" — tal é o titulo do bailado classico que serve de ouverture á nova pratica introduzida no ritual religioso evangelico, em que o papel de Terpsychore é de uma relevancia indiscutivel.

Deante disso, haverá ainda quem diga que dançar é peccado, quando a dança é a forma mais antiga de adorar o Senhor, na opinião do pastor protestante americano?

Vamos dançar, [illegible] gente...

## NOTA DE ARTE

A senhorita Edith de Aguiar é uma joven pintora brasileira que, em Madrid, onde presentemente se acha, está alcançando notavel successo com seus quadros de figuras e paizagens nossas. Sob o patrocinio da Sociedade Hespanhola dos Amigos da Arte, a senhorita Edith de Aguiar inaugurou, recentemente, naquella capital, uma exposição de pintura, que tem interessado vivamente os meios artisticos madrilenos. Os quarenta trabalhos expostos mereceram os mais lisonjeiros commentarios da critica hespanhola, que nelles encontrou «la emoción colorista, la fineza de contrastes, la gracia expressiva y, sobre todo, esa sutilidad de ingenio que solo el arte femimino sabe descubrir en los mohines y gestos de la naturaleza.» A artista brasileira não precisa de melhor elogio ao seu talento. Está consagrada por uma das criticas mais autorizadas do mundo.

## O ELOGIO DA CRAVINA

Quem se lembrou jamais da [illegible] flor singela, ignorada da propria singeleza?...

Entretanto, que nobre e [illegible] é a sua belleza!

Como varia o bordado a[illegible] das suas petalas re[illegible] e como é veludo[illegible] a linha que teceu o ma[illegible] bordado!

Pequenas bor[illegible] desconhecidas, as [illegible] apresentam ape[illegible] a obra primorosa, sem [illegible] de apresentar o [illegible] que a teceu.

A cravina é sincera, é verdadeira. Mostra-se integralmente, aberta[illegible], tal qual é. Não es[illegible] as suas petalas se[illegible] sob novas petalas, [illegible] se encolhe numa can[illegible] fictícia. Abre-se to[illegible] ver até o fun[illegible] delicado calice. E [illegible] no ar o delicado [illegible] doce e acre, como [illegible] verdade...

[illegible] e primorosa [illegible] espontaneamente, [illegible] nossos olhos [illegible] de belleza e de [illegible] as verdadei[illegible] amorosas offerecem a [illegible] rubra da bocca ao [illegible] do seu amor, [illegible] o cravo, pér-[illegible]

mu, comprime os ardores dos petalos robustos dentro do avaro calice, a mimosa cravina, bondosa e solicita, estende promptamente a corolla macia para o beijo das auras...

Fragil e graciosa, ella se entrega á caricia violenta do vento, como a mulher pequenina e amorosa aos braços fortes do homem que adora... Confiante e serena.

E si o vento a maltrata, cresta-a ou a desfolha, ella tomba gentil, ainda na Morte boa, pondo toda a sua alma na ultima expressão aromal, que envolve, como a caricia de um perdão, o soluço do vento. E é flor!...

Mas aquella que te ama com toda a sua alma, meu amor, aquella que só tem um motivo, uma razão para soffrer o teu desprezo — o Amor, — aquella que soffre sorrindo, que sorri por entre lagrimas, que soluça de alegria e ri de dôr, não tendo a vida ephemera e consoladora das flores, nem a belleza radiosa, nem a graça que fascina, e, entretanto, resiste — essa soffre bem mais... muito mais... porque é mulher...

**Baroneza de Branccion.**

E[illegible]za Sobral é a joven pianista, alumna do Instituto Na[illegible]ional de Musica, que na audição organizada pela professora Maria Thereza da Costa Nunes, e recentemente levada a effeito no salão pequeno do mesmo Instituto, foi muito applaudida, executando brilhantemente uma «gavotte» de Godard e «Gazouillement du Printemps», de Sinding.

Em beneficio da Escola de Santo Adolpho, dirigida pelas Filhas de Maria Immaculada, realizou-se, domingo, em Santa Thereza, um brilhante festival, que alcançou grande successo.

# *Uma festa regional*

O dr. Pestana de Aguiar, brasileiro que sabe amar a sua patria, inflammado por um genuino sentimento de brasilidade, teve a idéa feliz de offerecer uma festa de caracter regional a pessoas de suas relações. Para isso, o seu palacete da rua Juca recebeu uma ornamentação ao gosto das casas do interior, de modo a transmittir uma impressão que é verdadeira do lar sertanejo. Houve a preoccupação

dominante, central, de se imprimir á festa um caracter typicamente regional: todos os convidados se apresentaram com trajes do nosso «hinter-land». Assim, o seringueiro do Amazonas, o vaqueiro do Nordeste, o gaúcho, o mineiro, o caipira paulista e o cangaceiro pernambucano estiveram representados na reunião por elementos da nossa alta sociedade. As damas, por sua vez, desempenharam ... sertaneja dos Estados da União. Fez-se musica regional e, a seguir, foi cumprido um programma attrahente, pela sua variedade. A nota elegante da reunião foi o baile, que decorreu na maior animação.

IDE BLUMENSCHEIN
(Colombina).

Ide Blumenschein, (Colombina), autora do livro "Em lá menor", recentemente apparecido, é uma das mais festejadas poetisas paulistas.

Colombina escreveu especialmente para FON FON esta linda pagina de emoção.

Aliás, ella já é bastante conhecida dos leitores do nosso semanario. Essa apresentação póde ser redundante. O que, porém, não é demais, é que chamemos a attenção dos que amam a bôa poesia para este seu poemeto tão cheio de sentimento e commovida belleza.

(SYMPHONIA DAS CORES)

# PRETO

Noite no céo... Noite na terra... Noite
Dentro do coração de tanta gente
Que soffre, que padece o duro açoite
Do destino cruel.
Noite que a sua escuridão empresta
A' mais funesta
E mais antiga das côres;
Mais amarga que o fel!
Côr que existe ha mais de cem mil annos,
Semeando desenganos,
Carpindo dôres...
Côr do châos profundo,
Mais velha do que o mundo,
Inicio da creação!
Preto. Côr da ingratidão,
Symbolo da má sorte!
Côr que o maior dos mysterios encerra:
O mysterio da morte.
Preto! Côr dolorida
Que para o pranto as palpebras descerra
E os corações enluta,
Lembrando a hora fatal da despedida.
Discreta, humilde e obscura
E' a côr da desventura;
Não sei porque, ao vel-a,
A gente fica triste e pensativa,
Vendo na sua sombra a perspectiva
Dos dias de amargura,
Das noites sem estrellas...
Côr da tragedia que esphacela o mundo!
E está sempre no fundo
Da taça do destino... Triste côr...
Da magoa, da incerteza,
Da tristeza,
Do abandono e da dôr.
Negra côr que se espalma,
Como um sudario triste,
Sobre minh'alma,
Desde que tu partiste...
Côr que não morre nunca, pois a morte
Tem essa côr tambem; [illegible]
Quando as outras se vão (é assim a sua sorte)
Ella, sozinha, vem.
Lá no fim do cortejo,
Quando finda o desejo,
Quando fallece o amor.
Preto. Fúnebre côr
Que dentro de minha alma a sua tenda [illegible]
Muda interrogação, fascinando o suicida
Que o destino venceu.
Côr do mal, côr da treva, côr do crime,
Côr do erro e da desgraça; côr que exprime
O derradeiro adeus, o ultimo desengano.
Quando cáe o panno
Sobre a farça cruel que a gente chama a [illegible]

# Balcão Florido

*ROSAS DE TODO ANNO*

Não sei se todos os homens encontrarão no sonho, na felicidade de poder sonhar, aquelle delicioso encanto de cocaína perfumada que tanto encontrava o espirito inquieto e melancolico de Gerard de Nerval.

O escriptor de *La Bohéme Galante* era um caracter enigmatico e mysterioso, tido pelos seus contemporaneos como um homem em constante estado de allucinação. Sua vida imaginaria sobrepujou sua vida real.

Vivendo no ambiente de nostalgia e de mysticismo, a que adaptou todas as energias da sua sensibilidade e da sua espiritualidade, elle escreveu que "le rêve est un habit tissé par les fées et d'une délicieuse odeur."

Hoje, porém, para o homem seculo-vinte a delicia de sonhar, de viver pela imaginação até a loucura, já não é possivel.

A vida imaginaria? Que representa ella deante da vida real, vertiginosa e agitada, dos dias que correm?

O homem já não tem tempo de sonhar e, nem por isso, é menos louco. Na febre e na agitação do trabalho contemporaneo a vertigem que o condiciona e domina é uma vertigem de loucura — uma loucura exhaustiva, que lhe não permitte nenhum prazer espiritual. A vida passa, febrilmente, sem que elle quasi a sinta e comprehenda. E mais que de lucidez, de equilibrio mental, é de intensa e profunda loucura a caracteristica da vida contemporânea.

Suave conforto do sonho e da illusão, quem o poderá ter ainda nos dias de hoje, em que a angustia da vida real fechou aos espiritos as portas illuminadas da fé, e, aos corações, as janellas floridas e romanticas do amor?

*Dessous le rosier blanc*
*La belle se proméne...*

Hoje? Hoje "la belle" já não existe, nem mais florescem os roseiraes brancos da illusão e do sonho...

LETRAS FEMININAS

Flora Possolo é a joven, mas brilhante escriptora, que firmou, definitivamente, o seu nome, em nossos meios intellectuaes. Escrevendo a prosa e o verso com a mesma graça e fluencia, publicou «Alma Serena», poema em cujas paginas palpita uma alma simples, gentil, mas profundamente feminina, nos anseios e pelas imperceptiveis subtilezas de que é feita a essencia de sua poesia. «Alma Serena» é um livro lindo, porque encanta e commove.

*MINHAS VIOLETAS*

Na paz da tarde que desce, velando e preparando a natureza e as coisas para o bailado mystico das sombras da noite, tu és a noiva do meu desejo, tu és a violeta da minha saudade.

Meu amor, por que só desces ao sacrario de meu coração quando o mysterio crepuscular espalha, no espaço, a cinza da saudade?

Por que, nas horas mais illuminadas e sorridentes do dia, não vens tambem para mim, numa exaltação magnifica e deslumbrante de todo o teu ser, a se expandir, glorioso, sob a fulva incandescencia do sol tropical?

Meu amor, tu és a caricia crepuscular da minha vida — a minha eterna saudade...

HELIANTHO.

## A CARTOMANCIA

NICTHEROY perdeu a sua cartomante mais celebre, madame Graziélla, uma creatura que, para se arranjar na vida, passou toda ella adivinhando a do proximo.

Adivinhando, não é bem isto; fingindo adivinhar, ludibriando, enganando, trapaceando, explorando a ingenuidade alheia.

Morreu deixando fortuna, pois logrou ter vasta clientela com o officio que, pelos modos, parece ser dos mais succesivos.

Delicioso paiz, despoliciado, onde cada um de nós póde tapear a humanidade deitando cartas para desfazer casaes, attrahir creaturas esquivas, concertar os transviados e tantas, infinitas coisas!

Bem se diz que viver todos vivem, o saber viver é que são ellas.

Que digam as Graziellas, sem ser a de Lamartine...

## LOBO DO MAR

O naufragio do Monte Cervantes não nos encheu de horror, antes produziu em nossa alma uma grande sensação de alegria.

Alegria de constatar que o mundo não é habitado apenas por creaturas destituidas de dignidade, de bravura e de coragem, porque em meio dos homens florescem almas de gigantes, que sabem honrar a profissão que abraçaram.

Alegria de sabermos que o commandante Dreyer, contando 62 annos de edade, preferiu afundar com o seu navio, depois de providenciar para o salvamento de todos os passageiros e da tripulação, mostrando, com o seu gesto, a todos nós, como sabe morrer um velho lobo do mar.

Saber morrer, que coisa difficil!

Mas, o commandante Dreyer nunca esteve tão vivo dentro do nosso coração como depois de morto.

## QUE HONRA PARA O MARECHAL...

WILHELM Kaefer é um modesto guarda-chaves de uma estrada de ferro allemã, que ora conseguiu sahir da obscuridade para ganhar fama e a honra de ver o seu nome discutido, coisa que muita gente bôa não logra.

Kaefer não descobriu a polvora, porém, vae ser compadre do marechal Hindenburg, porque o presidente do Reich consentiu em ser o padrinho do oitavo filho da quinta mulher do guarda-chaves.

Par de vinte e nove filhos e quatro vezes viuvo, Kaefer é um heróe authentico, na sua especialidade de enterrar mulheres e produzir soldados para o exercito allemão.

Cada qual para o que nasceu...

## PELO BRAS.

ENSINAE a ler aos que não sabem le... – de uma nova cruzada iniciada pelo Rotary Club.

Ao appêllo que ora se faz aos brasileiros para extinguir o analphabetismo em todo o nosso territorio, nós devemos acudir com o contingente de um enthusiasmo sadio, creando a Patria viril.

E' a campanha de que mais necessita o Brasil além de abrir clarões de luz nas massas que até agora vivem de cócoras, sem poder comprehender uma vida mais bella, vida vivida no campo da intelligencia.

A semente está lançada. Resta conduzir a campanha praticamente, para colher os fructos.

Os pioneiros da grande cruzada devem, entretanto, correr em auxilio do governo, porque este não póde, materialmente, enfrentar o problema, e não appellar para o mesmo.

A victoria da nova cruzada repousa no esforço individual de cada bom brasileiro, nada mais.

Nós seremos então uma raça forte, de musculatura de aço, uma raça de gigantes dignos do Brasil.

MARIOS.

## ENLACE LOPES-MENEZES

# POR ONDE VAES...

*Por onde vaes,*
*eu te acompanho, invisivel,*
*apegado, com o vento, ás tuas saias.*

*Quando uma aura mais branda*
*fluctua em torno de tua cabeça,*
*é que meus dedos*
*acariciam levemente os teus cabellos.*

*E si, na rua,*
*quando andas,*
*algo te impelle docemente,*
*premindo e machucando as tuas sedas,*
*não é o vento,*
*é o meu braço*
*que te arrasta e conduz pela cintura.*

EUGENIO GOMES

Uma festa de amor e mocidade, — porque outros não foram os motivos que justificaram essa união feliz de almas — foi, sem duvida, o enlace matrimonial da prendada senhorita Maria Antonietta Lopes com o sr. Horacio Bezerra de Menezes, ambos da alta sociedade cearense. Este registo, accentuemos, é-nos particularmente grato, porque a noiva é a extremecida filha do nosso prezado companheiro dr. Elcias Lopes, advogado e escriptor dos mais festejados, e redactor da succursal do «Estado de S. Paulo», nesta capital. As cerimonias civil e religiosa se realizaram ha dias em Fortaleza, onde os noivos são bastante relacionados.

SABEDORIA

[illegible] é o mesmo que consultar o [illegible] cujos ponteiros não marcam a hora certa.

Madame Roland

• • •

O homem necessita de tão pouco.... E por tão pouco tempo!

Ducis

Foi uma festa brilhante, que reuniu figuras de grande destaque na sociedade carioca, o casamento da senhorinha Severina Espinola Corrêa, gentil filha do coronel Manoel Frazão Corrêa, director do Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar, com o tenente Marcos João Re[illegible], distincto official do nosso exercito. Com a presença do representante do ministro Nestor dos Passos e de grande numero de officiaes e familias, realizou-se o enlace nupcial, de que damos aqui um aspecto em que se vêem os noivos, cercados de seus paes, padrinhos e convidados.

# Superstições litholatricas

LUIS DA CAMARA CASCUDO, escriptor do Rio Grande do Norte, inicia, com estas *Superstições litholatricas*, a sua collaboração em FON-FON. Residente em Natal, onde nasceu, Camara Cascudo é bacharel formado pela Faculdade de Direito do Recife, e é tambem jornalista. Já publicou dois livros de literatura: *Alma Patricia* (critica do movimento literario do Rio Grande do Norte) e *Joio* (tambem critica). Estudioso dos assumptos historicos, escreveu ainda: *Historias que o tempo leva* e *Lopez do Paraguay*, obras recentes, que a critica recebeu como devia: consagrando-as. Em preparo, quasi a entrar no prelo, Luis da Camara Cascudo tem um livro de folk-lore nordestino, que ha de revelar uma nova modalidade da sua complexa e vibrante intelligencia.

Luis da Camara Cascudo.

O sertão guarda algumas superstições que denunciam o velho animatismo primitivo.

As crendices sobre as pedras estão neste caso. O sertanejo não possúe — dada sua herança religiosa — cerimonias de culto litholatricô como as inda existentes na Nova Guiné Hollandeza, os Papuas do delta do Purari, as pedras sagradas da Nova Caledonia, da Nova Zelandia, do Estreito de Torres, Novas Hebridas, nos Nagas no nordeste do Industão, entre os Basutos de Ruanda, etc. No seu amalgama religioso presidido pelo catholicismo, o sertanejo refreou, dispersando, as possiveis reminiscencias negras trazidas pelo elemento afro. Não ha a crendice das pedras que se reproduzem. De pedras sacras o sertão só conhece a pedra ara dos altares christãos. Si esta não enegreceu como a pedra do anjo Gabriel na Caaba de Mecca, é porque a ara não se vê.

As pedras, especialmente as brancas, são naturalmente fontes de explicação lendaria. Qualquer aspecto que fira a attenção é individualizado pelo factor sobrenatural. As pontas, os cimos altos dos serrotes, as lages polidas, as itatingas roliças surgidas na areia fôfa dos taboleiros, são outros tantos themas offerecidos á imaginação ambiente. No bojo da historia, narrada á guiza de tradição, vêm traços semi-apagados da litholatria preterita.

O culto dos Deuses Lares em Roma e Grecia, o pequenino altar domestico, espalhou crenças eternamente vivas no Nordeste do Brasil. Na porta do Inferno sertanejo está uma lage ampla, muito negra. E' o inverso da pedra branca que calçava a entrada do Inferno grego.

A pedra lisa das soleiras dos lares do sertão é residuo serio dos cultos greco-romanos. Era sime-sagrada. Debaixo della enterrava-se o umbigo dos recem-nascidos. Ao pisal-a o morador se descobria. Dahi para deante do cupiar principiava o dominio seguro do dono-da-casa. Muitas phrases recordam esta marca de respeito. "Não pise na minha soleira" equivalia á mais completa prohibição. O orgulho senhorial dos terreiros deve ser posterior. A pedra da soleira fixa a residencia. Os bruxedos postos neste lugar contaminavam toda casa. Nos contos tradicionaes a pedra da soleira guarda segredos de gigantes amorosos e de moças encantadas. Cachorro fujão vira sentinella si lhe cortarem a ponta da cauda e a deixarem escondida na pedra do limiar. Marido vadio, amigo de rifas com bailes e sambas de violas, fica grudado ás palhas da latada si occultarem uma sua ceroula sob a pedra do humbral.

As tres pedras da trempe, que substitúe o fogão, tambem possuem seus direitos aos respeitos sertanejos. Carregar uma dellas á cabeça, cura incontinencia de urina.

O sertão espalha innumeras lendas sobre as pedras-de-sino. O Rio Grande do Norte possue um typo esplendido de pedra amphibolica no municipio de Augusto Severo, no logar Logradouro. Qualquer um destes phonolitos irradia mais historias que sons. São quasi as mesmas de toda parte em caracter identico. Não é surpresa encontrar tradições registadas na Bretanha com suas pedras que dançam, cantam e andam no sertão nordestino.

E' interessante a nenhuma existencia das pedras amuletos. Nem mesmo a chamada "Pedra-do-Corisco" é guardada superstíciosamente. Conservam-na por simples curiosidade.

Onde o sertanejo catholico, serenamente, reata o animatismo ancestral: a crença que tudo possúe alma e sente; capaz de vingar-se e de proteger; onde o vaqueiro do seculo XX remonta aos primeiros movimentos da explicação collectiva do primitivismo apavorado e credulo do selvagem, é nalguns gestos ritualmente obedecidos e communs. Crêm que as almas podem ficar, por penitencia, mudadas em pedras. E não se pragueje chamando pelo Maldito quando tropeçar em uma dellas. Soffre, alem do castigo humilhante, o aggravo, porque Satanaz se alegra ouvindo o apello ao seu nome terrivel.

As pedras inda symbolizam padre-nossos e ave-marias collocadas nos braços das cruzes de madeira que dizem os logares onde alguem foi assassinado. Diminúe o numero das penas o peso das pedras que alli pesam pouco, valendo orações e supplicas, pelo descanso de quem morreu de morte má. A pedra valendo uma prece é transformação religiosa sulamericana. Os peruanos e bolivianos tinham em Pacha Mama um nume tutelar. Ao emprehenderem qualquer negocio offereciam a Pacha Mama uma folha de coca. Os indios apregoavam na coca o seu grande poder nervino. A erythroxylon coca e o zéa mays (milho) synthetizavam as duas maiores preoccupações [illegible] gens. O alimento [illegible] mulante que se [illegible] vicio degradador e [illegible] vente dividiam a [illegible] de do indio. Na [illegible] peruana o milho (maiz) [illegible] a coca foram ao [illegible] ficaram mudadas [illegible] trellas. Na mais [illegible] stellação austral [illegible] zeiro do Sul — [illegible] a coca estão [illegible] "Chacana" (nome [illegible] do Cruzeiro do [illegible] irella mais [illegible] lamente "sara-[illegible]" quinqua-"manca" [illegible] folha [illegible] milho. A outra [illegible] locada no fim [illegible] é a "coca-mama" [illegible] coca. As folhas [illegible] e de coca em [illegible] deral correspondem [illegible] plia e gimma Australis".

Os indios faziam [illegible] da caça a offerenda [illegible] cha Mama. Nos [illegible] ias (monticulos [illegible] viltas imitando [illegible] altares) Pacha [illegible] perava de quem [illegible] uma olla de coca [illegible] somente depois [illegible] a vicunha não era [illegible] A folha de coca [illegible] pedido. O tino [illegible] do Jesuita adaptou [illegible] perstição de Pacha [illegible] ao rito catholico-[illegible] rapuay iniciou a [illegible] nhia de Jesus o [illegible] indio que passasse [illegible] sepultura, saudal-a [illegible] uma ave-maria.

(Conclue na pag. 59)

Numerosos membros da recente Peregrinação Brasileira a Roma e a outros logares sagrados, em frente á Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na França. Vêem-se, na gravura, entre outros, os bispos patricios d. Augusto primaz da Bahia, d. Justino, d. Ricardo e d. Severino; monsenhor Gonzaga do Carmo, organizador da peregrinação, e o director espiritual da mesma, padre João Baptista Smits.

Educar os filhos costuma ser, em geral, reprehender-lhes tudo aquillo que incommoda aos paes. Por isso é que ha tantos bons filhos que são homens insupportaveis. E' que só lhes ensinaram a ser filhos.

Jacinto Benavente

O revmo. padre João Baptista Smits, director geral das Ligas Catholicas Jesus-Maria-José e sacerdote muito estimado em nosso meio, pelas suas virtudes e pelo seu valor intellectual, chegou, sexta-feira penultima, a esta capital, de regresso da Europa, onde esteve como director espiritual da Peregrinação Brasileira a Roma. O desembarque do padre Smits foi bastante concorrido, como documenta a presente photographia, tomada no cáes da praça Mauá, e na qual apparecem, além de s. revma., conselheiros, prefeitos, vice-prefeitos e associados da Liga de Santo Affonso.

A MULHER CHIC

Tweed marron e ... Modelo Jean Patou

Um elegante ensemble de Jean Patou

## POEMA DA SOLIDÃO

O dr. Caio Valladares Filho, juiz municipal de Brasiléa, no Acre, acaba de ser chamado, mais uma vez, a exercer o cargo de juiz de direito de Xapury, como substituto natural do magistrado effectivo. Seus jurisdiccionados em Brasiléa e seus amigos em Rio Branco fizeram-lhe carinhosa despedida quando de sua partida para Xapury, a adeantada cidade acreana.

---

Minha alma é uma casa vasia,
E vivo dentro della, prisioneiro de mim mesmo.

A' luz da manhã, abro a janella, respiro a capitosa claridade do dia e, depois, começo a errar dentro dessa casa, sosinho. Tão grande! Tão grande! Salões ricos, sumptuosamente ricos. Todo o luxo das civilizações humanas. Todos os estylos de todas as architecturas. Todas as jóias e todos os productos das artes. Marmores e metaes preciosos. Alabastros e pedrarias. Sandalo e cedro. Thronos e perfumes.

Galerias para passeios. Claustros silenciosos para o recolhimento. Arcadas cheias de penumbra para a meditação. E torreões ameiados para repellir ataques, arvorar bandeiras festivas, ostentar pavezes de orgulho ou mirar ao longe as paisagens tranquillas.

Salas claras, alegres, confortaveis, com todos os deliciosos artefactos da industria scientifica de hoje.

E a prataria, o movel antigo, a porcelana rara, o livro enluminado, o cimelio, o incunabulo, o marfim, todos os thesouros da vida.

A bibliotheca, então que maravilha! Milhares e milhares de volumes lidos ou folheados, annotados ou glosados, espectaculo soberbo duma cultura magnifica.

Entretanto, nesse palacio immenso não ha ninguém. Ninguém para contemplar essas preciosidades da arte, da litteratura e da sciencia. Ninguém para gosar essa sumptuosidade e esse conforto. Ninguém para ajudar-me a passar as horas de languór, de tedio ou de preguiça. Ninguém para acompanhar-me nos momentos de alegria. Ninguém para subir em minha companhia ao eirado do orgulho e do dominio. Ninguém para lêr os meus livros. Ninguém para usar as minhas jóias. Ninguém para trocar commigo uma palavra. Ninguém...

Arrasto os passos pelos corredores e salões desertos. Atraz de mim, elles resôam tristemente solitarios nas taboas e nas lages frias. Atraz de mim, elles caminham como o eco da minha solidão.

Ninguém!

Podereis avaliar o que é essa angustia, essa tortura, essa agonia, essa morte lenta?...

Minha alma é uma casa vasia,
E vivo dentro della, prisioneiro de mim mesmo.

D. JAYME

Astrô Sintra, nosso confrade da imprensa paulista e uma das mais fortes e originaes personalidades da literaria do Brasil actual. Estylista nervoso, agil, colorido, Astrô Sintra escreve para o «Combate» e outras folhas de S. Paulo chronicas que são sempre festejadas por producções de um grande sabor modernista, e recebidas, sempre, com um agrado novo e uma admiração crescente.

O presidente Julio Prestes, que acaba de inaugurar a linha Mayrink - Santos, na Estrada de Ferro Sorocabana, que constitue um dos grandes melhoramentos do governo de s. ex.

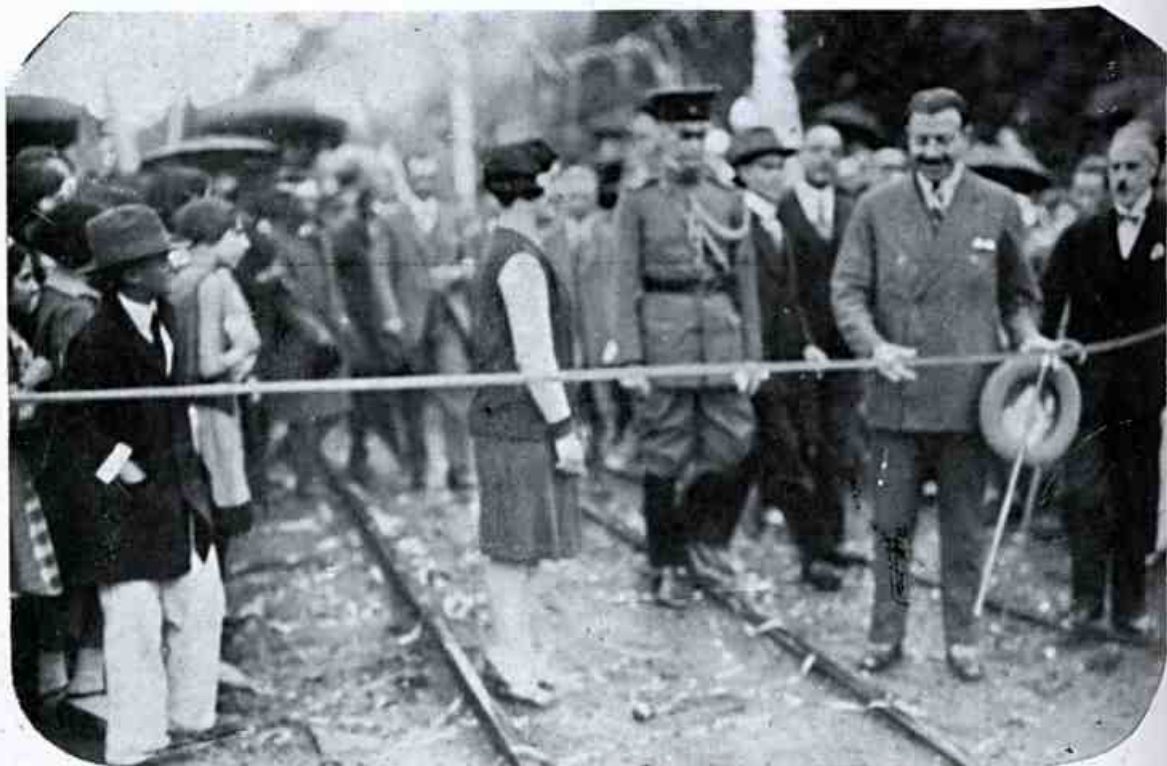
O dr. Oliveira de Barros, secretario da Viação de S. Paulo e que, nesse alto posto, tem desenvolvido uma grande acção constructora, collaborando efficientemente no programma notavel da actual administração paulista.

## Grandeza e progresso de São Paulo

O trabalho, a incansavel e benefica actividade da actual administração paulista exerce-se fecunda e efficientemente em todos os departamentos do serviço publico.

Ainda agora um notavel serviço e

## Importantes inaugurações na E. F. Sorocabana

tres importantes melhoramentos acabam de ser inaugurados pela Estrada de Ferro Sorocabana, numa affirmação magnifica da operosidade e do alto tino administrativo do illustre dr. Julio Prestes.

Em Mayrink. Flagrante do acto inaugural da nova linha.

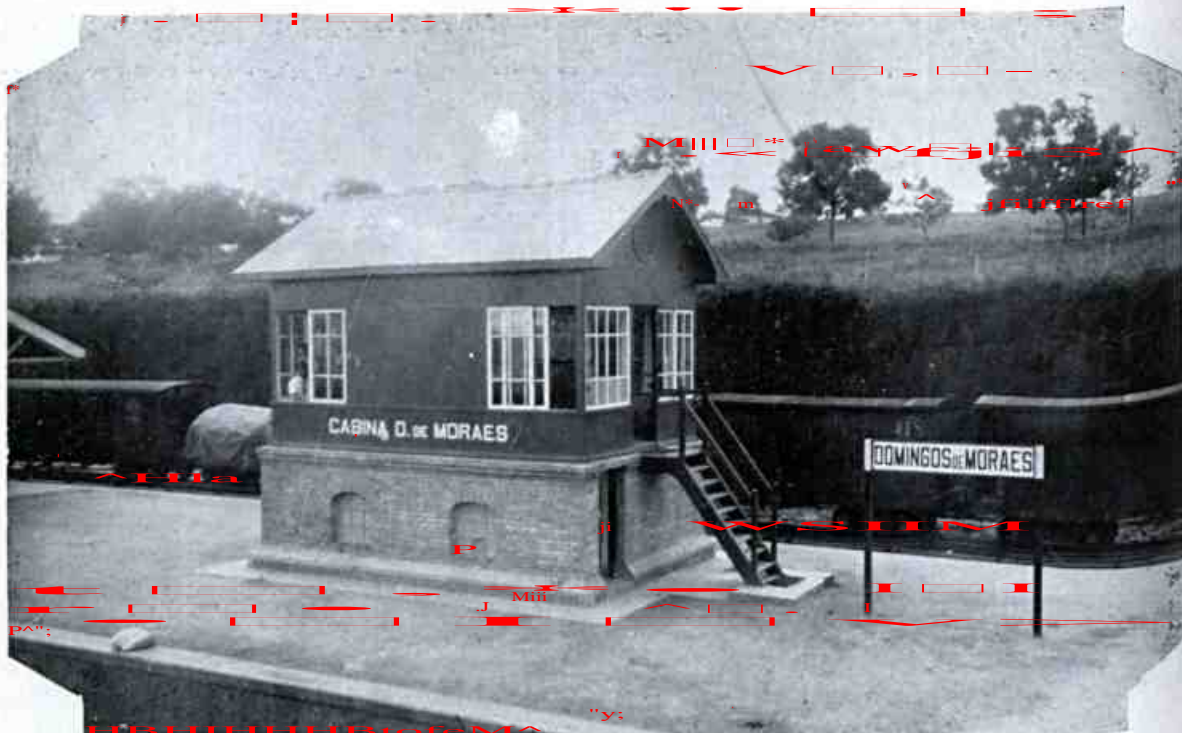
O serviço inaugurado consta da entrega ao trafego de um trecho do grande traçado ferro-viario Mayrink-Santos, comprehendendo duas estações — Guayanã e Canguera. Os melhoramentos introduzidos na importante ferro-via são: o funccionamento das cabinas de signalização, tão necessarias á perfeita circulação dos trens; a abertura ao publico da Estação de Sorocaba, completamente reformada e con-

A comitiva presidencial, ao cortar a fita, na entrada da linha.

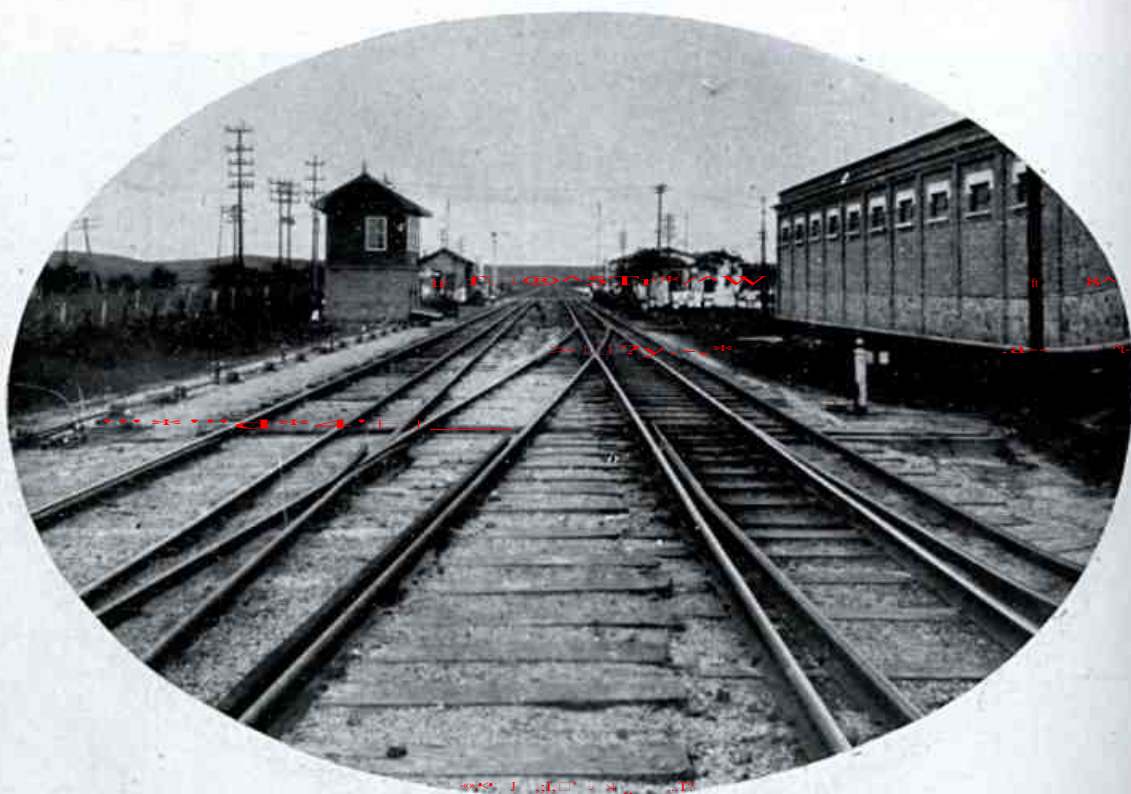
O trem presidencial chegando á estação de Sorocaba.

...nientemente adaptada aos fins a que se destina, e o funccionamento das novas officinas daquella estação.

Considerando-se quanto representa a E. F. Sorocabana, como factor da riqueza e da economia paulista, no progresso do grande Estado, mais avultam na sua significação os emprehendimentos ago-

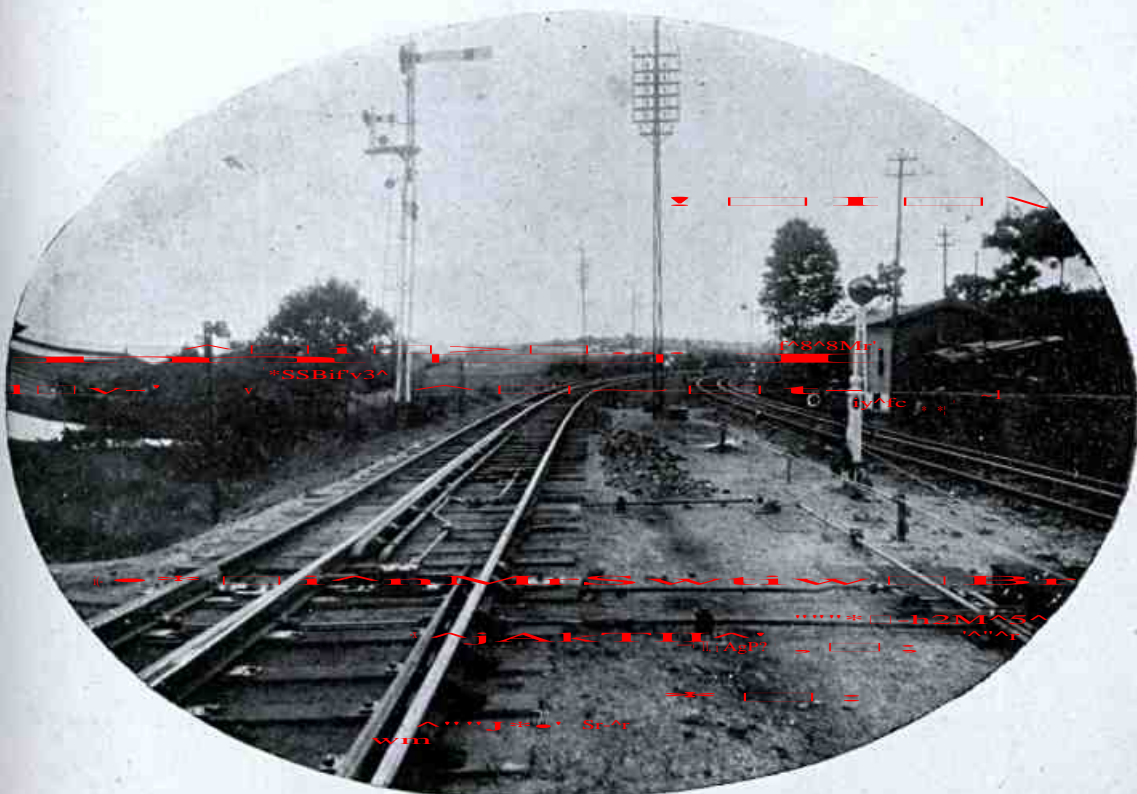
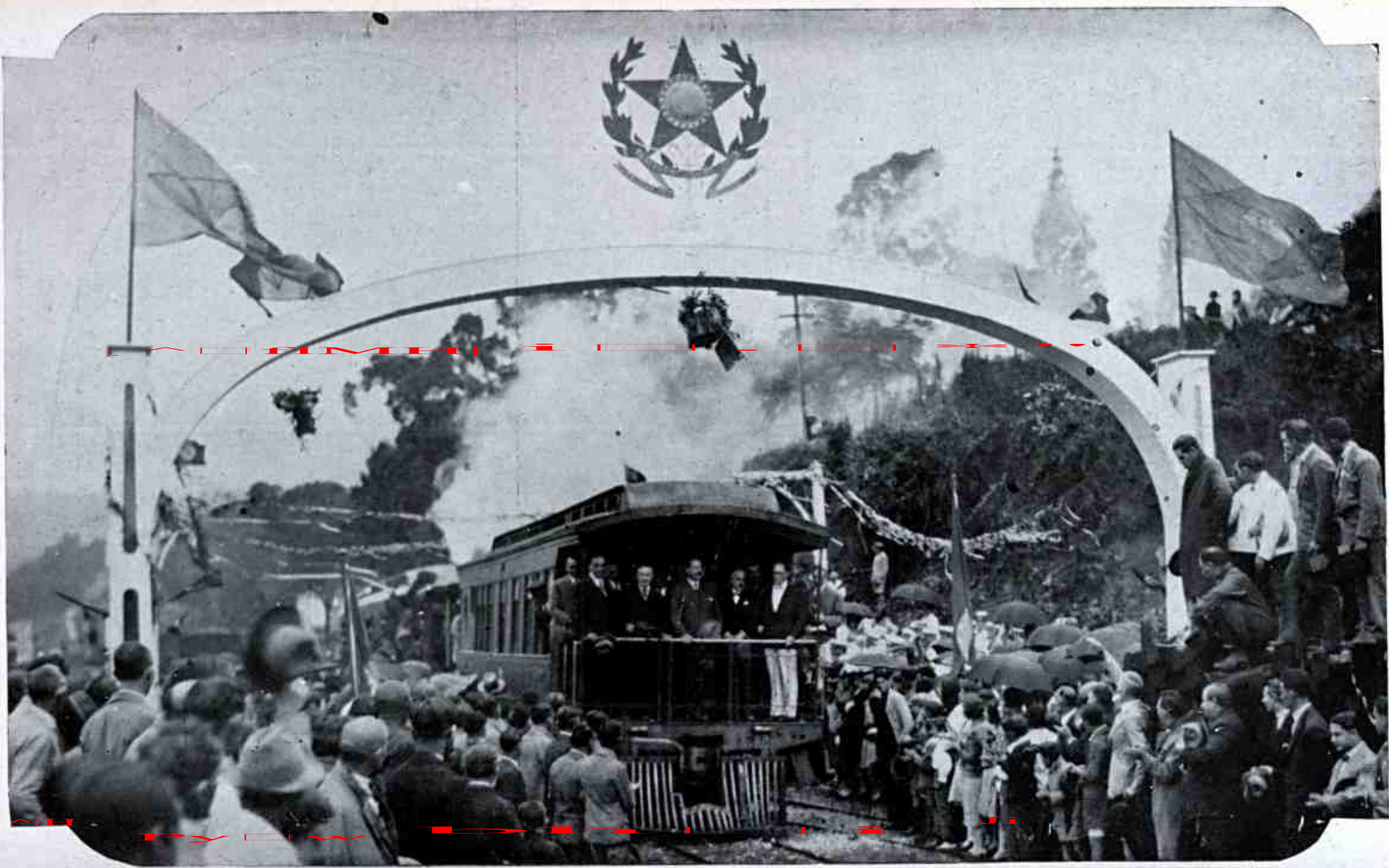
O dr. Julio Prestes, o dr. Oliveira de Barros e demais membros da comitiva, na cerimonia inaugural da nova estação de Sorocaba.

E. F. Sorocabana. Cabina inaugurada em Domingos de Moraes pelo dr. Júlio Prestes.

ra inaugurados, e que affirmam, de maneira concreta e positiva, a capacidade realizadora do actual governo paulista, cujo programma de acção tão somente se inspira na verdadeira politica do bem publico.

O prolongamento Mayrink-Santos teve seus trabalhos iniciados ha muitos annos atraz, e por diversas vezes interrompido. Fracassadas as diversas tentativas no sentido da realização dessa obra:

Cabine de signalização e travamento de chaves, no kilometro 11 da E. F. Sorocabana, tambem inaugurada pelo actual presidente de S. Paulo.

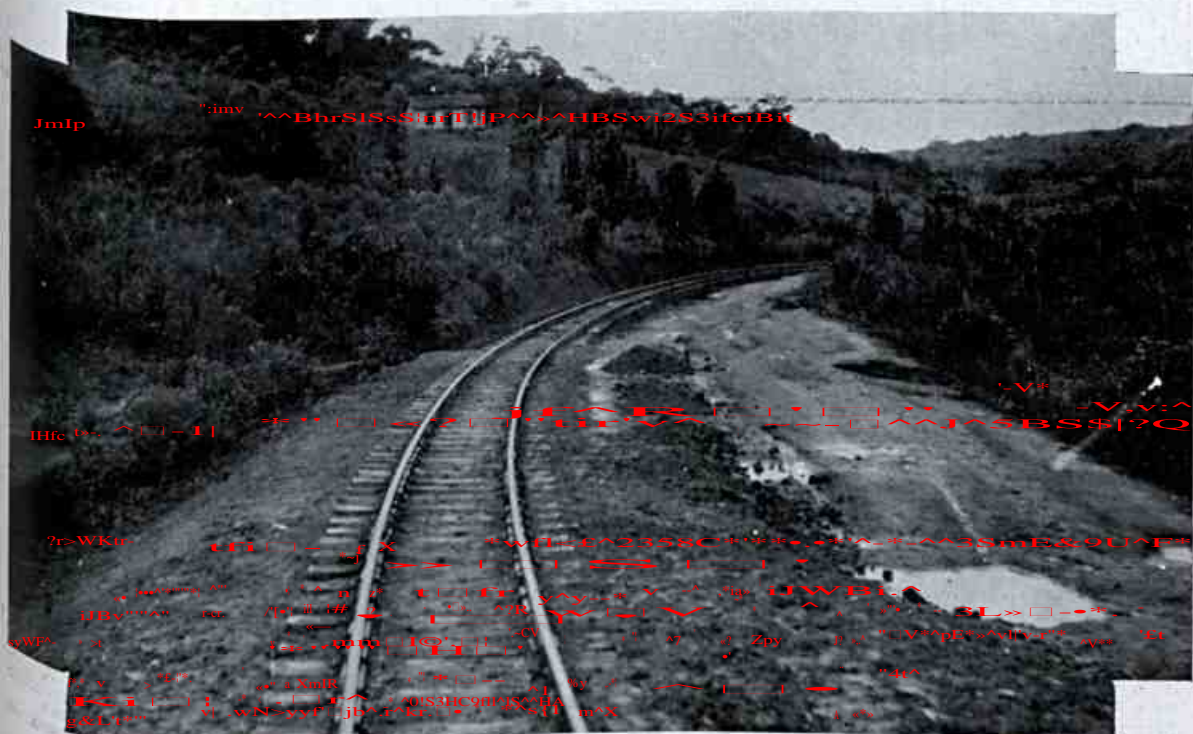
Interior da cabine de Domingos de Moraes, com material confeccionado nas officinas da Estrada de Ferro Sorocabana.

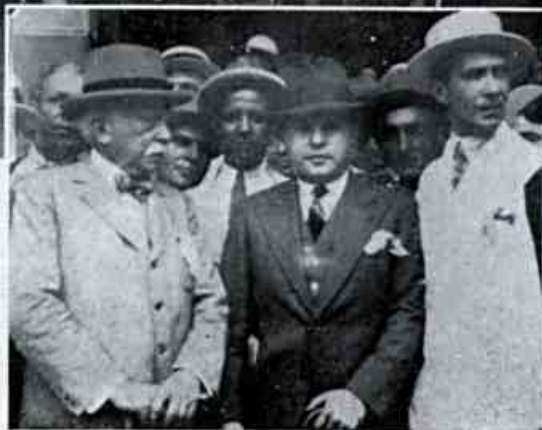
em meiados de 1927 o governo do dr. Julio Prestes resolveu emprehendel-a e leval-a a effeito, o que vem realizando vantajosamente. A recente inauguração das estações de Guayanã, no kilometro 5461, a partir de Mayrink, e do Canguera, no kilometro 10.140, diz bem do estado de adeantamento dessa grande obra.

Devido á sua importancia, sob o ponto de vista estrategico, eco-

Alavancas para manobra, á distancia, das chaves e semaphoros.

O trem presidencial que inaugurou, conduzindo o dr. Julio Prestes e demais altas autoridades paulistas, o primeiro trecho da via ferrea Mayrink-Santos. Photographia tomada quando o comboio entrava no primeiro trecho da nova linha.

O presidente Julio Prestes assignando, no vagão da Sorocabana, a acta da inauguração do primeiro trecho entregue ao trafego do prolongamento Mayrink-Santos.

...nomico e politico, o prolongamen- foi projectado em linha dupla, 1.00 metro, tendo-se, porém, previsto a possibilidade de trans- formal-a em bitola larga. Para isto o gabarito dos tunneis e a super-estructura dos viaductos offe- recem a segurança necessaria.

Os serviços foram orçados em 170.000 contos e todos el- les deverão estar concluidos em 1931.

Um trecho da ferro-via Mayrink-Santos, recentemente inaugurado.

O dr. Lazary Guedes, que vem exercendo o cargo de secretario da presidencia de S. Paulo, com raro brilho e fino tacto, ampliando o circulo de amigos e admiradores do seu bello talento, teve occasião de receber significativa manifestação de apreço, em recente visita a esta capital. Incumbido pelo eminente dr. Julio Prestes de vir ao Rio receber a mensagem das classes trabalhistas recommendando a candidatura do illustre presidente de S. Paulo ao governo da Republica, o dr. Lazary Guedes cumpriu a sua missão num ambiente de viva sympathia e enthusiasmo. O desembarque do dr. Lazary Guedes, que se realizou sabbado pela manhã, na estação D. Pedro II, teve grande concorrencia de amigos de S. Ex., politicos, representantes das altas autoridades, de associações operarias e da imprensa. São aspectos da chegada do dr. Lazary Guedes e que fixam as photographias desta pagina, vendo-se no medalhão o secretario do presidente Julio Prestes.

FILIGRANAS

Por toda a parte hoje em dia se notam os mais variados symptomas de anarchia e, em compensação, tambem os mais variados symptomas de dictadura. De maneira que o mundo vive uma epoca perturbada em que sossobram todas as conquistas do liberalismo romantico. E, onde o guante da tyrannia burgueza não opprime os homens, mil vezes [illegible] tyrannia operaria, mais [illegible] peor por ser [illegible] da [illegible] ctiva, mais perto da natureza. Assim, [illegible] za, os garroteia. [illegible] homem que observa os homens e estuda os outros [illegible] o que elles praticam [illegible] cosamente, levado [illegible] a formula [illegible]

— Não ha logar para liberaes...

As classes operarias do Rio de Janeiro, representadas por cincoenta associações, promoveram, sabbado á noite, no Centro Paulista, uma grande e expressiva homenagem ao dr. Angelo Lazary Guedes, secretario da presidencia de S. Paulo, a quem fizeram entrega, em sessão solenne, do manifesto trabalhista destinado a s. ex. o sr. dr. Julio Prestes.

## SUPERSTIÇÕES LITHOLATRICAS

*(Conclusão)*

... das catacumbas? E o indio ... Uma pedra como signal de ... cumprido o preceito. Isto possi... simplificava a fiscalização ... o nivel da religiosi... Onde existia Pacha ... folha de coca a adapta... resultados rapidos. Mesmo ... passaram a ficar cheias de ... votivas. Para o Sertão do ... do Brasil estas tradições ... trazidas pelos missionarios. ... as santas Missões o povo, ao ... canticos religiosos, carregava ... para construcções pias, chan... cruzeiros e nas longas predicas ... missionarios vinha a recommen... de respeitar as cruzes dos caminhos. Estas sempre marcam locaes de tragedia. E uma pequenina pedra lembrava ao transeunte a facil esmola divina duma oração. Os tentos de pedra foram se multiplicando.

Outra forma conhecida de resquicio litholatrico é a série infinita das pedras onde São Thomé deixou a pegada fiel e nitida.

Estão espalhadas por todo o Mundo. Até Ceylão possue uma que é impressa pela muito veneranda palmilha do pae Adão.

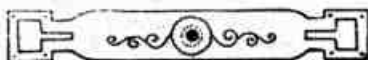
O duro contorno das serras sertanejas dá licença aos espalhadores de assombração. As serras têm muito mais lendas que os taboleiros, varzeas e limpos. O sertanejo ama ir povoando aquellas ribas escalvadas, grotas soturnas e cortes descendo em agudezas espelhantes. E no antigo comboio, tardinha, o dedo do comboeiro mais afoito e falador ia desenhando factos e detalhando medos... E com a treva iniciante e tenue, pareciam surgir das cumieiras brancas, no recorte longe das serranias, vultos de mysterio e de encanto, presentes á evocação inconsciente e sincera de quem os vinha levando pela vida.

Um aspecto da assistencia á solennidade de sabbado á noite, no Centro Paulista, em que foram homenageados o presidente Julio Prestes e o dr. Lazary Guedes.

Revestiu-se de grande esplendor lithurgico a tradicional festa de Nossa Senhora das Candeias, que, sob os auspicios da mesa administrativa da Irmandade da Candelaria, se realizou, domingo passado, no seu magestoso templo. Pela manhã, o revmo. padre dr. Armando Lacerda celebrou missa solemne, tendo feito o panegyrico da gloriosa Virgem das Candeias o revmo. padre dr. Conrado Jacarandá. A' noite realizou-se a leitura da nominata dos irmãos eleitos para servirem no anno compromissal de 1930 a 1931, a que se seguiram o sermão do padre Lacerda e o solemne «Te-Deum», que encerrou a grande festa religiosa.

*INFELICIDADE*

Mademoiselle é rica. Muito rica. Compra tudo o que quer. Póde ter os caprichos mais excentricos. Mais extravagantes. Mais caros. Porque póde satisfazel-os. Sexta-feira, a temperatura baixou. Choveu. Mademoiselle foi á casa de modas. Comprou "fourrures", de Gaston & Fleury. Pelliças de Planchard. Luvas de Phelipe & Oliver. Pura elegancia parisiense.

Mademoiselle ia á missa, domingo. As missas ás vezes são magnificas exposições de toilettes caras. Raramente, demonstrações de fé catholica.

Mas, ao contrario do que mademoiselle esperava, a temperatura subiu de novo. O sol brilhou fortemente.

Mademoiselle não poude exhibir as "fourrures". Chorou... Arrancou os cabellos... Foi uma desgraça não ter havido ainda quem puzesse uma loja de chuvas...

R. Magalhães Junior

Enlace Wally Selinke-Luiz Arnaldo Schneitzer, ha pouco realizado na cidade de S. Francisco do Sul, em Santa Catharina, a cuja alta sociedade pertencem os distinctos noivos, que foram paranymphados, no acto civil, pelo sr. Amantino Camara, illustre director-presidente do Lloyd Brasileiro, e senhorita Melita Schneitzer, o sr. Roberto Alarcon, consul argentino, e senhora Delia Souza Paquet. No religioso serviram de padrinhos o sr. Otto Gerken e sua exma. senhora.

# TREPAÇÕES

ELLE, ella, a sombrinha e o cachorro...

São infalliveis, na praia, todas as manhãs, á hora do banho.

Deitam-se a fio comprido, juntam as cabecinhas, naturalmente sem medo, e ficam assim esquecidos longas horas, esquecidos igualmente de que ha gente na praia...

A sombrinha, sob a qual se protegem dos raios solares e das vistas alheias, exerce um papel de alto valor, para ambos, pois, caso ella não existisse, seria preciso que os banhistas adquirissem uma barraca *made* Ostende, para offerecel-a ao parzinho de namorados.

O papel destinado ao cachorro é tambem interessante. Cão de guarda, não deixa ninguem se aproximar sem dar signal...

Então, o parzinho toma as cautelas necessarias para ser visto.

Divertido, não acham?...

NOVIDADES, e de arromba, sempre existem cá pelo nosso Rio.

A questão unica está em desvendal-as, o que quasi sempre não é facil.

Hoje, temos uma que, ao ser confirmada, redundará num successo.

Conhecido e velho clinico, dentro em pouco, deverá estar casado com uma creatura moça e elegante, união que poderá ser justificada, porém que vae despertar commentarios de toda a sorte.

Os costumes modernos tomaram conta da nossa sociedade, e, por isso, o casamento a que alludimos já deveria estar catalogado entre os casos communs dos dias vertiginosos que vivemos. Mas, assim não pensam aquelles que gostam de commentar a vida alheia.

Nós somos dos que pensam que o caso é sentimental, na velhice, e sempre respeitavel, mas, vae ser uma nota sensacional da sociedade.

FALTA de juizo é uma coisa séria...

*Madame* era bem casada, mas, um dia de mão humor, resolveu desquitar-se, mandando o marido passear.

Tratou de substituir o esposo e cahiu nas mãos de um banqueiro, que tem por *madame* um verdadeiro *beguin*.

Este, pela manhã e á tarde, ao sahir e regressar ao lar, tem o cuidado de passar pela casa de *madame* para receber ordens e alguma coisa mais...

Elle proprio escolhe as fructas, que custam o preço de joias, enviando-as a *madame*, e esta em pouco tempo conseguiu um peculio além da casa dos *cem pacotes*.

Prodigo, o banqueiro projectou arranjar um optimo emprego para *madame* divertir-se, simulando um concurso que, por fim, não se realizou, porque *madame* desistiu do emprego...

Entretanto, *madame* já não se sente bem nem mesmo na companhia do bondoso banqueiro, e vae lançar o homem ao mar.

E arranjou um estratagema para mudar a situação, sem enfrentar o banqueiro na hora da despedida.

Da estação de aguas virá, ou já veiu, a classica missiva com a confissão de que sente muito, mas chorar não póde, e adeus para sempre...

Tudo isto porque *madame* pensa que está sendo amada pelo jornalista com quem pretende um dos taes casamentos faceis depois de uma viagem ao Uruguay...

*Madame*, positivamente, não tem juizo!

Uma original fantasia de «Trovador» para o carnaval que se aproxima, confeccionada, metade em seda vermelha e a outra metade em seda amarella. Chapéo ornado de uma pluma.

HA dias, um festejado intellectual conversava com um official do exercito, que é conhecido como conquistador impenitente.

O militar se queixava de sua pouca sorte com as "pequenas". Estas appareciam, mas logo se iam embora. Por que seria? Azar? Antipathia?

O intellectual observou:

— Não é possivel, tenente. Você é moço, bonito e intelligente. De resto, a farda de um tenentezinho como você é um chamariz excellente.

— Não sei! O caso é que ando de pouca sorte.

O intellectual declarou:

— Pois olhe, eu sou feio, *prompto* e ando pela casa dos quarenta. No emtanto, tenho uma *chance* no amor que você não avalia... E' verdade que todos nós temos seis mezes de boa sorte e seis de azar.

E o tenente, num suspiro:

— Pois, então, estou na phase azarenta...

## EXALTAÇÃO

Meu amor... Meu senhor e meu deus... E eu a lembrar-te sempre! Eu a lembrar-te sempre, quando tu nem já te lembras que eu existo...

Nego a todos este amor que me domina, que me envolve, premente e coleante como enorme serpente de anneis de aço, a alma inteira!

O meu amor é uma serpente, uma serpente linda e perigosa, mais do que perigosa, fatal!

Veio serena e linda como um sonho augusto de Primavera!...

Deixei-a vir, com o ansioso desejo de vel-a... de tocal-a... de sentil-a. Pérfida e traiçoeira, enroscou-se, primeiro com volupia, depois com crescente voracidade, e, por fim... suffoca-me com o seu acre perfume de flor venenosa...

O intelligente menino Ney Antero Camara de Campos.

Suas escamas de esmeraldas cegam-me os olhos da alma... E o seu silvo dulçuroso e penetrante magôa-me com a subtil suavidade do seu gozo amaro...

Sinto a luz glauca e doce desse olhar ophidico, diabolico, fatal, infiltrar no meu espirito todo o veneno divino, o veneno doirado deste amor... Que angustia! Enlouqueço... de saudade... de abandono... de dôr! Fui... e não te vi, nem mesmo num relance em que pudesse a tua altiva silhueta toda poderosa abrandar esta sêde infernal que me devora, esta sêde de ventura que me é imposta pela fatal serpente.

Ella só cede ao appello da tua mágica voz. Ella só abranda a sua furia sob a luz doente e divina dos teus olhos. Ella só me deixaria si, mais possante do que todas as serpentes, tu me aninhasses no tepido ninho dos teus braços... E não vens!...

Falaram-me de ti... de ti que eu amo tanto!... E tive de calar o soluço plangente do coração e tornar risonho o brilho merencoreo dos meus olhos...

Falaram-me de ti, da tua excelsa bondade, dessa tua discreta mas flagrante grandeza d'alma. Apoiei com ardor quasi pungente as palavras sinceras que ouvia, e, sem querer, meus olhos se orvalharam de lagrimas...

E como não havia de ser assim, si a tua santa piedade derramou por sobre o meu pobre corpo martyrizado as ondas luminosas da tua doce e incansavel solicitude?...

Foste o meu "prompto allivio" e Foste o meu balsamo suavissimo e infallivel...

Foste o meu sol insubstituivel...
Foste o meu salvador...

Só o milagre da tua presença bastava para adormecer no seu [illegible] de horrores todos os meus soffrimentos...

Tu me surgias com essa doce suavidade de um Messias...

Tu me surgias numa atmosphera de luz, de piedade, de meiguice, de consoladora paz, de reconfortadora esperança.

Um aspecto da exposição de trabalhos manuaes executados pelos alumnos dos Grupos Municipaes da cidade de São Luiz do Maranhão. Esse certamen foi levado a effeito por occasião do encerramento do anno lectivo de 1929, tendo funccionado no Theatro Arthur Azevedo, na capital maranhense.

Eras a Luz da minha Treva, o passaro divino que povoava a minha solidão, o motivo da minha resignação evangelica, a razão suprema por que supportei heroicamente o sacrificio da vida, por que sorria, por que me enfeitava, por que cantava, por que me engrinaldava os cabellos de perfumosas rosas e odoriferas magnolias, por que me aspergia de essencias caricioosas, por que me armava, por que vivia!...

E como não havia de ser assim, si tu és o proprio Milagre?!...

Divino! A minha alma é tua desde que, como uma flor de sangue e de luz, meu coração abriu-se de repente, sob o mágico poder de teu carinho, a corolla sangrenta. E si não sou tua, é porque não queres. Fala! E será teu o thesouro da minha alma de excelsa amorosa, bem como o deste escrinio que o esconde.

B. B.

Norma, filhinha do sr. José Alves Belém.

## RETRATOS

*Já não usam os albuns de retratos,*
*nem os retratos nas paredes... O uso,*
*hoje, é propicio aos corações ingratos,*
*e a gratidão é sentimento "intruso"*
*aos grandes-actos...*

*Para compensação,*
*temos a moda da "enthronização"*
*de Jesus-Redemptor,*
*marido, pae e irmão,*
*unico amor*
*e unico membro da familia*
*para as donas de casas*
*maceradas de mystica vigilia,*
*que, religiosas só pela plumagem,*
*enthronizam na sala a santa imagem,*
*e, pombinhas sem fel, ruflam as azas*
*e desmaiam de fé e de fervor...*
*Mas a enthronização*
*é, muitas vezes, para "tapeação":*

*As construcções modernas*
*supprimiram o quarto do oratorio...*
*E as viuvinhas ternas*
*e as casadinhas mais religiosas,*
*só por falta de quarto, e em substituição,*
*prégam no corredor Therezinha das rosas*
*e chamam capellão*
*para o ceremonial thronizatorio*
*do Christo-rei num canto do salão...*

*— Psiit... mas não é tanto assim. Ainda hontem fui visitar uma criaturinha ultra-chic. Salão-nobre. Gobelins, jarrões caros, reposteiros, e filets carissimos, de conto e meio para cima... Pois no meio dessas cousas e de uma "tanagra" authentica, talvez a segunda authentica, pois até hoje a unica juramentada é a do Itamaraty, fui encontrar — pasmem vocês, meninas que enthronizam no quarto John Gilbert e Ramon Novarro! — fui encontrar em estantes de arte e columnetas estylizadas, antigos retratos de familia — um bisavô que morreu na Cisplatina, o irmão mais novo, quando tinha dez mezes e... (ora, o pigarro!) e... e... posando para Maneken Piss. E mais duas priminhas gemeas (que são hoje as Claras Bows do posto VI), quando tinham seis mezes, ambas nuasinhas, de barriga para o ar, deitadinhas sobre o edredon de plumulas... ual!*

*Reclamei então que faltava no salão o Christo enthronizado. E a gentilissima dona da casa (um adoravel bungalow sem estylo colonial) me explicou suavemente:*

*— Minha avó era uma santa. Criou cinco sobrinhos e seis filhos naturaes de meu pae, a quem amou e foi fiel, apesar de tudo. Fundou quinze créches e deixou sempre anonymo o dadivoso gesto da fundadora. Foi christã em pensamentos, palavras e acções. Meu padrinho, o conego Lima Trevo, dizia-me, sincero: "Menina, mais religiosa que sua mãe, nem o Papa Leão XIII..."*

*— E dahi...*

*— Dahi é isso. Minha mãe não tinha Christo enthronizado na sala. Tinha-o enthronizado no coração...*

ZIM.

# O Pavão

**De. H HUTT**

JAYME WISSACK era um negociante de aves que tinha seu estabelecimento na rua Medbury. Longos annos de officio haviam-no cansado, distrahido, feito submisso e sonhador. Esse genero de commercio é exhaustivo e necessita de infinitas horas de paciencia para tratar da exigente freguezia, a qual, depois de puras discussões e conversa fiada, sabia sempre sem nada lhe comprar.

Wissack era misanthropo. Tambem eu nunca vi negociante de aves que não o fosse.

Para todo negociante de aves ha, no emtanto, um dia no anno — o de Natal — em que suas casas commerciaes, repletas de perús, gallinhas, patos e toda especie de aves domesticas, enfrentam a gulodice dos compradores que, nessa época, não fazem questão de preço.

Mas, durante tresentos e sessenta e quatro dias (tresentos e sessenta e cinco em annos bi-sextos), o vender perús é um negocio, relativo. No emtanto, só o dia de Natal dá para o dono da casa de aves encher os bolsos.

Nosso homem, portanto, apesar de ser um distrahido, estava disposto a tirar seu proveito na vespera de Natal para manter sua familia durante o anno proximo.

A casa de aves de Wissack começou cêdo a fazer negocio com movimento e animação. Grande quantidade de aves gordas tinha sido vendida antes das nove e meia da manhã, e Wissack começou a cantar alegremente quando viu que a caixa estava enchendo se. Emocionado, attendia á multidão que lhe enchia o estabelecimento.

— Por aqui, senhores! — dizia Wissack. — Por aqui, si querem fazer uma bôa escolha. Aves escolhidas de primeira classe. Veja, senhora, este bello pato. Já viu alguma vez semelhante maravilha?

A senhora em questão respondia que, na verdade, nunca vira ave tão bonita.

— Veja que carne, que pernas que excellente qualidade! — continuava lyricamente Wissack. — Este animalzinho agradaria ao proprio rei da Inglaterra.

A ave era vendida immediatamente.

— Entrem, senhores! — continuava Wissack. — Entrem que temos aves em grande quantidade! Comprem, comprem!

O negocio havia começado como um verdadeiro desquite para o resto do anno. Wissack e Bob, seu suarento ajudante, se conduziam com bravura deante do ataque dos compradores.

Nessas avalanches, os dedos affectados de muitos freguezes eram tão magicos como do famoso illusionista Fu-Man-Chu, isto é, pura unha, e como consequencia, nessa especie de arremetidas, resultava que as aves situadas na dianteira do estabelecimento diminuiam consideravelmente de numero. Especialmente desastroso resultou o caso de um freguez que fez desapparecer magicamente um bom numero de aves e acabou por comprar um pequeno frango. Essa classe de numerosos illusionistas era a cruz do vendedor de aves.

Assim começou aquella manhã. Hora a hora, e o *stock* de perús no estabelecimento de Wissack decrescia em quantidade e qualidade. Wissack e Bob continuavam sem descanso, e a noite ia avançando. A freguezia diminuia e no estabelecimento do nosso heróe só restava uma ave. Era um pavão.

Um pavão com uma expressão de arrogancia e desdém tal, que o publico passava ao largo depois de olhal-o com certo ar de temor e respeito. Ninguem gosta de aves de olhar desdenhoso, e não me lembro de ter visto um animal que apparentasse uma atitude tão desdenhosa como esse pavão a que me refiro. Era um pavão repugnante.

Wissack e Bob permaneciam estudando o animal, e depois se contemplavam ambos e se perguntavam:

— Por que não o querem? E', no emtanto, um formoso exemplar, — Dizia o negociante. Não sei porque o repellem.

O auxiliar tambem parecia preoccupado.

— Deve ser vendido — repetia Wissack. — Pois si não tem nada de máo...

— Mas parece que olha com desdem — ajuntava, nervoso, Bob.

— Ora! Sua expressão nada tem com sua gordura. Ahi vem a senhora Wickers. Ella o comprará.

Dito isso, o negociante tomou o pavão e o collocou em uma estante, dirigindo-se ao encontro da alludida senhora.

— Bôa noite, *madame* — disse, sorrindo amavelmente. — Chegou a tempo para levar o ultimo pavão que nos resta. E' um bello animal, *madame*.

— Realmente!... — exclamou, com alegria, a senhora Wickers. Que sorte tenho eu!

Bob trouxe-lhe o pavão. Houve um momento de silencio, e a freguesa, quem sabe sob que penosa impressão, se poz a chorar sahindo

**FON-FON**
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0377. — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136
CAIXA POSTAL 97
RIO DE JANEIRO

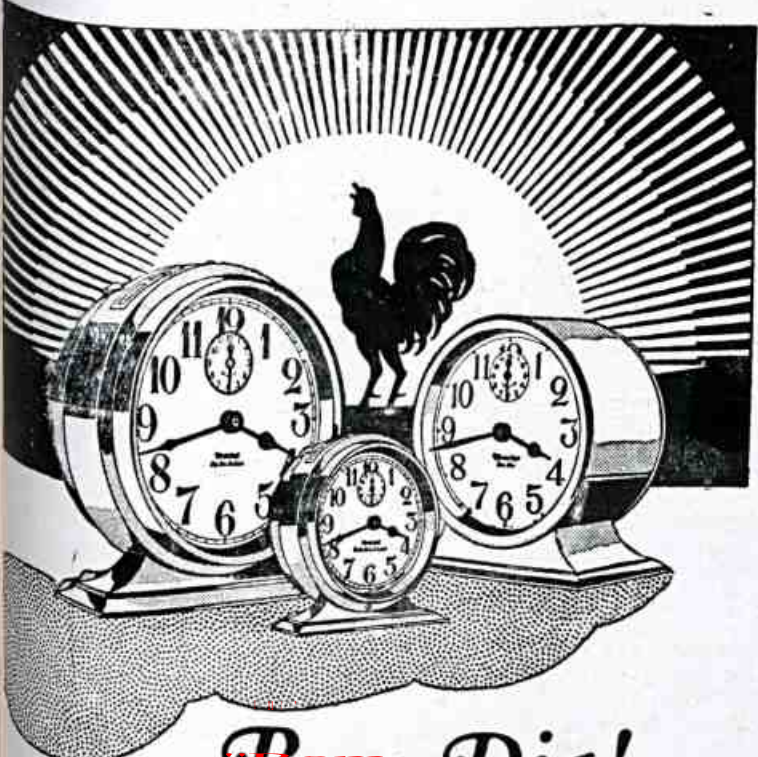
PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno ........ 48$000
Semestre ....... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

# Mulheres Bellas

*somente usam o finissimo Pó de arroz*
**BAL DES FLEURS** *ultima creação do perfumista*

Gueldy
de Paris

Caixa Rs. 7$000 a venda nas Perfumar.:
Grio, Bazin, A Capital, Carneiro Lopes, Mascotte, Avenida, Ramos Sob., Garrafa Gr., Hortense e todas no genero.
Rep. S.A.B. Industrial e Commercial - Quitanda 66 - Sob.

# Bom Dia!

DURMA tranquillamente a noite inteira. E ao amanhecer o alacre tilintar do Westclox o despertará á hora marcada.

Porquanto o Big Ben (Ben grande) e o Baby Ben (Ben pequeno) são perfeitamente *fiéis*—como todos os Westclox—reguladores inegualaveis.

Em côres variegadas, a pastel, e brilhante nickelado, os Westclox encantam a vista . . . . e são feitos para trabalhar com precisão annos seguidos.

# Westclox

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS. E. U. A.

# O que nem todos sabem

Os antigos não suspeitavam a presença do vapor de agua. Attribuiam seus effeitos ao ar, e julgavam que a agua tinha a propriedade de se transformar em ar.

•

Um novo methodo de pescar baleias está sendo applicado no Oceano Antarctico.

Até agora, como se sabe, era utilizado o arpão, algumas vezes preso a explosivos, o que apresentava varios inconvenientes.

Consiste o novo processo em ligar ao arpão dos baleeiros um fio metallico. Quando o arpão tiver attingido o colossal mammifero, será enviada pelo fio uma fortissima corrente electrica. A baleia será, assim, morta instantaneamente.

Resta saber se o formidavel choque electrico não prejudicará a qualidade do oleo da baleia, que é a razão principal da sua pesca em larga escala.

A maior parte das linhas da mão humana, em cujo estudo e interpretação se baseia a chiromancia, se encontra tambem nas mãos dos macacos...

•

Em breve será possivel transmittir recados pelo telephone e telegrapho sem fio, reproduzidos graphicamente. Já ha quasi dois annos tem experimentado o sr. G. M. Wright, nesse sentido, um apparelho que declara estar quasi completo. Os recados serão transmittidos e recebidos com a propria letra do mandatario.

Esse systema economizará tempo e custará menos, porque, ao invés de preparar e desenvolver as placas sensiveis, pelas quaes actualmente as photographias e *fac-similes* são transmittidos, colocará o escripto, em original, no apparelho transmissor. Será reproduzido quasi ao mesmo tempo na outra extremidade.

•

Os indigenas de Madagascar têm especial predilecção pelos ossos de crocodilo. E nas ilhas das Antilhas e do Pacifico se comem em abundancia ovos de lagarto.

•

Um joven normal de dezesete annos pode levantar, geralmente, um peso de cento e quarenta kilos. Aos vinte annos, as forças augmentam de tal fórma, que se podem levantar cento e setenta kilos de peso. O maximo, porém, de peso não se consegue levantar até os trinta ou trinta e um annos. Dessa edade aos cincoenta annos é mais rapida a decadencia. Aos cincoenta se tem pouco mais força que aos vinte, mas dahi em deante a força humana baixa rapidamente, e em proporções diversas, segundo a constituição do individuo.

---

# O PAVÃO

(CONCLUSÃO)

immediatamente sem levar nada.

— Ora!... — exclamou o negociante, estupefacto.

A segunda senhora que passou, viu o pavão, e foi continuando o seu caminho, sem ouvir o que, a respeito do animal, lhe diziam Wissack e Bob.

— Ha um mysterio aqui!... — falou Wissack.

O reverendo Peter Mc. Humble passava casualmente por ali, quando lhe foi offerecido tambem o pavão restante. Mas, ao vêl-o, o reverendo foi correndo para sua casa, onde, ao chegar, escreveu um sermão sobre os *Sete peccados capitaes*.

— E' absurdo, é ridiculo! — repetia o pobre negociante de aves. — O pavão não tem nada de máo, excepto sua cara. Bob, o pavão deve ser vendido, custe o que custa.

— Ahi vem a senhora Wilkinshaw. Vejamos si ella o compra.

A senhora Wilkinshaw disse que com agrado levaria o pavão si fosse chiromante ou advinha. Desgraçadamente seu marido gostava de beber, e poderia muito bem acontecer alguma cousa desagradavel em sua casa quando ella alli chegasse levando um pavão com semelhante expressão. Ella tremia só em pensar nisso.

Chegaram as dez da noite. Ainda não havia sido vendido o pavão. Wissack, desesperado, resolvêra vendêl-o por qualquer preço, rebaixando-o consideravelmente. Mas nem assim conseguiu vendêl-o. Wissack odiava o pavão com alma e vida, mas esperava ainda desquitar-se de alguma maneira. Si não fôra pelo bom dinheiro que esperava ainda receber, já teria abandonado o animal orgulhoso e ido para casa.

Por ultimo, uma figura familiar appareceu á distancia. Era um coronel do exercito britannico, freguez do negociante de aves. Wissack emocionou-se.

— Aqui temos nosso homem — disse elle a Bob. — Ahi está o freguez. Anda, põe este chapéo e este casaco e faze de conta que és, tambem, um freguez.

Bob fez, rapidamente, o que lhe haviam ordenado, e Wissack começou a parodia, observando de soslaio o militar.

Quando o coronel se aproximou de Wissack, este começou a vociferar:

— Não, senhor! Não lhe posso vender esta ave, de maneira alguma! Não ha venderia nem que o senhor fosse o rei. Não, senhor, de maneira alguma. Bôa noite, senhor, bôa noite.

O coronel ficou contemplando a scena e se adeantou para elles, emquanto Bob fingia retirar-se.

— Não vende esse pavão? — perguntou.

— Não, senhor. Não o vendo.

— Pois eu lhe compro o pavão.

— Lamento, senhor...

— Vamos, diga-me: quanto quer por elle?

— Não posso, senhor. E' a melhor ave que tinha e a reservei para mim.

— Pois eu preciso dessa ave. Ponha preço.

— Senhor...

— Ponha preço, e não fale. Aqui tem duas libras.

O coronel puxou o dinheiro da sua carteira, envolveu elle proprio o pavão como poude, e sahiu bem satisfeito e orgulhoso.

Mal o freguez havia desapparecido, o negociante e seu auxiliar começaram a dançar um charleston. Era o ponto final de um [illegible] quasi perfeito. Fôra vendido o [illegible]toso pavão.

Wissack se dirigiu, então, para sua casa, e quando chegou, veiu ao seu encontro a esposa, que o interpelou asperamente:

— Vejo que te esqueceste do que te encommendei. Porque não trouxeste?

Wissack não comprehendeu [illegible]

— Depois de tudo o que te disse esta manhã — acrescentou ella — [illegible] vejo, repito, que esqueceste o [illegible] que ias trazer para [illegible] amanhã!

# Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

## CINEMA RIALTO

# "SANGUE MINEIRO"

## Da Phebo Film

Antes de mais, seja-nos permittido dizer que a FON-FON aplaude incondicionalmente quantas manifestações de esforço, de fé e de tenacidade se levantem por esse Brasil afóra em prol do cinema nacional, ou que deem prova de vitalidade ao cinema brasileiro, sejam ella simples documentarios, claro que sem intuito commercial, sejam desenvolvidos trabalhos, como que tentativas de vôos ansiosos d'uma arte que se encontra na sua infancia. O que FON-FON exige tão sómente é sinceridade no trabalho, nenhuns intuitos vis de industrialismo solapador ou a objectividade d'aquelle neologismo eloquentissimo: cavação.

N'estas circumstancias, FON-FON regosija-se com a exhibição de *Sangue mineiro* que, em bôa hora, o programma Urania tomou a seu encargo apresentar na elegante sala do Rialto.

Seria desnecessario accrescentar, como já o temos feito nos casos anteriores, que não vamos fazer a critica da pellicula da Phebo-Film. Vamos apenas deixar aqui algumas impressões, na sua maioria agradaveis. Assim começaremos por dizer que em *Sangue Mineiro* se denuncia uma sensivel melhoria sobre as producções anteriores, melhoria na parte technica, melhoria no "á vontade" com que os nossos artistas se encontram em frente da objectiva. Na parte technica ha uma circumstancia que, de uma vez por todas devia ser posta de parte, a qual não acreditamos que haja um director de boa fé que a aceite. Referimo-nos á filmagem de interiores com luz natural. Sabemos que ha certas despesas que pesam de mais para iniciativas modestas. Mas, mais um pequenino sacrificio, ou a modificação no "scenario" fariam desapparecer essa pessima meia luz, esse fundo de sombra em que se apagam figuras e objectos, n'um mesmo plano pastoso. Deixem essa luz natural para os exteriores, quando sirva, é claro. E n'este ponto *Sangue Mineiro* tem pedaços formosissimos que dizem bem da formosura incomparavel da terra brasileira.

Cabe aqui uma pequena observação, que vae

*NOS CINEMAS DA AVENIDA* (*Conclusão*)

sem malicia. Por que *Sangue Mineiro*? Aquelle sangue mineiro tanto o póde sêr, como póde sêr carioca, pernambucano, paulista, ou qualquer outra. Vamos vêr se nos fazemos comprehender.

A designação d'um local no titulo d'um filme exige, consequentemente, os caracteristicos d'esse local. Assim, dizer-se "Sangue mineiro" implica necessariamente o ter de se dar ao ambiente, ás figuras, ao caracter dos sentimentos, aquelle colorido que caracteriza a terra em que se desenrola a sequencia da acção. E a antiga provincia de Minas Geraes é dos estados brasileiros o que melhor guarda um caracter proprio e tradicional. E a direcção em vez de nos dar aquelles cavalheiros dançando *fox-trot*, de smoking mal feitos, parecendo com medo da objectiva, poderia dar-nos uma noite de S. João n'um arraial mineiro, com as suas danças, os seus costumes e até mesmo os seus canticos. Mas... isto é uma opinião que fica á margem do nosso aplauso caloroso ao trabalho de Mauro.

Na realidade, é um trabalho progressivo. Isto basta para merecer os aplausos de todas as pessoas bem-intencionadas que se interressam por cinema. O filme vê-se de extremo a extremo sem cansaço, com manifesto interesse, excepto n'um ponto ou outro, onde a acção pára demasiado. E', na generalidade, um trabalho limpo, e muitas das suas pequenas fraquezas derivam da falta de recursos com que os nossos esforçados batalhadores do filme nacional lutam corajosamente. Um material carissimo, mercê da sobrecarga com as pautas que o suffocam, como exigir a um director que filme uma, duas, três quatro vezes uma scena até a tornar perfeita! Impossivel. Haveria filmes modestos que sahiriam no Brasil, para serem impeccaveis, caro mais que um bom filme americano, posto no mercado.

A interpretação foi, em geral, demonstrativa d'uma dedicação, d'um enthusiasmo, que se conhece claramente. Todos alli estão por paixão, por amor a uma arte que adoram. Não ha que exceptuar ninguem. Podemos collocar todos no mesmo plano, e sob o calor dos mesmos aplausos. Se algum destaque poderão ter n'esta ligeira nota, são as duas artistas Carmen Santos e Nita Ney, duas almas apaixonadas pela arte do écran e que dia a dia se adaptam com mais verdade aos trabalhos dos *studios*.

Finalisando, FON-FON apresenta ao director Mauro os seus sinceros parabens pelo trabalho realizado e incita-o a continuar com o seu esforço honesto e bem intencionado em prol d'uma arte, que bem podia merecer o amparo de todos os bem patriotas.

# ESTRELLA QUE SE APAGA

A tela havia tornado celebre sua cara de velha e seus olhos claros. Suas mãos, enrugadas, conheciam o segredo dos gestos que arrulham, que acariciam, e que consolam. Seu sorriso era, através de suas lagrimas, como o arco-iris depois de uma chuva de primavera, e quando abria seus braços parecia que nelles podia refugiar-se tudo o que soffria.

Avozinha! Não a conheciam por outro nome. Na vida nossos actos são os que nos dão nosso verdadeiro estado civil. E os gestos daquella mulher eram tão maternaes, que todos os orphãos do coração e da carne a tinham denominado, instinctivamente, *avozinha*.

No emtanto, a *avozinha* era uma solteirona. Nunca em sua vida, triste e solitaria, havia conhecido a ternura. Só o conseguira ficticiamente, imprimindo peliculas.

A juventude da *avozinha* fôra uma das muitas sacrificadas por um amor desgraçado.

Mas, si sua juventude passára despercebida, em compensação sua velhice, consagrada á arte, a fez celebre, e, emquanto permanecia no *studio*, se fazia a illusão de que sua vida não era triste e desolada. Mas, quando voltava a sua deserta, ao se ver reclusa em seu quarto, muito grande para ella, só..., a *avozinha* passava muitas noites de insomnia, recordando suas esperanças frustadas e sentindo infinita amargura.

Chegou um dia em que os directores temeram pôr seu nome nas distribuições.

— Está exgotada — diziam, inquietos. — Seria um desastre si começassemos a imprimir e não pudessemos terminar a pelicula.

E a *avozinha* conheceu a injustiça humana, que prescinde dos velhos.

Certamente que durante sua vida artistica fizera grandes economias e que podia continuar vivendo confortavelmente. Mas, si as preoccupações materiaes não a angustiavam, no emtanto a opprimia uma grande angustia moral.

Parecia-lhe que, ao deixar de ser a *avozinha* para voltar a se transformar na solteirona por todos esquecida, perdia aquelle amor que, embora illusorio, satisfazia a seu coração, avido de affectos.

Então a *avozinha* conheceu a humilhação das esperas nos salões dos directores. Solicitava trabalho com tal empenho, que as pessoas diziam, indignadas:

— Que velha mais avará! Tendo como tem para viver, podia, agora, ir descansar!...

Afinal, um dia, depois de muito supplicar, teve a alegria de firmar novo contracto em condições irrisorias.

O administrador da empresa era um homem rude, que lhe disse sem a menor delicadeza:

— Supponho que terá a senhora resistencia para trabalhar até o fim!

— Nada receie! Acabarei a pelicula — respondeu a *avozinha*, juntando suas mãos frias.

E cumpriu sua palavra.

Seu coração estava cansado pela inacção, e, como um desses moinhos que, incapazes já de moer o bom grão, dão voltas no vacuo.

Quando voltava para casa, depois de um dia de trabalho, tinha falta de ar, e algumas vezes soffria syncopes e cahia sem sentidos nos braços de sua creada, espantada.

O medico, que a creada fez chamar, sem consultar a patrôa, receitou a digitalina, o oleo camphorado e, antes de tudo, o repouso absoluto.

— Sim, sim... Quando terminar a filmagem da pelicula — respondeu a *avozinha*, com sua doce voz.

Seu papel — de sacrificio e ternura — enchia seu coração insaciavel. Era o melhor que havia representado em sua vida, e ella punha toda sua alma naquella ficção.

Quando chegou o momento de filmar a ultima scena, a *avozinha* estava tão esgotada, que, ao vêl-a na cama de columnas que fôra collocada no *studio*, o director de scena se sentiu inquieto.

— Quer que terminemos amanhã? — perguntou-lhe.

— Não. Ao contrario; quero terminar quanto antes.

O homem, passando a mão pela fronte e seguindo os occulos, ordenou:

— Tu, Suzanna, ajoelha-te junto ao leito. Muisac, fica ao lado de Suzanna. Muito bem! O doutor junto á janella... E você, *avozinha*, colloque seu braço sobre a coberta... Perfeitamente! Attenção, que vamos começar!

Funccionaram os projectores emquanto o operador manejava o apparelho.

— Meus filhos! Meus filhos! — suspirou a velha.

E como sua morte realizava o sonho de sua vida, nenhum dos presentes percebeu que era aquelle o suspiro supremo que escapava de seus labios entreabertos e extasiados...

De ALBERT JEAN

# ESPIRITO ALHEIO

*O banqueiro.* — Padre, accuso-me de ter peccado muito.
*O confessor.* — Por acções?
*O banqueiro.* — Não. Por emissões.

— Respire profundamente e diga tres vezes trinta e tres.
— Noventa e nove...

*O ladrão (a seu cumplice).* — Para a frente, Pedro! Podemos nos retirar tranquillamente. Não ha viva alma á vista!

— Por que não escreves teu diario?
— E que é isso?
— A historia de tua vida, de tudo o que fazes, do que se passa comtigo.
— Ah! Disso se encarrega a policia...

CURTO DA VISTA

*O motorista (depois de paciente espera).* — Esses inspectores de vehiculos parecem estatuas!

# O philosopho e o mestre escola

## De B. M. SAN MARTIN

O *philosopho*. — Entre, amigo! Aqui temos o famoso Mestre Anastacio, que não sabia ler e abriu escola.!

*O Mestre*. — Aqui está o amigo philosopho que, de puro subtil, é inepto para as cousas vulgares da vida!

*O philosopho*. — Não seja nescio! Você bem sabe que o divino Platão disse que seriam ditosos os povos si os reis fossem philosophos ou si os philosophos fossem reis...

*O Mestre*. — Maria Santissima! Pobre povo! Li não sei onde que os Estados em que o poder esteve em mãos de philosophos cahiram na anarchia...

*O philosopho*. — Que sabe você disso? Algum dia folheou siquer a *Critica da razão pura?*

*O Mestre*. — Nem me faz falta. O mundo viveu tão ricamente antes de se escrever essa inintellivel maravilha e tão unicamente continúa vivendo depois de publicada. Deixe, deixe que os pobres anjinhos se aproximem de mim, que com saber *ler*, *escrever*, *contar* e ser bons, têm bastante para ser homens...

*O philosopho*. — Infeliz Anastacio! Nem siquer lhes ensina um pouco de grammática?

*O Mestre*. — Homem, em que ficamos? não se lembra mais que, num livro famoso, você mesmo disse que a *grammatica era um supplicio do espirito bastante para torturar a vida de um homem?* Que supplicio não será a metaphysica? Basta que concorde com você mesmo...

*O philosopho*. — Anastacio..., você confunde o rasgo de genio e a ironia subtil com a suprema razão das cousas. Aquillo foi apenas uma sahida de bom tom. Mas, embora seja um supplicio... é preciso estudar a grammática.

*O Mestre*. — Homem, só por sua inconsequencia, não quero que meus alumnos aprendam a soffrer tão cêdo. Alem disso, não quero fazer grammáticos, porque pude notar que estes costumam ser sempre os peores escriptores.

*O philosopho*. — Especialidade do Mestre Anastacio! E' preciso estudar tudo, até metaphysica.

*O Mestre*. — E' preciso estudar as sciencias que mais se aproximam do sentido commum. Não se se lembra que tambem é sua essa sentença? Ensinar a *ler*, *escrever* e *contar* ao menino, é tirar a venda do homem..., que ao abrir os olhos já poderá colher a fructa, isto é, a sciencia que mais lhe convenha.

*O philosopho*. — Que heresia! Você pensa que um homem ignorante de todas as verdades puras póde viver uma vida intellectual superior á dos cerdos de Epicuro?

*O Mestre*. — E você pensa que é possivel que um homem viva sem saber para que serve sua mão direita?

*O philosopho*. — Eu quero fazer sabios para fazer homens!

*O Mestre*. — Eu quero primeiro fazer homens. E si depois algum sahir sabio, como você, ficarei pesaroso. Mas alguma cousa ha de se perder na vida...

*O philosopho*. — Você está impossivel, velho intoleravel!

*O Mestre*. — Não escreveu você que *a ausencia de sabedoria torna agradavel a vida?*

*O philosopho*. — Não ha cousa mais ridicula do que tratar um assumpto sério de uma maneira frivola, — á maneira dos autores de comedias em uso...

*O Mestre*. — Não é tão perigoso como ter o sabio duas linguas: uma que diz a verdade, e outra o que lhe convém! Lembre que esta definição do sabio tambem é sua.

*O philosopho*. — Maldito seja você, Anastacio, de todos os demonios! Não acredita na ironia metaphysica? Pois é o paradoxo de nossa inconsequencia...

*O Mestre*. — Creio na vida. Porque tambem li, em outro livro seu, que *o homem se distingue do sabio em que se deixa levar por suas paixões, ao passo que este as menosprezam para seguir os ditames de sua razão.*

*O philosopho*. — E isso é uma insensatez?

*O Mestre*. — E' grande. Porque si todos nós fossemos como o philosopho com que sonhava você, isto é, um homem isento de paixões, seriamos uma chimera que não teria nada de humano, um ser que nem existiu nem jamais existirá, porque seria um monstro de coração insensivel ao amor, ao bem, á compaixão e a todos os nobres sentimentos da alma.

*O philosopho*. — Iriamos ganhando, que tambem era insensivel ao odio, ao mal e a todas as baixas e ruins paixões!

*O Mestre*. — Já o pesquei em outra inconsequencia! Muito [illegible] feito de suas affirmações. [illegible] disse que *todos os animaes se resignam com sua sorte, emquanto que o homem pretende transformar os limites traçados pela natureza a suas faculdades*, e é sua grande verdade: só o sabio quer deixar de ser homem imperfeito para ser um deus... Como si fosse isso possivel!

*O philosopho*. — Você é implacavel, Anastacio!

*O Mestre*. — E você altivo e teimoso — Mas venha cá, alma de Deus... Você não comprehende que quiz troçar do pobre e rotineiro Mestre Anastacio, e este foi quem acabou troçando de você, atirando-lhe á cara os paradoxos que você mesmo estampou em seus livros.

*O philosopho*. — Que se propõe você com isso?

*O Mestre*. — Que deixe em paz os humildes e os imperfeitos... deixando tambem um pouco de sabedoria para elles. Vae ser-lhe impossivel digerir você só toda a verdade...

*O philosopho*. — A verdade é de todos!...

*O Mestre*. — Graças a Deus! Já lhe disse antes: deixe que os meninos se aproximem de mim. Do pobre mestre ridicularizado por tantas gerações, e eu lhes ensinarei minha humilde verdade. A mim os pequeninos...

*O philosopho*. — A mim os homens!

*O Mestre*. — Seja! Mas não estrague o molde em que eu modelei o seu coração. Não quebre o [illegible] de sua felicidade, despertando-lhe ansias impossiveis... Do contrario maldirei sua sabedoria!

(*Abraçam-se, quasi reconciliados*).

# O Cão e o Homem

**De JOSÉ M. BRAÑA**

*O autor.* — Vejo que estás ardendo, minha querida leitora, por que te conte alguma cousa.

*A leitora.* — Com effeito. Estou tão inquieta, que só tu, contando-me uma historia, poderias fazer-me esquecer os motivos da minha inquietude.

— Pois bem. Já que se trata de tranquillizar-te, eu te satisfarei. Contar-te-ei alguma cousa, si não de merito, pelo menos muito humana. Uma historia que, infelizmente, se repete com muita frequencia. E' uma historia de...

— Eu o imagino: uma historia de dois namorados.

— Nada disso.

— Já sei. De um casal desventurado.

— Tambem não.

— Talvez a vida de um anachoreta, não?

— Não.

— De alguma mulher peccadora?

— Ainda não.

— Arre! Creio que não será uma historia de cães.

— Agora acertaste. Trata-se, exactamente, de uma historia de cães.

— E' possivel!

— Ora, não te espantes, que não é para tanto. Já te disse que te contaria uma historia muito humana. Para mim, os cães estão muito acima de noventa por cento dos homens.

— Nesse ponto estou de accordo comtigo. Ha cada homem! Muito poucos são dignos de ser comparados com os cães. Comparal-os é rebaixar os pobres cães.

— Escuta attentamente, que vou continuar. O cão de minha historio é um cão feio, fraco, bigodudo, grandalhão, semelhante a tantos cães vagabundos que não têm casa nem quem lhes atire um miseravel osso.

— Mas esse cão havia de ter dono.

— Tinha-o, sim. Mas fôra melhor não tel-o. Seu dono era um homem despotico, miseravel, que o maltratava sem motivo e que, pela cousa mais á tôa, o condemnava a soffrer fome e sêde.

— Já me puzeste nervosa descrevendo-me esse homem indigno de ser dono de um cão.

— "Sirio" — que era esse o nome do cão de minha historia — supportava estoicamente o supplicio a que o submettia o canalha de seu dono. O pobre se considerava tão pouca cousa, que em alguns momentos até se reconhecia merecedor dos maus tratos que recebia.

— Tinha que ser cão para ser bom.

— Com effeito. Quantas vezes poderia "Sirio" livrar-se de sua escravidão, fugindo ao acaso! Mas era incapaz de fazel-o. Faltava-lhe coragem para ser desleal a seu dono. Nisso se parecia com os escravos de outr'ora. Toda vez que, livre de suas cadeias, se chegava até á porta da rua, aberta por uma casualidade, se apoderava delle um grande medo. Temia sentir-se inspirado por um demonio máo e cahir na tentação de fugir. Então, humilde, corria para junto de seu dono, a cujos pés se deitava. E seu dono, o *senhor Carrasco*, como o chamavam, corria de seu lado, e de máos modos, o pobre animal.

— Que homem mais desalmado!

— E muito, minha filha! Esse *senhor Carrasco* não tinha familia. Nem o mais longinquo parente. Vivia só, em companhia de uma velha criada, naquelle casarão inhóspito de sua propriedade, encravado nos arredores da cidade.

— De que cidade?

— Qualquer uma. Para o caso é o mesmo. O velho, aváro e máo, era dono tambem de elevada fortuna. Uma fortuna invejavel, que havia feito nos longinquos dias de sua juventude, explorando seus semelhantes. Embora todos invejassem sua posição, ninguem se approximava de sua casa. Estava condemnado a não receber o consolo de alguem no dia em que o necessitasse.

— Permitte-me que te interrompa. Si o velho era tão miseravel como dizes, para que tinha o cão em sua casa, uma vez que por pouco que lhe désse de comer alguma cousa valeria o que lhe dava?

— Tinha-o pela mais elementar das razões. Porque sabia que "Sirio", com suas garras enormes, suas longas orelhas cahidas e seu corpo molle e immenso, inspirava certo temor aos ladrões.

— Ah!

— Mas o *senhor Carrasco* achava que "Sirio" era covarde. Seu aspecto humilde o dizia claramente. Quando o corria de seu lado, a pontapés, cuspia-lhe sempre a mesma phrase desdenhosa: "Sáe daqui, covardão!" E o cão, encolhido, obediente, se afastava sem demonstrar-lhe o contrario, encarando-se com elle abertamente.

— Eu só queria estar no logar de "Sirio"!

— Que novidade! E eu tambem! Mas, convence-te, joven, que tu e eu, si houvessemos nascido cães, seriamos dois "Sirios" mais. Mas não voltes a interromper-me, pois assim não acabarei nem amanhã com esta historia que, aliás, não pode ser mais breve.

— Desculpa. Não te interromperei.

— Vês. Voltaste a interromper-me.

— Foi sem querer.

— Vês como continúas interrompendo-me?

— Mas...

— Basta. Um dia, ou melhor, uma noite, "Sirio" se recolheu em sua casinha ferido e faminto. Durante a tarde, sem querer, quebrara um objecto qualquer. O *senhor Carrasco* viu isso e exasperou-se. Apanhou um pedaço de páo e correu atrás do cão. "Sirio", que no primeiro momento optára por fugir, se sentiu de repente covarde, e se deteve. E, enrolando-se a um canto, aguardou o castigo de seu dono. O *senhor Carrasco*, de natural perverso, não foi escasso no castigo. Deu até cansar no pobre cão. A cada pancada que recebia, o animal se encolhia mais, lançando gemidos cada vez mais dolorosos. Partia a alma ouvil-o! A velha criada, doida, interveiu em favor do cão, mas sua intervenção, longe de applacar as iras do bruto, contribuiu para exacerbal-as.

— Por que me contas essas cousas tão inhumanas?

— Inhumanas, dizes bem. Mas humanas tambem, que são cousas dos homens. O infortunado "Sirio" ficou cheio de contusões. Para cumulo, aquella noite o *senhor Carrasco* o privou do osso que costumava dar-lhe. Só com suas dores e suas angustias, deitado á porta de sua casinha, "Sirio" percebeu um ruido. Aguçou o ouvido, e pôde verificar que alguem, muito cauteloso, se aproximava.

— Quem era?

— Um ladrão. O bom animal teve a intuição de que seria um criminoso. Teve-a não sei por que. Talvez por ser cão. Esqueceu-se então de seu resentimento com seu dono e só pensou em seu dever: defender a casa e, sobretudo, a vida e o dinheiro de seu dono.

— E defendeu-os?

— Admiravelmente. Na manhã seguinte, ao levantar-se, a velha criada recebeu a mais terrivel surpresa. Junto á porta da casa apparecia o corpo frio e ensanguentado de um homem, e a seu lado, sentado sobre suas patas traseiras, "Sirio", orgulhoso de haver cumprido com seu dever.

— Devia ter deixado que o ladrão matasse e roubasse seu dono.

— Devia-o, sim, eu o reconheço e o approvo. Mas... Esqueces-te que um cão não é um homem? Pois não esqueças, minha filha, que quanto mais cão é um cão, tanto mais leal é e está mais por cima de noventa por cento dos homens, que muitas vezes são a vergonha para a raça humana.

Uma massagem com o Creme Simon é tão agradavel para o rosto como uma caricia. Não secca nem engordura, e pela sua perfeita untuosidade que penetra nos póros da pelle,

## O CREME SIMON

vivifica a epiderme, amacia-a e faz realçar o seu brilho natural.

*MODO DE USAR. - Espalhai-o sobre a pelle ainda humida, depois da toilette. Fazei-o penetrar nos póros por meio de uma leve massagem, seccando-o depois com uma toalha. Elle tornará mais aderente o vosso pó...*

o PÓ SIMON

PARIS

Lic. 77 de 1927

## QUEM FUMA?

**TABAGIL**

cura o vicio de fumar

Fumar é perder saude, tempo e dinheiro

**ARAUJO PENNA & C.**

Rua da Quitanda, 57 - Rio de Janeiro

## TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

**CAPPUCCINI & C.**

RUA DA ALFANDEGA, 172 - Rio de Janeiro - Tel. 3-5347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

**VESTIR**

SEMPRE MODERNOS E AUTHENTICOS PADRÕES INGLEZES COM ARISTOCRATICA ELEGANCIA

**54**

RUA DA CARIOCA

**ALFAIATARIA GUANABARA**

REPARAR O QUADRO NA VITRINE COM O N — 54 —

# A PALAVRA MAGICA

### De EMIR EMIN ARSLAN

De todas as lendas do Oriente, a seguinte é uma das mais interessantes e das mais typicas.

Demonstra, ao mesmo tempo, a dextreza e a astucia da mulher.

Contam, e Alah é o mais sabio, como se diz nas *Mil e Uma Noites*, que, um dia dentro dos dias, o sultão Baizid, tendo recebido do de Marrocos uma pedra preciosa engastada em um annel de grande valor, quiz que essa joia fizesse parte das joias da corôa, e que ao mesmo tempo se gravasse sobre a pedra uma palavra, apenas uma, que tivesse as seguintes virtudes: si elle estivesse contrariado, triste e de máo humor, bastaria que seus olhos cahissem sobre o annel e lesse aquella palavra para que immediatamente sua dôr se acalmasse, seus pezares desapparecessem e sua tristeza se dissipasse. Si, pelo contrario, estivesse cheio de prazer e exaltado de felicidade, a palavra deveria tambem moderar sua exuberancia e mitigar sua alegria.

O sultão Baizid tinha um grande vizir, que se chamava Zeidun. Mandou chamal-o, e, depois de ter-lhe explicado o fim de seu chamado, lhe manifestou seu desejo e lhe ordenou que procurasse aquella palavra magica, dando-lhe apenas vinte e quatro horas para encontral-a.

Zeidun beijou a terra entre as mãos do sultão, e retirou-se com o coração cheio de inquietudes, fechando-se em seu gabinete, afim de procurar aquelle talisman. Sabia que o fracasso significava sua desgraça e a perda de seu alto posto. Passou aquelle dia como uma fera em sua jaula, espremendo em vão o cerebro, sem que Allah lhe inspirasse nada. Quando o sol estava em seu occaso, triste e abatido, elle se dirigiu para seu palacio, esmagado sob o pesadelo do que o esperava. Encerrou-se de novo em seu quarto, dando ordens terminantes de que ninguem devia incommodal-o.

O grande vizir tinha uma filha, que se chamava Inaiat, conhecida por sua belleza famosa e por sua intelligencia penetrante e sagaz. Era, para seu pae, como a luz dos olhos e o coração de seu coração.

Ao ver seu pae nesse estado de afflicção, Inaiat sentiu uma grande inquietude, e, forçando a porta, penetrou no quarto daquelle, exclamando:

— Meu pae, que tem o senhor? Que é que tanto o preoccupa?

— Nada, minha filha — respondeu-lhe elle. São assumptos de governo que tenho que estudar e solucionar esta noite.

Mas Inaiat não se deixou convencer. Havia adivinhado que seu pae lhe occultava algo mais grave. Novamente lhe supplicou que lhe confiasse a verdadeira razão de suas preoccupações, e insistiu tanto, e por tal fórma, que Zeidun teve que lhe revelar a exigencia do sultão e o receio de perder seu alto cargo, si fracassasse.

— Si só se trata disso — disse Inaiat — não se afflija, pae querido. Com a ajuda de Allah, encontraremos a palavra magica desejada pelo sultão.

E ajuntou:

— As noites são propicias para a reflexão, e os pensamentos se aclaram mais. Durma tranquillo e confie na clemencia e na misericordia de Allah.

Zeidun abraçou e beijou com ternura sua filha adorada.

No dia seguinte, antes que fossem chamados os fieis á reza, Inaiat já havia encontrado a palavra que o rei queria. Saltou de seu leito e penetrou rapidamente no aposento de seu pae, proferindo a palavra que correspondia ao desejo do rei, e com a qual se acalmariam, a um tempo, a dôr do pezar e a exuberancia da alegria. Era *Iazul* (isso passará), pois nada é estavel neste mundo, tarde ou cedo tudo passa, tudo se dissipa: dores, pezares, afflicções ou prazeres.

Ouvindo essa palavra, Zeidun se inflammou de felicidade e alegria e estreitou sua filha em seus braços, beijando-a com fervor e ternura. Depois sahiu rapidamente, dirigindo-se ao palacio do sultão.

Logo que chegou á presença do sultão, exclamou:

— *Iazul*, majestade, é a palavra que deve ser gravada na pedra preciosa do annel.

O sultão felicitou calorosamente seu ministro, admirando mais uma vez sua intelligencia.

Mas o grande vizir lhe disse:

— Em justiça, não é a mim que correspondem as felicitações de vossa majestade, e sim á minha filha Inaiat. Foi ella quem encontrou a palavra magica.

Ante tal revelação, o assombro do sultão não teve limites, e manifestou o desejo de conhecer essa filha de intelligencia tão penetrante, e o grande vizir immediatamente obedeceu ao desejo do soberano, que, ao vel-a, não soube o que mais admirar nella: si sua viva intelligencia ou sua belleza deslumbrante.

Casou-se com ella, e a historia diz que foram muito felizes.

---

# INCENSÁRIO

Você veio, emfim, para o deslumbramento festivo do meu coração, que gosta tanto de sonhar!...

Você veio, Santa Therezinha do céu da felicidade, e espargiu rosas de alegria por sobre o encanto triste e sentimental do meu anseio apaixonado.

Minha princeza linda! O reino do meu coração ficou tão contente!... Você trouxe os seus olhos de sonho e o seu sorriso suave para o throno que esperava a coroação triumphal da minha illusão bonita.

Floresceram, numa orgia de côres, os ramos verdes da esperança que eu plantei no meu coração. Eu fiz desses ramos humildes uma corôa para você, meu enlevo e meu amor...

Tirei todos os espinhos scepticos que havia nelles, e entrelacei de flores o verde sombrio da arvore triste da incerteza. Flores lindas como você, petalas que eu atiro sobre a sua fronte serena e pura de princeza emotiva do reino sentimental e grande do meu coração...

Os meus olhos encontraram os seus olhos magoados e o seu sorriso de santa e de predestinada... Você, princezinha do meu amor, veio morar no palacio encantado dos meus sonhos tão lindos...

A felicidade ficou no altar da minha esperança de sonhador e de crente.

Ficou essa alegria que é você toda, que é o deslumbramento da [illegible]ça melancholica...

E' do castello [illegible] do meu coração [illegible] que vem aos [illegible] meus encantados, cheios do seu encanto e suggestivo reflexo macio e abençoado do meu vi[illegible] amor...

Eu esperava a sua fal[illegible] da, e você não falhou, boneca dos meus sonhos mais lindos!

Eu accendi para você a lampada votiva do meu coração esquisito.

Gil Moura

# VERSOS

## O SINO

Ha longos annos á alta, esguia torre branca
— Symbolo sacrosanto, excelso, venerando, —
Preso, insulado, o sino uns méstos sons arranca
Do seu bójo a vibrar, funebre badalando.

Lentamente se cala. Em calma plena e franca
Immovel permanece e assim fica até quando
A quietude em que jaz, de repente, elle estanca
O leve a se mover, meio dia vibrando.

Depois chega a exhaustão... E' o deliquio do dia...
O sino, triste, plange os sons da Ave-Maria,
E — monge — volve ao Claustro — a solidão, o olvido —

A noite tomba e estende o manto funerario
Envolvendo-o, e elle fica immovel, solitario,
Qual heroe de roldão arrastado e vencido!

HERNANI RAMIREZ

## RECORDAÇÃO

Tempo feliz... Recordas-te? Mais viva
Era a paixão, e havia em teu carinho
Essa ternura doce e compassiva
Que encheu de rosas todo o meu caminho.

A alma, nos laços da affeição captiva,
Só via flores onde havia o espinho;
E o nosso amor, sem magoa pungitiva,
Cantava alegre como um passarinho.

Naquelle tempo tudo nos sorria...
Tu eras a visão consoladora
Das minhas horas suaves de poesia.

Dias felizes que ninguem descreve...
Que saudade de ti, "Princeza Loura"!
Que saudade de ti, "Branca de Neve"!

RAUL SERRANO

## Á UMA MULHER

Desejo um pouco da alegria tua
Para suavizar minha tristeza.
Tenho sêde de amor e de belleza,
E em mim o pessimismo se insinúa.

Em teus lábios de virgem borbotúa
Um sorriso que é a arma, que é a defesa,
Com que te ha dotado a natureza
Para as lutas da vida amarga e crúa.

Ah! quem me dera ter, em vez da forte
Expressão do meu rosto masculino,
Um riso assim tão delicado e fino,

E essa alegria que te deu a sorte
Para rires, mulher, das mesmas cousas,
Que olhar de frente, ó homem, tu não ousas.

SOUZA NETTO

## LUCTA!

Vibre teu coração de symphonia
Da vida do grande universal compasso;
E que espalhe, ao vibrar, calma e alegria
Sobre os que emmudeceram de cansaço.

A vida, por vezes, é tristonha e fria
Como um sepulchro; — embora! avante! De aço
O peito tem e luta; quem porfia,
Vence sempre ao mais solido embaraço.

De combater com fé jamais te guardes!
Não queiras te juntar aos vis covardes,
Nem a turba accrescer dos infelizes!

Soffre, que a dôr é condição á gloria;
Pois existir jamais poude victoria,
Sem profundas e extensas cicatrizes...

ALBERTO RIBEIRO DA VINHA

# Para grandes e pequenos!

TODOS gostam do succo de uvas Welch. Aroma delicado, gosto agradavel, uma verdadeira delicia! Só por si, ou misturado com sumo de outras fructas, com agua simples ou gazosa, é sempre uma bebida refrigerante e consoladora. Vale a pena experimental-o!

GRATIS — Sirvam-se dar-nos o seu nome e endereço, assim como do seu fornecedor, e enviar-lhes-hemos o nosso folheto ensinando maneiras de servir o succo Welch.

PAUL J. CHRISTOPH CO., 98 Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro

Succo de Uvas **Welch**